

debaixo dos panos, me fez compreender mais o trabalho com o povo e me fez acima de tudo, entender que embora eu tenha começado a dar aula com dezoito anos, e eu estou com quarenta e cinco, eu estou atrasada. Porque o tempo corre, corre muito depressa, e ainda tem muita coisa pra fazer, e eu tenho que encontrar uma forma de ser mais rápida que o tempo, e possibilitar mais multiplicadores das idéias de Paulo Freire, do próprio Gandhi, Che Guevara, de tantas pessoas como o próprio Sírío Velasco. De tantas pessoas que fazem a diferença no mundo pra que esses exemplos, sejam não só lembrados mas vivenciados. É isso.

Entrevista com Osmar Renato Brito Furtado

Biólogo pela Universidade Federal de Pelotas – UCPel

Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

O ecomunitarismo pra mim ele é um projeto de vida, é... pós-capitalista. Discutimos isto muito com o professor Sírio e inclusive tem um livro do professor que te uma estimativa, não é, desse projeto ecomunitarismo um dia se concretizar, mas muito a frente, muito anos porque é uma sociedade igualitária pra todos, com todos com as mesmas chances de qualidade de vida, de economia, de perspectiva de uma vida, posso dizer, onde todos tenham a mesma oportunidade profissional, onde todos possam fazer uma faculdade, uma vida bem igualitária.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Educação ambiental tem vários conceitos como tu mesmo já estudaste isso aí, né. Cada um tem um conceito de educação ambiental, cada autor de vários livros de EA tem um determinado conceito de EA. Mas eu penso que a EA ela a princípio ela tem que ser interdisciplinar porque antigamente as pessoas viam o meio ambiente como fauna e flora; hoje, a EA mostra que não é mais nada disso, porque a EA, o meio ambiente começa dentro da gente, tu tens que estar bem contigo próprio, com a tua própria subjetividade, tem que trabalhar a tua subjetividade. Ninguém consegue praticar EA se não estiver bem consigo próprio, se não consegue ser um multiplicador de EA. Então é conscientizar as pessoas da importância da qualidade de vida, da sustentabilidade, de tu preparar a pessoa desde a pré-escola; eu acho que a EA tem que começar com os pequeninhos, ali tem até... eu tenho uma história prática de EA aonde eu fiz uma palestra com o primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental, e um dos alunos era filho de um amigo e passou um mês, dois depois da palestra e o meu amigo me encontrou num determinado lugar e, tomando um cafezinho, ele disse: poxa, Renato, não sei o que me passou na cabeça, comi uma bala no carro e fui atirar o papel pra fora e a minha filha de sete anos de idade do banco de trás me corrigiu, “pai eu não

acredito que tu vais sujar a cidade. Tu não é amigo do professor Renato? Ele nos falou no colégio que como é que pode a gente não cuidar” – vê que a criança gravou bem isso – Eu falei assim pra eles: quantos de vocês já viram alguém pegar o lixo olha pros lados e botar a sacola do lixo na frente da casa do vizinho ou no terreno vazio e não colocar na frente da sua casa?. Então quer dizer que o que interessa é cuidar da sua casa, é tu cuidar o teu espaço e aí tá sujando a mãe que é a terra, tá sujando o espaço do outro...

As pessoas tão pensando muito individualistas, enquanto deveriam pensar de uma forma coletiva. E o papel da EA é este, trabalhar na escola, trabalhar é, até informalmente, numa fila de banco, num ônibus, em qualquer lugar tu podes praticar EA. Como? Conscientizando, falando pras pessoas da importância da sustentabilidade, da sustentabilidade das gerações futuras, não é, o quê que vai ficar pro teu filho. Em alguns alunos eu pergunto: gente, vocês não pararam pra pensar que se não preservar o teu ambiente, daqui a cinquenta anos nós estaremos respirando com tubo de oxigênio, vamos trabalhar com tubos de oxigênio, que não vai ter mais árvores, que não vai ter mais fonte de oxigênio pras pessoas sobreviverem? Então EA é tu trabalhar estas questões, são questões que te rodeiam, mais simples possível. As coisas mais simples já é uma forma de exercer a EA. Ser um multiplicador preocupado com o quê que tu podes deixar para as gerações futuras. E eu acho que o importante é trabalhar com esses pequeninhos, que eles, como eu te disse, a menininha chamou a atenção do pai, e o pai dela disse: Renato, nunca mais eu..., eu boto no bolso o papel, mas não boto no chão, porque a minha filha de sete anos me chamou a atenção. Então eu acho que o importante, né, que um pequeno, uma pessoa, uma criança corrigiu um adulto e aquilo pra ele serviu como...

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Essa não é fácil. Essa tem que ter um conhecimento é... da EA, do socioambiental, das questões socioambientais, porque pra mostrar pras pessoas que meio ambiente, a educação, a EA está vinculada ao social. Eu mesmo quando saía com a professora Jara, em algumas palestras, alguns trabalhos, exemplificávamos o acidente do Bahamas em Rio Grande. A maioria das pessoas se preocuparam com a poluição do mar, do porto, da água, do meio ambiente e esqueceram do social; que com aquela poluição, aquela contaminação o pescador deixou de

pescar. Deixou de dar roupa pro seu filho, de mandar o seu filho pras escola porque não tinha um chinelo pra colocar, né, então eu vinculo muito a educação ecomunitarista ao social, ao ambiente social, socioambiental. Trabalhar as questões de economia, porque todas as coisas estão interligadas, tudo está interligado. Fritjof Capra no seu, aquele, "A Teia da Vida", ele diz que até nós seres humanos estamos interligados através de átomos, né, então uma coisa vai atingir a outra. Querendo ou não de uma forma indireta, mas vai atingir, as pessoas vão... Então o que é que acontece? Se tu tem um projeto, tem um conhecimento do ecomunitarismo, um mínimo de conhecimento que tem, um projeto de vida que o ecomunitarismo trabalha. Se tu não vincula o socioambiental a este projeto, tu tá, tu não tem praticamente conhecimento nenhum do que se que em termos de futuro pra se possa gradualmente, é um processo muito lento pra tu consegui desenvolver esse projeto ecomunitarista. Então o que é que eu vejo, que esta educação que eu te falei da EA e de trabalhar as questões socioambientais isso é uma consequência, porque no momento em que tu começar a desenvolver essa educação, direcionada ao ecomunitarismo essa aplicabilidade do ecomunitarismo vai se uma consequência do que tu vem plantando já no público em geral; na pré-escola, no ensino fundamental, no ensino médio e nas próprias Universidades, tu consegue, então, te aproximar de uma forma lenta, porque como eu te disse é um processo lento, tu consegues te aproximar dessa qualidade de vida, dessa forma de vida que é idealizada pelo ecomunitarismo.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

No meu modo de ver é a ação permanente, não é. Tem que ser uma ação social permanente como nós fizemos com o projeto ecomunitarista com os moradores a margem do São Gonçalo. Porque uma ação permanente? Ação social que se pratica muito hoje é em época de natal, dia das crianças, em datas específicas, isso é assistencialismo. Isso se faz hoje no sistema em que se vive, no capitalismo e em outras forma de projeto de vida que se tem no mundo hoje, atual. No projeto ecomunitarismo nós desenvolvemos sete anos desse projeto, porquê? Resgate de cidadania... A gente até discutiu muito isso, essa forma de resgate de cidadania, porque uma coisa nós pensávamos muito parecida eu e a Jara, será que está certo resgate de cidadania? Como é que se vai resgatar uma

coisa que eles nunca tiveram? Eu acho que a melhor forma é tu trabalhar, desenvolver projetos objetivando o resgate de cidadania e qualidade de vida pra essas pessoas. Pelo menos uma qualidade de vida estável, nem que não seja uma qualidade de vida como a gente queria que fosse, mas pelo menos eles terem uma condição de vida estável pra pudessem ter o seu lazer, ter o seu trabalho, a sua alimentação, acesso a escola. Quando nós iniciamos aquele projeto, noventa crianças não iam a escola. Nós conseguimos colocar noventa crianças dentro da escola de um total de cento e quarenta e sete. Fizemos um acordo com os pais, a professora Jara conseguiu uma verba e as crianças tinham que andar na carroça e... puxando carrocinha com os pais pra catar o lixo e aí nós conseguimos uma verba e compramos arreios pros cavalos e todo o material, toda uma estrutura para uma carroça trabalhar com tração animal em troca deles liberarem as crianças para irem pra escola. Aí ganharam arreios novos, tudo novo pra carroça e os pais então concordaram em colocar as crianças na escola. Nós conseguimos algumas verbas e eles compraram cavalos.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Ordem socioambiental ecomunitarista é a que nós fizemos, não é, desenvolvemos este trabalho socioambiental naquela área, hoje eles já estão tendo uma vida mais, podemos dizer que social dentro de uma inclusão na sociedade, mesmo que restrita, ordem eu não sei, um entendimento assim da questão a que tu te referes, a organização socioambiental ecomunitarista, daquela região pelo menos, da organização deles em cooperativas, escolas, bibliotecas estão sendo montadas ali, alguns recursos, essa parte assim.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique. Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando (vocês) moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

Quando nós iniciamos com o projeto, eu fui um dos fundadores do projeto, e aí a professora Jara nos apresentou o local que ela passava quando vinha de Rio Grande, sempre quis desenvolver um trabalho naquela comunidade e nós ficamos, nós ficamos... eu mesmo com sinceridade, eu fui um dia e me deu vontade de desistir pelas condições do local que nós encontramos. Problemas em cima de problemas, onde tinha é... os moradores do início aqui do Trevo eram

catadores de papelão brigavam com os moradores quase próximos da ponte que eram pescadores. Trocavam tiros entre eles por aquele corredor ali da margem do Santa Bárbara e pobreza, uma pobreza, uma desorganização, gente..., bebe nascendo e morrendo logo em seguida, não tinha estrutura nenhuma, eles não tinham luz, não tinham água potável, tinham que pegar numa bica que tinha logo adiante numa torneirinha e o...e aí nós resolvemos que...conversamos com os moradores, e os moradores nos aceitaram bem para desenvolver o trabalho naquele local, a Universidade nos apoiou. Nós tivemos que fazer muitas reuniões com a Universidade para que ela pudesse nos dar esse apoio e oficializar esse projeto em 1999. Nós começamos com trabalho de pesquisa e cada vez nós ficávamos mais apavorados que nós víamos dentro da casa. Era mãe lavando, era um frio e mãe lavando bebe dentro de panela com água fria, depois fazia comida na mesma panela. Uma coisa assim de tu... e aquilo ali foi nos tornando cada vez mais compromissados com o ambiente, com aquele trabalho ali, né, e começamos a trazer mais alunos, mais alunos começaram a participar então do projeto, começamos a nos fortalecer, a comunidade (pelotense) começou a nos apoiar, também, com recursos, com cesta básica, com hortifrutigranjeiro, então nós começamos a fazer uma troca com a comunidade. Essa troca, quando nós tínhamos esse material nós resolvemos fazer uma gincana, foi um passo muito importante, sabe porquê? Eu lembro de um fato que nós encostamos um caminhão nas balanças e nós começamos uma gincana com tarefas, então, uma das tarefas era trazer um gato preto em cinco minutos. O quê que aconteceu Granada com isso? Um catador de papel tinha o gato em casa, um pescador tava com a bicicleta na gincana e eles eram inimigos de se darem tiros, de trocarem tiros um com o outro. Pra ganhar a cesta básica um pro do outro e disse assim: sobe na bicicleta e vamos lá pegar o teu gato pra nós ganhar essa cesta? O outro olhou e disse: tá, vamu. E foram pra casa dele de bicicleta, correndo, porque tinha tempo, não é, e voltaram com o gato preto, que era uma das tarefas, e os dois, as duas famílias ganharam a cesta básica, uma cesta pra cada um. E ali em diante a gente viu que era possível unificar aquelas duas facções vamos dizer que tinha ali naquela comunidade. E ali a gente começou então a desenvolver, viu que poderíamos nos aproximar, nós começamos a desenvolver pra atrair as crianças fizemos uma praça, construímos uma praça ali nas balanças, uma praça linda, as crianças adoraram! Era noite, escurecendo, e nós queríamos ir embora e as

crianças não queriam sair dos balanços, não queriam sair... acho que nunca tiveram a oportunidade de ir a uma praça porque o brinquedo deles o quê que era? Era o porco, ali no chiqueiro, ali dentro da casa deles, era o cachorro, era o tonel de lixo, escondido dentro do tonel de lixo quando brincavam de esconder; eles se encantaram com a praça com gangorras, balanço, escorregador. Aí, outro dia, isso foi num sábado, no domingo nos ligaram pedindo pra nós irmos na comunidade. Nós fomos lá e a praça estava toda destruída e um bilhete na praça: Vocês constroem e nós destruímos. O quê que era aquilo ali? Dois três traficantes, da comunidade que não queriam, se incomodavam com a nossa presença naquele local. Sentiam-se incomodados com a nossa presença. Não deixavam nós entrar na residência deles, até que uma, a mulher começou a participar, nós começamos a participar, mas nós entrávamos e eles saíam, num dos chalés ali eles se reuniam, era material de furto, roubavam rádio, televisão, levavam pra ali para sair a vender depois pra outras comunidades, ali pro Simões Lopes, e aí sentiam-se incomodados, então tentaram nos afastar da comunidade, e nós unimos, o grupo se uniu e mostramos pra eles que nós éramos muito mais fortes; destruíam e nós os construíamos. Nós construímos uma sala de aula nas balanças, no outro dia chegamos lá tinham botado fogo dentro da sala de aula, quebraram a porta da sala de aula, arrancaram a grade e nós continuamos dando aula sem porta sem grade... Defecavam dentro da sala de aula. Nós paramos. Continuamos até que eles desistiram e se juntaram a nós. Aí não tivemos mais problemas nenhum, começamos então a desenvolver o projeto e agora na Ceval é outra vida, é outra vida, né. Nós passamos três, cinco anos vendo aquela gente com água até a cintura dentro de casa, fugindo pra margem, pro acostamento da BR. Um risco iminente de acidentes ali. Os caminhões passavam que chegava a levantar a lona da barraca deles do deslocamento do ar; um horror, eu ficava apavorado quando via aquilo. Um caminhão virou, um caminhão de lenha, caiu toco em cima de um menino brincando, quebrou a bacia do menino, quebrou as duas pernas de outro menino... Então um dia nós reunimos, a professora Jara e tal, olha tem um terreno assim, assim, no fim da avenida Brasil, na Ceval, vamu invadir aquele terreno, vamos pra lá? Aí começamos a trabalhar esta questão junto com os moradores e tal dia invadimos lá e veio Brigada e veio prefeitura e todo mundo pra tentar e não conseguiram. Mostramos que a comunidade estava unida, não é, e a união faz a força; pegamos também um ano político, e isso nos ajudou muito. Aí

começamos a ter o apoio da própria prefeitura, o prefeito Marroni, não é. Uma coisa que nos magoou muito, que a época a vereadora Miriam Marroni, foi lá, discutiu com a Jara sobre a invasão e disse pra Jara que nem a mãe dela morava no centro, porquê que eles tinham que morar no centro, como dizendo que eles não eram nada. Nos surpreendeu essa atitude da vereadora. Mas depois ela viu que não tinha mais jeito e aí todas as instituições que poderiam atrapalhar ali o desenvolvimento do projeto naquele local, não interferiram mais e nós conseguimos então...

A comunidade hoje está mais integrada, está mais unida. Não tem mais o pescador e o catador de papelão, todos fazem parte da comunidade da Ceval, todos são unidos. Tem aquelas desavenças que tem até com quem mora num condomínio aí num apartamento tu tem com o teu vizinho. É normal, mas, são todos unidos, está sendo construído hoje uma cooperativa.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

No tempo do Trevo era horrível. Posso te dizer que a saúde, a escória da sociedade, eles iam no posto de saúde pra ser atendido e a doutora, do posto de saúde, negava-se a atender-los pela sujeira pelo mau cheiro que eles tinham; porque não tomavam banho, não tinham água. Aí nós construímos um banheiro nas balanças lá, pra eles tomarem banho. Mas não tinham recurso nenhum, seguidamente nos ligavam: Renato, tu pode vir com o teu carro, que o fulano ta passando mal, duas da manhã, onze da noite, nós íamos pra socorrer, levar crianças pro hospital, com problemas respiratórios, vários respiratórios. Problemas, então, Granada, ali, de saúde, eram precários, o atendimento pra eles no posto era horrível, a Jara brigou com o secretário de saúde, brigou com a médica do posto, ameaçou levar até a imprensa pro local e aí eles começaram a ser tratados de uma forma mais humana. Não eram atendidos, ou era porque estava sujos, porque qualquer coisinha era uma virose... Muitas crianças morreram ali. O número de óbitos quando era ali nas margens do São Gonçalo era elevado, agora ali, na Ceval não tem, não posso te dizer com certeza, mas não tem... Na Ceval aqui, eles já tem luz, tem água, não é, os chalés, as casas, estão melhor estruturadas, então já a qualidade de vida melhorou, tá bem do que era lá embaixo. Não tinham nada, não um tanque pra lavar roupa. Lavavam roupa na beira do Santa Bárbara. Tu imagina, eles pegavam água pra fazer comida

muitas vezes do Santa Bárbara aonde o número de coliformes fecais é enorme. Evacuavam no local, e não só da própria contaminação dos moradores, mas todo o esgoto de Pelotas desemboca no Santa Bárbara; então imagina, toda a população de Pelotas, praticamente, contaminando o canal e eles dormindo ali e usando aquela água. Eles tomavam banho ali, eles pegavam água pra fazer comida dali, então estavam sempre doente. Sem falar dos costumes. Sabe que uma vez uma coisa que me marcou muito, nós estávamos dando uma aula nas balanças, e como é que tu atraía essas crianças pra escolinha, ali? Então nós levávamos iogurte, leite, bolachinha... eu prestei atenção numa menininha, que ela pegava a bolacha e saía da sala de aula, aí daqui a pouco passava de novo a bolacha pra eles e ela pegava a bolacha e saía da sala de aula. A terceira vez que ela fez isso eu fui atrás dela. Sabe o quê que ela estava fazendo? Ela estava enterrando as bolachinhas atrás da balança pra quando desse fome, alguma coisa ela ter aquela bolacha pra comer. Então tu imagina, ela via provavelmente o cachorro fazer isso, ela depois que sentisse fome pegava a bolacha da terra, enterrado, eu chamei a Jara pra ver e tudo, o que ela estava fazendo; então tu imagina os costumes dessas pessoas. Higiene nada. Não tinham conhecimento nenhum de higiene. Nós conseguimos fazer com eles, trabalho de higiene pessoal, a importância da manutenção dos dentes, por exemplo, o tratamento dentário, o pessoal da saúde começou a visitá-los. Eles tem acompanhamento de estagiários da odonto que vão nas casas e examinam os dentes, dão fichas para virem na odonto ser atendidos, aqui na Faculdade de Odontologia. Houve uma melhora significativa na saúde.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

A escola na época do Trevo não tinha. Nós, como tem agora na Ceval, é um espaço pra reforço escolar, porque todos eles indo pra escola, todos eles estudam na escola Simões Lopes ou na escola aqui no fim da Osório, ali no João Manoel. Estão todos matriculados e estão frequentando a escola. E o quê que nós fazíamos? Nós tínhamos estagiários da própria pedagogia da UCPel e professores de Educação Física da UFPel, que desenvolviam atividades esportivas com eles e estagiários que faziam reforço escolar. Faziam os temas, dificuldades pras provas os estagiários davam a dica, o que é que eles tinham que estudar, como é que eram, toda essa parte de reforço. Nós iniciamos lá embaixo da ponte, onde eram as balanças, e agora está sendo construído aqui na Ceval, tem

uma empresa que está construindo essa cooperativa e dentro da cooperativa, no espaço da cooperativa, uma escolinha pra essas aulas de reforço. No tempo do Trevo muitas crianças não iam a escola. Do Trevo a escola mais próxima deve haver uns três quilômetros.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

- a. marido e mulher? E agora na CEVAL?
- b. pais e filhos? E agora na CEVAL?
- c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?
- d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Olha Granada. Eu posso te dizer até que não mudou muita coisa nessa questão de relacionamento, mas dentro da própria família. São pessoas muito ignorantes, não tem praticamente conhecimento nenhum... O que é que a gente espera? Que os jovens tenham, façam essa diferença, essa mudança, quando formarem suas famílias. São pessoas muito pobres, o marido bebe muito, bate na mulher, eles mantêm relação sexual, agora provavelmente tenha mudado alguma coisa porque essas casas que eles residindo hoje, são casas que tem mais de uma peça, lá no Trevo era uma peça pra todo mundo e eles mantinham relação sexual na frente dos filhos, os filhos as vezes nem dormir não dormiam, e eles mantinham, relação sexual de qualquer forma na frente dos filhos, eles batiam na mulher.

Podes dizer que era um ambiente promíscuo?
Acho que não porque era uma coisa tão natural pra eles que... Tu imaginas tu morar numa peça dois por dois com seis filhos dentro, não é? Tinham parceiros fixos, mas o que eu ia te dizer é que a maioria das mulheres o companheiro não moravam junto, vinham só pra um namoro, pra uma relação sexual... Inclusive eu conversando com uma das moradoras, a Lúcia, ela tem sete filhos, e eu sempre levava, todo fim de semana eu sempre levava um dos filhos para minha casa. Eu ficava muito preocupado e aí eu perguntando pra ela: Lúcia, pô o anticoncepcional é gratuito na secretaria de saúde? Ah, não, eu tenho, eu pego lá e tal. Como é, tu já estás com sete filhos, uma guria nova, sete filhos com vinte e seis anos, uma guria nova, tu não tá tomando o anticoncepcional? Não, eu tomo, toda a vez que ele vem, que o meu parceiro vem me visitar eu tomo. Então é pra tu vê a falta de conhecimento e da ignorância das pessoas. É como dor de cabeça, toma a pílula para tirar a dor de cabeça. Falta de conhecimento do método, de como ela deveria fazer aquilo ali. Aí preocupados com isso, com esse gesto dela de tomar uma pílula só

quando o companheiro dela vinha despertou em nós uma atenção de instruir a comunidade a respeito desse problema da gravidez, não é. As relações sociais, entre famílias, está bem melhor. É aquilo que eu te disse anteriormente, eles descobriram que tem força juntos, eles sabem que podem contar com o nosso grupo. Qualquer coisinha eles ligam pra Jara, e a Jara aciona o que é que tem que fazer, ou aciona advogado, ou aciona médico, ou aciona até o nosso pessoal do grupo mesmo pra poder trabalhar o que eles precisam naquele momento. As famílias! Agora, dentro da própria família, tem o homem violento, tem a mulher que trai o marido, tem a mulher que... Uma preocupação que nós tínhamos, eu não consegui ainda detectar se ainda tem hoje isso, eu percebi e até comuniquei a Jara, à época, que nós tínhamos quer tomar uma atitude, vez que outra encostava um carro a margem da BR, no Trevo, até tinha um senhor, cabelo branco e aí quando eu via uma guriuzinha entrava no carro. Uma guriuzinha de dez doze anos. E eu disse: ah, o pai da fulana, disse para uma das mulheres da comunidade, o pai da fulana veio levá-la pro fim de semana? Não, aquilo lá é a mãe que coloca ela pra programa. Aí nós conversamos com a família, ameaçamos em fazer denúncia, coisa e tal... Acho que isso aí acabou, não vimos mais movimentação de pessoas estranhas na comunidade com esse objetivo. E eu acho que os próprios líderes da comunidade, acho que fizeram um trabalho de que não acontecesse isso dentro da comunidade, desmoralização da própria comunidade e coisa e tal.

E essa consciência comunitária Brito, de força proveniente da união, isso foi desenvolvida a propósito ou veio num despertar natural? Não, nós trabalhamos. A maior evidência da força da união que eles tinham, nós provocamos quando nós invadimos o terreno e veio batalhão de choque todo da brigada para tentar nos tirar e não conseguiram. Aí eles viram que, poxa, os caras de escudo, de cassetetes, armados, não conseguiram nos tirar, ninguém pode mais mexer conosco. E aí nós trabalhamos isso. A união faz a força, quando mais unidos nós estivermos, mais coisas nós vamos conseguir para a comunidade, e a Jara desenvolveu muito bem isso aí com eles; de força, de não adiantava ninguém da comunidade fazer alguma coisa porque não ia conseguir. Agora juntos, nós tínhamos como atingir os objetivos do projeto que é uma melhor qualidade de vida pra eles, uma vida digna, não é. Chega de as pessoas irem lá e atirarem comida por cima deles e dizer o que é que eles tinham que fazer. Hoje não, agora eles foram, é... a arquiteta que está construindo ali a cooperativa e a escolinha

queriam construir de madeira e eles foram lá os líderes foram lá brigar, é de material que vocês construir. No contrato ta de material, nós temos o tijolo e eles foram brigar.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não, água era só uma bica que eles buscavam. Era uma torneira aqui no Trevo e outra torneira... nem era uma torneira, era um empresário lá na parte dos pescadores, que tinha uma casa boa onde ele deixava o seu barco e ele instalou, puxou do clube, tem um clube de regatas ali embaixo da ponte, puxou água do clube e ali eles puxavam do clube pra eles também, mas é uma torneirinha.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Bom, na época do Trevo, como eu te falei no início, nós não desistimos das atividades e do projeto que foi imposto pelos traficantes do lugar. Uma das exigências deles era que nós não entrássemos nas casa... Querem trabalhar, trabalhem só lá nas balanças lá em cima, a comunidade vai pra lá e nós não aceitamos isso, não aceitamos e começamos a trazer a comunidade pra nós, fazer muitas trocas, em que? Alimentação, roupas, é... Teve uma campanha de roupas que nós fizemos pra eles que eu lembro uma das moradoras disse: Renato pelo amor de Deus, eu não tenho onde colocar roupa na minha casa. Chega, roupa chega, pelo amor de Deus. Então as crianças estavam indo arrumadinhas para a escola, a comunidade começou a perceber isso. O meu filho não está servindo mais de deboche em sala de aula porque está indo arrumadinho, está indo de tenizinho. Tinha criança que ia de pé descalço pra escola. As próprias se juntaram e fizeram uma cota pra comprar um chinelinho de dedo pra um menino lá, da comunidade. E após a nossa entrada na comunidade as crianças começaram a ir de tênis, a ir de vestidinho, de blusão. Eles iam de camiseta no inverno. Eu chegava a tirar do meu filho pra dar pra menininha lá que tava indo de camiseta pra escola que chegava a bater dente. Como é que uma criança dessas vai desenvolver dentro de um... dentro de uma sala de aula com frio, não é,? Não tem... e aí eles fizeram todo aquele processo da gente construir a praça eles iam lá e destruíam, nós construíamos escola, uma sala de aula e eles iam lá e destruíam a sala de aula. Teve até uma ocasião em que eles roubaram um transformador da ponte. A ponte ficou sem luz. No outro dia a polícia civil foi lá e bateu nos rapazes esses que tinham roubado o

transformador e eles acharam que éramos nós que tínhamos feito a denúncia. Ameaçaram que iam me dar um tiro, que iam dar um tiro na Jara. A Jara vai passar aqui na frente da minha casa e eu vou dar um tiro nela. E aí uma das líderes disse pra ele: "se tu deres um tiro na Jara tu vai dar um tiro em todas nós, tu vai ter que ter mais de uma munição no teu revólver", e aí eles começaram a parar de interferir. Hoje eu vejo aqui na Ceval que não existem mais traficante. Pelo que eu soube, os dois que faziam tráfico lá dentro, em vez de vir pra Ceval, voltaram pra beira do canal ali no Simões Lopes.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Exclusão social, não é, dificuldade de oportunidade. Tens pessoas que se aproveitam da ignorância deles. Imagina um menino de oito, nove anos de idade puxando carrocinha de papelão no centro. Aí aparece um traficante lá e diz; olha aqui oh, essa tua comunidade tem condições de ter uma vida melhor através da tua pessoa, quem sabe tu começa a trabalhar conosco aqui, distribui aqui, os caras param com o carro aqui na BR, tu vai ali... mas eu só soube de casos de encostar carros no acostamento da BR e eles, os próprios entregarem pro usuário e... Eles mesmo faziam esse trabalho, não usavam aviãozinho.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

O deslocamento deles era a pé, de carroça, né, se desloca a pé, puxando a carrocinha dele e continua assim. A maioria hoje já tem carroça, puxada a tração animal. Não tinha transporte coletivo no tempo do Trevo. Os idosos estão tendo agora ali na... porque o mais novo além de não ter o dinheiro, ainda, pra se deslocar até o centro através do transporte coletivo, ele acha perto demais pra fazer isso, acha desnecessário. Puxa, vou dar um e quarenta e cinco, ou alguma coisa assim que está o ônibus, o valor, pra se andar o que/, dez quadras. Não vou a pé. Agora, os idosos não, os idosos pegam o ônibus ali, na avenida Brasil, não paga, não é e vão pro centro de ônibus. Porque lá no Trevo não tinha ônibus, não é. Na Ceval eles estão muito mais perto do centro. A Avenida Brasil é cinco quadras do centro, então bem mais próximo, até pra quem puxa a carrocinha ta com mais facilidade, uma maior proximidade, sem falar na BR que eles tinham que puxar a carrocinha pelo acostamento, onde que eu lembre durante o projeto uns dois ou três foram atropelados puxando carroça no acostamento porque o carro

desgovernou, ou o caminhão foi ultrapassar outro.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Não eram casas, eram casebre, eram barracos quase caindo, sem estrutura nenhuma, casa sem telha forrada com lona, sem piso, com chão batido. Hoje não. Hoje tem casa até de material, de alvenaria, chalés bem feitiños, com telhados, com alpendre, com área pra eles tomarem chimarrão em baixo do alpendre que eles gostam muito, com piso, com assoalho, janela, tudo... As casas de alvenaria estão sendo construída com sistema de mutirão, não é. Os próprios moradores auxiliam, ajudam os outros a construir. Material, alguns compram, outros ganham. Alguma coisa se conseguiu através de doações. As fundações é construída por uma empreiteira e as casas em regime de mutirão. O esgoto está por sair, está em promessa.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porquê?

Isso veio com o tempo, não é. Nosso início de lá, no Trevo tinha sábados que eu e a Jara ficávamos olhando um pro outro, porque a comunidade não subia pra balança tinha um certo receio, não subia ali onde era as balanças, onde a gente desenvolvia os projetos. O que será que eles querem conosco, era a pergunta deles. Acho que demorou um mês e alguma coisa assim pra eles adquirirem no nosso trabalho e em nós. Porque a princípio, todas as pessoas que se aproximavam deles era pra pedir voto, nunca mais aparecia ou pro natal pra doar tal cesta básica ou presente e não apareciam mais. E então eles ficavam pensando, o que é que esse pessoal quer aqui todos os sábados? O que é que eles querem? Até que nós começamos a... já que eles não vinham até nós, nós passamos nas casas pra explicar o projeto, e não adiantou muito. Nós começamos a ir, então, até eles. Contratamos até um carro com megafone pra na comunidade, "hoje tem gincana, cesta básica de prêmio!", e aí o pessoal começou a subir e a acreditar no projeto e aí começaram a trabalhar junto. E aí nós tivemos a percepção de identificar quem poderia ser líder, e tivemos muita sorte em identificar essas pessoas, e acertar nessas pessoas porque a partir do momento que nós descobrimos essas lideranças essa liderança passou a, passava toda a semana trabalhando junto à comunidade pra, no sábado, nós desenvolvemos nosso trabalho.

Então chegava no sábado a líder já tinha acionado toda a comunidade, daí eles subiam pra balança pra desenvolver trabalho de reforça escolar, gincana, atividade esportiva. Pegava os meninos e levava para uma quadra de esportes e fazia um campeonato entre eles de futebol de sete, essas coisas todas, aí em vez de eu levar a bola eu nomeava um líder dos meninos para guardar a bola e essa tinha que estar intacta no outro fim de semana. Ainda exigia deles: eu não quero que ninguém venda essa bola, porque essa bola vai nos acompanhar até o final do projeto ou até ela se extraviar de vez. Aí nós compramos outra, mas foi comprada com sacrifício e nós vamos cuidar ela pra vocês ter um futebol todo o fim de semana. Aí foi tão bacana, que eu lembro que isso foi num sábado, na quinta-feira um menino ligou pro meu celular a cobrar, eu atendi: tio Renato hoje não tem aula é feriado, nós podemos jogar bola no campinho com bola? Ah, pode, mas cuidado com a bola. Entende-se? Então eles começaram a... Chegava no sábado tava lá a bola inteirinha de novo, foi bacana assim deles não terem extraviado, não terem vendido a bola, não terem trocado.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Bom, ah, o principal eu acho que foi o projeto de construção da sala de aula. Nós pensávamos, nós conversávamos um com o outro. Meu Deus, se eles não querem ir nem pra escola, tu imagina se eles vão perder o sábado. Isso foi em 1999. Eles não querem nem ir pra escola, eles vão perder o sábado a tarde aqui estudando? E quando vê tudo começou a dar certo, os adultos pediram para participar do projeto pra poder assinar o nome, que eles tinham vergonha de chegar no banco, os aposentados e colocar o dedo na caixinha do carimbo pra poder a assinar. Então tens que ver, foi coisa assim que nos motivou muito a alegria de dois três idosos, trazendo um caderno com seu nome assinado, tava assinando o, nome já. Esse foi um dos projetos e o outro quando nós tomamos a decisão de invadir o terreno, em 2002, aqui e desenvolver o projeto das casas. Foi outro grande momento e marcou muito porque nós também não acreditávamos que nós iríamos tirar aquele pessoal de lá daquele lugar, porque eles tinham tanto vínculo com aquele lugar; residiam lá cerca de quinze vinte anos. E o que mais nos surpreendeu é que tinha gente que tinha casa de alvenaria ali, desmanchou e foi pra lá, foi pra Ceval. Foi dois projetos, o escolar e o de invasão do terreno, foi muito importante. Foi marcante.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Eu não tenho certeza, mas nós levamos um tempo pra aproximar a comunidade do nosso grupo, o fator confiança e essa coisa toda, que eles tinham receio quanto a alguns homens da comunidade, traficantes e alguns outros empecilhos que impediam de nós termos uma aproximação mais rápida da comunidade. Mas primeiro nós fizemos todos um trabalho de atração da comunidade, através de gincanas, sopão, levávamos grupo de pagode, eles dançavam eles cantavam, eles... é... Papai Noel... Pegamos um senhor da comunidade, que é ainda gordo, e vestimos esse morador de Papai Noel. Ele chegou de carroça, Papai Noel de carroça. Então aí eles começaram a ter confiança no nosso trabalho e a partir de um determinado momento, não sei se a partir de uns seis meses depois nós começamos, então bom pessoal, agora nós vamos traçar algumas metas que é: resgate da cidadania de vocês, crianças na escola, qualidade de vida melhor, luz, água, limpeza do local, conseguimos o exército. Três quatro caminhões do exército, máquina para limpar aquele local, e aí eles virão que as coisas começaram a mudar e viram que poderiam confiar em nós e a partir dali, então, as vidas começaram a se mobilizar, se mobilizaram, né, e dali em diante não paramos mais, né, só conseguimos conquistar coisas boas pra eles.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? Bom, antes eles não tomavam decisões nenhuma. Era cada um por si, era terra de ninguém ali. Se discutissem entre eles e tivessem que dar um tiro um no outro, é... Tanto é que quando nós assumimos lá, tinha um morador com um, tiro na perna porque o outro lá não sei o que, pegou a cachaça dele, se davam um tiro por nada. Esfaqueamento assim, por nada, por bobagem, coisa assim de um querer mostrar que era mais líder do que o outro, que tinha mais força do que outro. Depois nós buscamos a organização das decisões. Fazíamos assembléias, fazíamos votação, e incrível assim que quando um discordava, um morador discordava de alguma coisa os demais conseguiam – não precisavam nem da nossa ajuda – trabalhar esse morador pra que ele conseguisse acompanhar as decisões do grupo. Inclusive até no momento de mudar pra Ceval, tinha morador que de jeito nenhum não ia e hoje está lá com uma rica casa e satisfeito, com o local onde está morando.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Bom, eles faturavam a venda do papelão... Eles eram muito explorados. Eles buscavam o papelão no comércio no centro, passavam acumulando papelão toda a semana, pilhas de papelão. Se chovesse naquela semana o papelão molhava. O atravessador que comprava o papelão deles que levava pra Porto Alegre, pegava esse papelão molhado e bom: Não pra pesar esse papelão molhado, vou levar pro depósito, vou esperar secar e depois digo pra vocês quanto é que deu. Só que tu imagina, o cara explorava esse pessoal, dizia que tinha dado dez reais, no entanto dava cinquenta, quarenta reais. Entendesse. Eles eram extremamente explorados. E a média lá, tinha famílias que faturavam cento e oitenta, tinha umas de duzentos reais, mas era essa média de duzentos reais. Essa renda provinha do papelão e do outro lado do peixe, do pescado. O pescado dava uma renda maior. Era a comunidade que nós dizíamos que era uma comunidade mais rica, porque eles não ficavam só no pescado também, eles cortavam a palha do santa fé, a palha do santa fé, e vendiam pra esses galpões, aqueles quiosques que eles fazem com santa fé era caro aquilo. Aquilo ali teve pescador que eu lembro na época que numa venda daquilo ele faturou mil e quinhentos reais. Bem, com a vinda pra cá nós acabamos com o atravessador. Agora é venda direta, e agora com a cooperativa todos vão produzir juntos e o montante vai ser maior. Não tinham, organização nenhum, a no tempo do Trevo. Eles roubavam papelão um do outro. Na madrugada iam lá e roubavam papelão do outro, o outro daqui a pouco via que sumia papelão queria dar tiro não sei em quem porque sumiu o papelão dele. E essas armas que usavam eram roubadas.

21. O que melhorou, o que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Olha, pior do que eles estavam lá, impossível. Não tem como. Acho que pode piorar, pode piorar, hoje que eu tenho certo receio é a de uma desintegração da comunidade, que eu acho que não vai acontecer. O que é que melhorou? A união deles, a vontade de ter uma melhor qualidade de vida, eles descobriram que tem força, que unidos eles tem força. O que é que vai melhorar? Uma organização da cooperativa, porque o que tem a fazer nós já fizemos que foi fazer que eles cainhassem com as próprias pernas. Porque o encerramento do projeto agora? Porque na análise da professora Jara, que

é coordenadora junto com o grupo, agora, eles tem plenas condições de administrarem a cooperativa o a condomínio onde eles moram, porque hoje nós podemos afirmar que tem quatro ou cinco pessoas qualificadas e tocar o negócio deles pra frente.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Tem. O trabalho que nós desenvolvemos e brigamos muito por isso, que é a inclusão das crianças na escola. E eu acho que essas crianças tendo roupa pra ir à escola, tendo material escolar e refeição, a esperança é essas crianças saírem desse ambiente e ainda proporcionarem uma melhor qualidade de vida pra própria família. A esperança é nas crianças. Então a esperança é esta, de as crianças mudarem a vida daquela comunidade num trabalho de base.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Não, nenhuma! Solidariedade, é... uma coisa que nós percebemos, assim, um fato que nós percebemos, que tinha um ou dois morador que um tinha um carro muito velho, outro tinha um fuca, e eles tinham preocupação com a saúde da comunidade e não sei como, quase sem combustível eles conseguiam levar na madrugada o doente para o pronto socorro... Essa questão assim de doença, de casos graves, na saúde eu acho que havia uma preocupação deles. Fora isso era cada um por si. Hoje eles são preocupados. Hoje o fulano ao invés de ir pro boteco tomar cachaça ele fica toda a tarde de sábado construindo a casa do outro.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Olha, essas diferenças eu acho que não são muito percebidas por eles. Não tem muita noção disso. Religião é a grande maioria ali, que eu percebi, são umbandistas, boa parte da comunidade é ateu, não acredita em nada praticamente, outros são católicos e vivem com respeito em relação ao outro quanto a questão de religião, nunca tiveram divergência nenhuma, nunca soube de nada de divergência nenhuma entre eles. Quanto à sexualidade, também acho que nunca teve problema de preconceito.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Inclusão escolar, inclusão na sociedade, entre outras, falta muito pra se fazer, de repente agora

com a cooperativa pode melhorar alguma coisa pra eles. Respeito pela da sociedade pela comunidade. Hoje, não é qualquer um que entra na comunidade e faz o que quer. Eles construíram uma liderança entre de que eles... qualquer coisa que for ser feita a comunidade tem que passar com essa liderança e então eles vão decidir juntos. Não é mais ali o morador da frente que diz: "Não pode trazer aqui a luz e botar ali daquele lado". Tudo hoje é consensual.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

É como eu te disse, muitos objetivos foram atingidos, não é. Pra mim o principal é a inclusão escolar. O objetivo maior desde o início, sete que nós vínhamos brigando com a prefeitura é a formação de uma cooperativa, e agora eu acho que nós vamos conseguir. Estão com toda a estrutura para uma cooperativa, foram a Porto Alegre tiveram um curso, estão qualificados para montar uma cooperativa. Então os objetivos eram fazer um trabalho de base, com as crianças, inclusão da comunidade infantil que estavam fora da escola na escola e a inclusão das mulheres no mercado de trabalho. Nós fizemos até uma página na internet para as mulheres pra trabalhar de faxineira, baba, caseiros. Não sei te afirmar se ainda está funcionando, mas a princípio estava, uma página na internet aonde está os dados da Cica por exemplo, que é uma das líderes, então ali tem nome, endereço, telefone pra contato, que geralmente é meu, da Jara. É uma forma de inclusão no mercado de trabalho.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Na realidade eu participei de quase todas, embora no finalzinho dando aula e fazendo mestrado, então eu tive pouco tempo pra participar, eu me afastei nos dois últimos anos.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Eu já tinha uma noção da vida política, social, dessa classe de pessoas que são excluídas da sociedade. Até porque eu fui muitos anos militar e eu vivi muito tempo envolvido com esse tipo de comunidade. Sempre me preocupava com essas questões, e foi o que me atraiu e bom, agora nesse projeto é que eu vou conseguir executar o que eu sempre fiquei com... penalizado pela situação ou praticando assistencialismo e elas doavam alguma coisa... Então não me surpreendeu muita coisa eu já tinha noção do que era isso. O lado positivo é que eu consegui perceber que nós conseguimos, as pessoas conseguem mudar muitas coisas se tu acreditar naquilo que tu estas fazendo. Tornar as

peças mais humanas, tornar as peças mais éticas, mais integradas, então, tu nunca sabes tudo, a aprendizagem é permanente, eu adquiri algumas experiências, até o uso da prática. Eu tinha muita teoria trabalhando nesse projeto aí e vendo que é possível mudança.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (aos pobres) as comunidades carentes?

Não, eu já conhecia muito bem o lado da comunidade carente e o meu ponto de vista é que as pessoas que são excluídas elas tem condições, tem as mesmas condições de desenvolver qualquer atividade que uma pessoa que faz parte da sociedade consegue desenvolver. É só tomar cuidado com a pessoa, trabalhar ela, tem que querer. Ela tem que ter vontade que ocorra essa mudança, ela tem que ter força de vontade, essa pessoa tem que estar aberta pra ela própria ter uma condição de vida, uma qualidade de vida melhor do que já tem. Então eu vejo assim muito é, como é que eu vou te dizer? Eu vejo que as pessoas é possível desenvolver um trabalho de conscientização mesmo a pessoa ignorante, porque ela tem a faculdade da vida. Isso foi uma coisa que eu aprendi muito com eles. Eles têm a faculdade da vida, eles sabem quando tem que dar um conselho pra não fazer quilô ali, porque aquilo ali vai dar problema. Eles podem não saber como tomar uma pílula de anticoncepcional mas eles tem outras coisas pra te ensinar que tu pensa que tu sabes mas tu não vivenciou isso e eles vivenciam tudo que é tipo de experiência que tu pode imaginar eles já vivenciaram até pelo próprio nível de vida que eles tem.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (sociedade)?

Mudou. Tu acredita que mudou pra melhor. Porque todo esse trabalho que nós realizamos lá, muitas vezes me deu vontade de desistir, não só em mim, mas na própria Jara provavelmente. Informalmente nós conversando, poxa, mas é difícil trabalhar assim. Mudou porque eu descobri que uma força que tu tens, quanto mais tu vês as pessoas querendo mudar de vida mais vontade te dá de fazer essas pessoas mudarem de vida. Então tu deixas de ser o bonzinho por uma vez no por ano de ajudar aquelas pessoas uma vez no ano. Para aí, se ela quer se ajudar e eu quero ajudar, fechou, encaixou. Então nós começamos a trabalhar, trabalhar, trabalhar e ver só resultados positivos, resultados positivos. Um negativo no meio desses cem positivos e vimos que nós tínhamos muita força e eu próprio vi que bom esse trabalho que eu estou fazendo. Que legal, até reconhecido por vários ramos da sociedade eu fui reconhecido por estar

desenvolvendo esse tipo de trabalho. Na própria escola que eu dou aula, até hoje nós tivemos uma gincana e uma das tarefas era da gincana é a equipe que mais trás alimentos pra escola, e esses alimentos, ah..., eu envolvi a escola em doações pra comunidade e agora na gincana passada nós levamos uma tonelada e meia em alimentos pra comunidade. E a escola... eu sou reconhecido na escola de uma forma gratificante, positiva. A direção mesmo da escola pediu pra trabalhar comigo entregar esses materiais pra eles. Então é assim, antes da gincana a direção já começa a se mobilizar, oh Renato vamos se mobilizar pra tal dia, não sei o que vamos lá deixar pra próximo do dia da criança, vamos deixar pra próximo doutra data e isso envolve a vida das pessoas; e acaba te envolvendo e tu vês que as pessoas que estão ao teu redor querem, te reconhecem e querem te ajudar.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Eu acho que a Universidade teve um papel importante nesse projeto e eu não os culpo por não acreditarem inicialmente nesse projeto, porque nós próprios não acreditávamos. Não é que não acreditávamos, mas tínhamos receio de que alguma coisa não fosse dar certo e vontade de desistir porque uma série, inúmeros obstáculos que nos enfrentávamos e a Universidade a mesma coisa. O que será que passava pela cabeça da reitoria, não é. Vale a pena nós investir, será que não vai trazer problema pra nós? Porque tudo tem que ser pensado, e se não dá certo? Lidar com o fracasso não é fácil. Mas eu acho assim, que a Jara fez um trabalho bom de articulador, que nós trabalhamos muito... é... bom de articulador significa um ensino teórico e prático, teoria e prática sendo trabalhadas, a Universidade nos apoiou e eu acho que não teve muita mudança... eu acho que é difícil de conseguir uma instituição pra te ajudar, pra te auxiliar num trabalho desses. Eu acho que Universidade cumpriu o papel dela.

E a Universidade como um todo? Eu tive uma visão diferente, e eu acho que esse trabalho é muito pequenininho em relação a Universidade que tu falas. O trabalho pequeno é aquele lá do beija flor com agulha no bico apagando o incêndio na mata. Mas eu acredito que se todo o universo de que tu fala desenvolvesse trabalhos na área do social a mudança seria maior. Não consigo ver uma mudança isolada no universo. Vi mudança de pessoas. O que me surpreendeu muito foi a comunidade em geral, onde tu pedias um apoio esse apoio era dado, então isso foi importante porque contagiou a comunidade.

Hoje em dia tu falas no projeto ecomunitarismo muitas instituições aqui mesmo da própria Pelotas sabem o que é porque ajudaram o projeto, fizeram parte do projeto. Tanto é que eu acho que tu veio aqui na entrega de prêmios, não é, e faltou muita gente e teve muita gente que participou que não aparecia no projeto. Então eu acho que nós atingimos um universo muito grande.

32. O que você acha que mais mudou em você?
Teve algumas mudanças na questão de sensibilidade, eu me tornei um cara mais sensível. Hoje eu consigo ver as coisas numa maior profundidade, eu consigo me transportar para o lugar daquela que tá mendigando, que tá passando um trabalho. Eu não consigo hoje se ver uma pessoa caída, eu não consigo não parar e não botar essa pessoa dentro do meu carro e não levar para um pronto socorro, de tanto sofrimento que eu já vi, de tantos problemas na própria comunidade que eu já passei com eles, entendesse. Tu ficas com o coração mais mole como a gente diz, não é. Tu te tornas uma pessoa mais sensível. E gratificado, né, gratificado por tudo que tu fez, não fiz sozinho, se trabalhou em equipe, a Jara não fez sozinha e coisa boa... Sabe que eu não dava bola pra isso, mas hoje um carroceiro passa por mim e oi seu Renato, não sei o que juntando papelão na rua e oi, oi. Às vezes até não me vêem e eu abano, chamo atenção: cuidado com essa carroça sem carteira. Tem carteira pra carroça? Faço aquela brincadeira. E aí as pessoas que estão comigo, outros professores..., o quê?! Da onde tu conheces essa gente?!

Comentário livre da Cooperativa

O que eu sei é que eles vão comprar todo o material pra prensar papelão, toda a estrutura para que eles possam trabalhar com a separação do lixo. Eles ao invés de irem, ali, na antiga fábrica de papel, vender o lixo, eles vão trabalhar essa seleção, vão prensar, e eles mesmo vão encaminhar. Vai ter uma fonte de renda única a partir dali. Com essa associação eu acho que é o momento de eles decolarem, com as crianças na escola, um mínimo de qualidade de vida eu acho que eles vão adquirir.

Entrevista com Neuza C. da Silva

Ecóloga e Pedagoga Pela Universidade Católica de Pelotas

Mestranda do MEA

Período de atuação - 6 meses em 2003 de março a agosto

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

Sim. É a comunidade que vive em comunhão, trabalha de forma de liderança sempre tendo uma pessoa liderando o grupo e que essa liderança seja passada pra outros do mesmo grupo, então que todos tenham a oportunidade de serem líderes.

2. Você sabe o que é EA? Caso saiba, explique.

Sim. EA, no meu entendimento, é onde nós trabalhamos o desenvolvimento da sensibilização da consciência do ser humano pras questões ambientais.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Sim. Educação ecomunitarista é aquela educação feita através da comunidade em conjunto. É uma educação construída.

4. Você sabe que tipo de ação social busca essa educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Acredito que seja uma ação comunitária, uma ação que seja voltada pra todos da comunidade ecomunitária.

5. Você sabe o que é ordem socioambiental ecomunitarista?

Não

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética?

Imagino.

7. Como era a comunidade quando o pessoal morava no Trevo e como é agora na Ceval?

Quando era no Trevo essa comunidade ela não tinha sua residência, não tinha o seu lote, não era proprietária da sua casa. Viviam no meio de um banhado, com sérias dificuldades e hoje eles vivem num lugar melhor que não é uma área de banhado e cada um tem o seu terreno e sendo construído sua casinha.

8. Como era a saúde no Trevo e como é agora na Ceval?

Quando era no Trevo eles estavam mais acessível a doenças e agora estão mais

protegidos. Acredito que agora eles estão mais próximos, com recursos, eles não estão numa área úmida eles estão mais protegidos. Acredito que eles tenha melhorado a situação.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto? E agora?

Não tinha no Trevo e nem na Ceval. Que eu saiba não.

10. Como era o relacionamento humano entre os integrantes da família no Trevo, e como é agora?

Entre marido e mulher – Acredito que a mesma coisa que era agora. Talvez tenha mudado alguma coisa no sentido de bem estar. *Demais itens sem resposta.*

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

11. Havia água luz e esgoto no Trevo? Nem água, nem luz nem esgoto. E agora na Ceval? Água e luz com certeza já tem.

12. Em 98 no Trevo como foram combatidas as drogas?

Com trabalho social junto ao projeto da UCPEL. Projeto Ecomunitarismo.

E agora na Ceval? Amenizou e esse acompanhamento continua. E de forma está sendo feito esse trabalho para resolver o problema das drogas? Está sendo feito através dos profissionais da psicologia, medicina, os profissionais, cada um dentro da sua área. Porque há um entrelaçamento entre o saber da Universidade com o saber popular desta comunidade, que eu acho muito importante.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

A falta de perspectiva emprego, a falta de perspectiva de futuro.

14. Como era o deslocamento do Trevo a outros pontos da cidade? E agora?

Acredito que da mesma forma. Eles andam muito de charrete, de bicicleta, a pé...

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E como é agora?

As casas no tempo do Trevo eram precárias e agora, na Ceval, começaram a construir casas de alvenaria, casas bem melhores.

16. Como a comunidade participa e ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade?

Eles trabalham realmente em equipe, trabalham todos por um e um por todos.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 98 e 2005?

Não sei te dizer quais os que mais marcaram. Eu sei que eu tenho uma passagem neste período dentro dessa comunidade que eu trabalhei o reaproveitamento do lixo fazendo oficinas gerando renda com vinte duas mulheres da comunidade, e foi provado pra elas, elas mesmo provaram, pra si próprias, que através do lixo gera renda.

18. Quando o pessoal começou a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Datas assim, não sei.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do projeto ecomunitarismo e como são tomadas agora?

Não sei.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo, quais são hoje essas fontes e como o pessoal organiza essas fontes de renda?

Acredito que não tenha mudado muito, as fontes de renda não tenha mudado muito. Ali tem profissionais que trabalham com lixo, tem faxineira, têm serviços gerais, papeleiros, catadores.

21. O que melhorou, o que piorou e o que resta fazer, na tua opinião?

O que melhorou é que agora, acredito que eles tem mais dignidade, eles podem dizer que tem onde morar, o terreno é deles, a casa vai ser deles também e isto é uma coisa muito importante para o ser humano. Eles têm um referencial. Não saberia dizer o que piorou. Resta fazer muita coisa. Ainda tem que criar um centro em que possam fazer um encontro, fazer um curso que me parece agora já vai ser construído – um centro social. Tem que trabalhar bastante as questões ambientais com eles, colocar esgoto que não colocaram.

22. Que sonhos ainda tem para o futuro da comunidade?

Ah, acho que muitos sonhos.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E agora?

Não sei dizer por que não acompanhei antes do projeto, mas eu acho que solidariedade sempre se tem, sempre se tem. Não digo que total, mas sempre tem solidariedade.

24. Como a comunidade convive com as diferenças religiosas, sexuais, políticas?

Acho que convivem tranquilamente, acho que se respeitando mutuamente. Acho que o projeto ajudou.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidos na comunidade ao longo desses sete anos?

Sobrevivência. *E isso era um objetivo do projeto?* Acho que também, não só, mas acho que também.

26. Quais os principais resultados obtidos, tendo em vista o que se pretendia?

Não posso falar muito do projeto né, não fui eu que..., mas eu acredito que foi alcançado já alguns objetivos bem significativos.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Particpei seis meses do projeto fazendo oficinas, eco-renda, pra gerar renda pra quem não tinha trabalho e precisava sobreviver.

28. Mudou o teu ponto de vista político?

Mudou. Antes de trabalhar lá eu não sabia o que se passava dentro da comunidade. A partir do momento em que fui pra lá trabalhando diretamente com essas mulheres, eu pude sentir a necessidade que essa comunidade tem financeira, de apoio, até vontade de crescer, muitos sonhos a alcançar. E eu mudei porque eu acho que eu consegui fazer parte desse sonho.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (aos pobres) as comunidades carentes?

Não. Sempre fui a favor de um trabalho comunitário e continuo da mesma forma. Só com vontade de fazer mais.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (sociedade)?

Não

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Sim. Eu acho que esse trabalho da Universidade, como eu falei antes, esse entrelaçamento, é muito importante. Então esse é um projeto que mostra pra comunidade que tem que haver esse entrelaçamento entre Universidade, entre Universidade e o saber popular. Então, esse trabalho em conjunto com a Universidade e a comunidade é muito importante.

32. O que você acha que mais mudou em você?
O que mais mudou é que agora, depois de ter feito esse trabalho eu tenho certeza que sempre vale a pena e a gente sempre consegue o que a gente quer, basta ir ter vontade e trabalhar.

Entrevista com Marcus Siqueira da Cunha

Professor de direito Civil da Escola de Direito da UCPel

Especialista em Direito Comunitário Europeu pela Università Degli Stuoii di Genova
Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel

1. Você sabe o que é ecomunitarismo?

Bom, faça uma idéia pelo nome, pelas pessoas que a gente conhece que trabalham naquele projeto a gente faz uma idéia. Mas dizer assim, eu conheci o ecomunitarismo até para começar falando sobre esse tema através da professora Jara e de um amigo que participava do projeto e que me convidou para me aproximar daquela comunidade onde estava sendo desenvolvido aquele projeto. Eu entendi que é um projeto de além de auxiliar as pessoas em coisas praticas, também tem um caráter pedagógico, que procurava também valorizar a vida daquelas pessoas e nesse sentido, o ecomunitarismo seria uma coisa muito mais ampla do que simplesmente, vamos dizer assim, uma visão voltada para as questões ambientais, mais questão de inserção do ser humano mesmo numa condição melhor de vida. Entendi como um projeto que buscava um resgate daquelas pessoas que estavam completamente abandonadas, não é, e que aqui em Pelotas era simbólico embaixo da ponte, não é, de Rio Grande para resgatá-las a uma vida digna.

2. Você sabe o que é EA? Caso saiba explique.

A gente faz idéia assim, do que ouve, não é, educação ambiental... eu, um conceito mais amplo eu acho que é um pouco assim de reeducação do ser humano pra se relacionar do ser humano com o meio ambiente onde ele vive, e isso não passa só pela relação do homem com os vegetais ou os animais, mas também com o próprio homem, quer dizer, uma coisa mais ampla na verdade. A educação ambiental é também levar em consideração que o ser humano tem relação com os outros seres humanos e nesta relação também é preciso também se reeducar. Eu sempre pensei como educação ambiental isso, fazer uma reflexão levando em consideração outros aspectos que a gente não está habituado a levar, fazendo uma reflexão sobre a nossa condição no mundo e as relações que nós travamos, não é, que muitas vezes são irracionais, não é. Então fazer, uma reflexão agora... um novo olhar sobre tudo isso.

No sentido mais amplo acho que é uma educação ambiental não só no sentido de cuidar da natureza, mas de saber que o homem está inserido nesse contexto todo de relações com os outros homens, com os animais com os vegetais, estão inseridos nisto tudo aí.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Comente.

Sob esse nome eu presenciei algumas atividades e participei até como advogado nesse sentido de o ecomunitarismo seria não só aquela questão de cuidar dos rios, das árvores, do vento, da atmosfera, do ar que nós respiramos, mas cuidar daquela comunidade especificamente para que ela fosse... reinserisse na comunidade de Pelotas, na nossa região com cidadania, com aqueles princípios assim de relação com outros seres humanos também em pé de igualdade, que estavam completamente abandonados. Então pra mim é, a educação ecomunitarista é, a experiência que eu tive foi essa de participar de um projeto que estava tentando fazer o resgate de uma comunidade na verdade precisava se reinserir num sistema maior que a comunidade pelotense, aqui, no caso específico.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação social ecomunitarista?

Eu entendi que também fosse essa a visão, não é, a de fazer daquelas pessoas que estavam, primeiro, num estágio completamente abandonadas, não só passassem para um patamar de pessoas assim numa condição melhor, cada uma pudesse cuidar da sua vida individualmente, mas que também chegassem num estágio superior que seria aquele de, vamos dizer assim, de equipar essas pessoas para atuarem como cidadãos mesmo, assim, atuando mais na sua comunidade através de uma experiência de resgate mesmo da auto estima, de resgate dos valores não só humanos individuais, mas também coletivos. Eu acho que nesta perspectiva de poder ser cidadão.

5. Você sabe o que é uma ordem socioambiental ecomunitarista? Comente.

Não, assim, entendido como conceito de ordem socioambiental ecomunitarista não, não saberia responder.

6. Você sabe quais são as três normas que fundamentam a ética ecomunitarista?

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando moravam no Trevo e como é agora na Ceval?

Eu tive uma experiência rápida, agora na Ceval. A minha presença maior foi quando era ainda

ali a margem da BR, embaixo da ponte. Ali era visível, era até assim, era um exemplo que se dava de situação desumana mesmo. Foi a pior situação que eu vi em Pelotas, entre nós, não é. A pior situação de pessoas vivendo em situação de miséria absoluta foi aquela que eu presenciei ali na comunidade São Gonçalo, na ponte do Rio Grande. Eu participei, sou pelotense, nasci e cresci aqui, e não só como ativista político, também já frequentei já várias situações de bairros afastados com problemas sociais graves, mas nunca tinha visto tamanha degradação como eu vi ali na comunidade São Gonçalo. E hoje, na comunidade do Ceval, que eu presenciei, no início como estou dizendo, ultimamente não tenho até estado presente lá, mas, se verificava uma série de razões que nos levava a crer que o projeto de resgate daquelas pessoas tinha atingido pelo menos naqueles passos iniciais de fazer com que aquelas pessoas que viviam em situação de miséria absoluta agora pudessem ter, pelo menos, a perspectiva de terem um lote descente, numa zona mais urbana, mais próxima do centro e com uma infra-estrutura mínima que seria um processo que deveria estar se completando agora, até, com a construção de moradias com tijolos, de alvenaria.

Eu presenciei esse período, né. Eu vi a situação dramática que eles vivem e vi que houve uma melhora substancial, numa série de fatores, inclusive isto, que eu acho que criou uma expectativa positiva para as pessoas muito grande, e isto é muito importante para fazer com que a auto-estima das pessoas se eleve.

8. Como era a saúde quando essas pessoas moravam no Trevo e como é agora na Ceval?

Como eu posso dizer? Posso dizer que...eu não da área da saúde, eu sou um advogado, professor. Poderia dizer assim: a situação que era antes era de precariedade total. A situação da comunidade quando vivia as margens da BR era uma situação degradante completa, no meio da água, no meio do lixo. Não poderia haver situação mais degradante do que aquela. Poderia haver uma situação igual aquela, pior do que aquela é difícil de se pensar. Agora, o simples fato de ser retirada da beira da água, dos ratos, de ser transferido para uma zona urbanizada, mais próxima do centro, isso já deu uma qualificação... Imagino que já deve ter havido um salto qualitativo imenso em termos de saúde pública, ali. Não sei aferir porque não sou um técnico dessa área, não conheço os dados dessa área.

Havia muitos óbitos naquela ocasião? Imagino que sim, porque as condições eram as piores, imagina no inverno, por exemplo, as pessoas

mais idosas e as crianças o que deviam padecer de doenças respiratórias, ali. Posso imaginar, mas não sei aferir. Se tu me perguntasses o que eu acho, acho que sim, mas, não posso atestar isso porque realmente não tenho os dados.

9. Tinha escolas para essa comunidade, antes do projeto ecomunitarista? E agora?

Que eu saiba, a única experiência, assim, de educação, que se teve ali, foi o projeto que a professora Jara deu início.

10. Como era o relacionamento humano entre os integrantes da família no tempo do Trevo? Entre marido e mulher, pai e filho, as relações familiares?

Não, isso eu não tenho conhecimento.

11. Havia água, luz esgoto, infra-estrutura no tempo do Trevo?

Não, isso eu recorro que não havia. Era uma luta antiga, porque, claro... o poder público ao mesmo tempo...luz parece que só tinha até um trecho parece. Água não tinha e luz só tinha até um trecho. Eu lembro de uma passagem que me chamou a atenção, porque, claro, como o poder público não tinha a interesse em fixar com aquelas pessoas naquela localidade, até por razões óbvias, ali é realmente perigoso, não é, tivemos até um acidente ali, grave, com carga de toras de árvores que caíram e atingiram crianças naquela localidade, que eu até advoguei em favor dessas crianças, estou ainda em processo. Claro que era uma situação de perigo, de desastre iminente. Qualquer acidente ia ter uma repercussão catastrófica muito grande. Então o poder público não tinha interesse em fazer com que aquelas pessoas fossem assentadas ali, realmente. Então essa coisa ficou muito assim, me parecia que era sonogado também o serviço público numa forma de fazer..., de desestimular que essas pessoas fossem para aquela localidade. E ao mesmo tempo o poder público não tinha uma outra área, pelo menos, que atendesse aos interesses daquela comunidade, como a comunidade era formada em grande parte por pescadores e catadores de lixo, era bem dividida a comunidade ali. E como tinham catadores de lixo e pescadores, eram pessoas que... Os catadores de lixo queriam ficar perto do centro pra poder coletar o lixo do centro e os pescadores queriam estar perto da água. Então ninguém queria sair dali, porque ninguém foi pra li por acaso; foram pra li porque era um lugar interessante pra eles, pra desenvolverem as atividades deles. Porque quando o poder público queria interferir, queria oferecer lotes lá no Getúlio Vargas, ninguém quis, claro, porque

um lote no Getúlio Vargas significaria não ter trabalho, seria não ter a chance de obter o lixo, próximo ao centro, não ter a chance de não ter o pescado. Então as opções que eram dadas pelo poder público não iam ao encontro das expectativas daquela situação. Quando a Ceval foi oferecida, bom, aí contemplou em parte, acho, grande parte da comunidade, se sentiu contemplada porque pode ficar perto do centro e pode ficar perto da água para desenvolver sua atividade.

12. Em 98, no Trevo, como foram combatidas as drogas?

Não. Noventa e oito, eu acho que me aproximei em noventa e nove, dois mil; não, não tenho conhecimento do que aconteceu.

13. Como se fazia o deslocamento dessas pessoas no tempo do Trevo e como é feito agora?

Posso contar um pouco do que eu vi. Eu vi muitas pessoas que ajudavam assim... voluntariamente. Quando tinha algum problema à professora Jara levava com o carro, de um amigo, de um conhecido, eram coisas feitas voluntariamente. Não existia um transporte organizado. Eu pude perceber naquele momento que o deslocamento das pessoas no centro da cidade era feito de charrete, ou a pé, de bicicleta, ou empurrando os carrinhos mesmo de coleta de lixo, não é, que a gente via muito naquela localidade coletores de lixo, não é. Então em grande parte a gente via esse tipo de deslocamento, porque não havia naquele momento um transporte coletivo, não é, que fizesse aquela linha, e servisse até mesmo; eu acho que a capacidade econômica daquelas pessoas também, mesmo que tivesse eu acho que não haveria ali possibilidade das pessoas pagarem para o transporte coletivo. Essa era a minha impressão, que eu tinha naquele momento. Mas efetivamente nós não tínhamos uma rede de transporte coletivo que servisse aquela comunidade de moradores da beira da estrada, da comunidade São Gonçalo. Então eu acho que hoje, até pela localidade, eu não sei também, pessoalmente, agora, não te dizer se hoje nós temos ali transporte coletivo, mas presumo que seja bem mais próximo, devido a localidade agora, do loteamento do Ceval, que facilita um fácil acesso à avenida Brasil e dali tem uma rede grande de ônibus que serve ao centro da cidade. Eu acho que é mais ou menos isso.

14. Como eram as casas no tempo do Trevo e como são agora na Ceval?

Eu pude ver muito mais ver as moradias no Trevo do que eu vi agora. Agora eu vi muito mais rapidamente, bem no início né. Eram casas localizadas, praticamente, dentro d'água, eram palafitas em grande parte e que inundavam em boa parte do ano e o lixo que era ali separado inundava nos pátios das casas... era uma situação ao extremo, como eu tinha narrado inicialmente. Agora claro, até pela condição de ser num lugar seco, um lugar mais salubre, o simples fato da localidade ser melhor as casas estão numa condição muito melhor. No início, eu disse quando as primeiras famílias foram construindo as suas casas logo se percebia que era outra condição. Um lugar muito mais limpo, muito mais seco, um lugar muito mais habitável.

15. De que forma a comunidade participa ou ajuda a professora Jara quando ela realiza algum tipo de trabalho nessa comunidade?

Eu acho que tem algumas lideranças na comunidade que auxiliam nessa relação da professora Jara com o grupo maior. Eu percebi sempre, desde o início, algumas lideranças é que fazem essa ligação, vamos dizer assim, que reúnem o pessoal, transmitem as informações que fazem com que a comunicação se dê de forma mais facilitada. Eu sempre vi isso, a professora Jara ligada a algumas lideranças que davam acesso ao contato com a maioria da população daquela região.

16. Que projetos marcaram mais a comunidade neste período de 98 a 2005?

A primeira coisa foi essa de conseguir mesmo, pra mim a coisa que eu acho que foi fundamental aí... Claro que tem muitas coisas que a gente pode dizer, mas se tivesse que dizer uma que eu acho que é fundamental, até pelo meu modo de ver as coisas, eu diria que foi a conquista do terreno da Ceval, pra mim foi revolucionária ali naquele contexto; porque, porque era coisa que... não adianta a gente oferecer também coisas assim que são de um nível superior, se as coisas de um nível inferior básicas não estão sendo supridas. Esta é a minha visão, não é. Eu acho que se a gente não tem um mínimo de condição física, de uma realidade assim do dia a dia das pessoas viverem num lugar minimamente aceitável é difícil de avançar em outra direção. Então, hoje, o que eu vejo, que foi revolucionário, acho que foi ter conseguido aquela área da Ceval que contemplava grande parte das expectativas daquela comunidade. Claro, daí por diante surgem outras coisas muito importantes que vão se acrescentando. Hoje, nesse instante em que nós estamos conversando, pelo menos eu leio nos jornais, agora eu conversei com algumas

peças, mas nesse instante nós estamos (?) as casas de alvenaria. Quer dizer, é um outro momento, nós vamos ter um bairro ali, em breve, com uma outra feição, humanizada, quase como um bairro qualquer que nós temos na cidade. Ele está inserido na cidade como era o projeto lá inicial mesmo, de reinserção daquela comunidade. Eu acho que é um sucesso total nesse sentido. Claro que nós temos muitas dificuldades, eu acho, imagino, e vejo até porque como eu advogo para muitas pessoas daquela localidade, também percebo as atividades gerais, não é, de informação de... econômica básica, mas eu percebo que o simples fato das pessoas estarem agora mais próximas do centro, urbanizadas, isso já, digamos assim, já elevou a auto estima daquela população e eles se sentem muito mais cidadãos.

17. Quando começaram a se reunir, vocês, alunos e a comunidade para fazer assembléias e discutir os problemas dessa comunidade?

Eu participei, eu comecei a participar em 99, me parece, e alguns aos sábados à tarde, vários encontros eu tive, muito mais como observador na verdade, muito mais como alguém que levava algumas informações jurídicas básicas e ouvia muito. É daquelas coisas assim que a gente aprende muito ouvindo os outros mesmo. Na verdade eu aprendi muito com o projeto, neste sentido, porque a partir dali eu pude perceber que várias coisas que eu coloco em prática na sala de aula como professor de direito civil e que eu vou mencionar depois como advogado também, foram marcados por aquela experiência, porque eu passei a ter uma visão diferente da minha cidade a partir da minha experiência com aquela comunidade São Gonçalo. Eu diria assim até eu hoje advogo na área previdenciária em grande parte por influência do próprio projeto ecomunitarista, por quê? Porque eu com o meu direito civil podia fazer muito pouco às vezes por aquela comunidade. Agora, com o direito previdenciário a gente pode fazer muita coisa numa área pobre da cidade que tem muitas carências, não é. Em grande parte eu fui influenciado e hoje sou advogado na área previdenciária, continuo na área de direito civil, mas sou advogado na área previdenciária hoje muito em função desse contato que eu tive com o ecomunitarismo ali.

18. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo e como são tomadas agora?

Eu tinha conhecimento de muitos atritos naquela comunidade em razão daquela divisão

que existia ali entre pescadores e catadores. Então havia uma disputa muito grande, uma briga muito grande e alguns atritos até permaneciam, até mesmo depois as tentativas de tentar organizar melhor, não é, aquela comunidade, que foi uma tentativa também que a professora Jara tentou auxiliar. Mas eu acho que foi muito proveitoso, eu acho que essas reuniões, vamos dizer assim, como sempre acontece, o desconhecido é sempre hostilizado, nos coloca em uma situação de risco, eles não sabem o que pode vir, o que pode esperar, e a simples aproximação que foi feita, propiciada pelo projeto da professora Jara eu percebi que foi possível a partir dali um diálogo maior. E aqueles atritos que eram freqüentes foram sendo menos freqüentes a partir do momento que aquela comunidade teve de se conhecer.

19. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarista e quais são hoje?

A respeito das fontes, claro, eu tinha conhecimento de doações, de ajuda que foram feitas, voluntariamente, da própria Universidade Católica de Pelotas, que de alguma maneira, também colabora, porque propicia que a professora Jara também tenha esse projeto e nós temos que pensar assim: várias parcerias que foram feitas, não é, mas eu, precisamente, talvez não soubesse apontar todos aqueles que colaboraram, mas muitas pessoas individualmente e instituições colaboraram. Outros eu vejo que evoluiu para uma coisa mais institucional no sentido de... e agora eu vejo que a prefeitura municipal auxiliava; eu me lembro também da participação de secretários municipais, tentando também colaborar, mas hoje eu acho que evoluiu para uma coisa mais institucionalizada e eu participei de uma reunião com a prefeitura municipal com o secretário Fabrício a respeito daquelas verbas que já tinham sido requeridas, agora, então, por fim, já haviam chagado para a conclusão das casas de alvenaria nesse projeto de mutirão de construção das casas que eu acho que é um passo importantíssimo aí que está sendo dado, que eu acho que consolida mesmo, né... de uma certa maneira eu diria que atinge os objetivos básicos pretendidos lá, inicialmente, pelo projeto ecomunitarista que agora se concretizam. Claro que tem muita coisa daí pra diante, mas eu acho que foi um passo importantíssimo.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo, quais são hoje e como se organizam estas fontes de renda?

Não tenho conhecimento.

21. O que tu achas que melhorou e o que piorou no decorrer deste projeto?

Eu vejo uma melhora substancial, claro que eu não sou capaz assim, até pela minha forma de aproximação com o projeto, eu posso avaliar assim, é, superficialmente, não tenho como avaliar. Eu avalio mais como um espectador, propriamente, e olhando para a situação que nós tínhamos foi uma revolução para aquela comunidade. Por mais que nós tenhamos problemas, hoje, se enfrentamos esse ou aquele problema, eu duvido que a situação anterior pudesse ser de qualquer forma melhor do que a de hoje. Foi um sucesso total nesse sentido. Realmente a atividade desenvolvida com aquela comunidade foi espantosa. Pode-se dizer que foi um sucesso total. Claro que pode-se dizer que ah, isso, ou aquilo, era melhor aqui ou lá... eu não saberia dizer, pra mim olhando como expectador, eu diria que houve uma melhora visível de todas as condições básicas e eu acredito, pelo que eu ouvi dizer, inicialmente, uma visão de mundo também. Eu acredito que se estas questões básicas são melhoradas todas as demais são melhoradas.

22. Que sonhos tu crês que essa comunidade ainda tem para o seu futuro?

O sonho de uma comunidade pobre assim como qualquer outra comunidade eu acho que primeiro é esse que eles estão atingindo agora da casa própria que é fundamental para qualquer ser humano, não é, e que eu acho que eles estão conseguindo atingir mais até rapidamente que muitas pessoas. Tem muitas pessoas que "isoladamente" estão aí e não conseguem durante a vida ter a sua casa própria, de material, então agora nós estamos evoluindo para uma situação que coletivamente organizada e estão obtendo algo que individualmente dificilmente conseguiriam. Isso é um, acho que é fundamental que eles estão eles estão conseguindo.

Agora, é claro, depois disso o que é que se quer. Depois que se tem onde morar, que se tem a casa dos filhos, se quer um trabalho, uma renda, se quer fazer parte do sistema previdenciário, poder contribuir para o INSS, poder ter uma carteira assinada, os sonhos são aqueles de todo o ser humano, quer dizer, de ter um teto, de ter uma moradia descente para sua família, e quer ter recursos pra poder prover a sua subsistência e da sua família, minimamente, dignamente. Acho que os sonhos são esses basicamente, não é. E se estava muito longe para aquela comunidade, hoje estão muito mais próximos de serem atingidos; até porque eu presumo, eu não

sei, não sei esse dado, mas presumo que o simples fato das pessoas viverem em uma comunidade melhor até para conseguir um emprego vai ficar mais fácil. É mais fácil uma pessoa conseguir um emprego morando na localidade da Ceval do que dando como endereço a margem da BR no São Gonçalo. Ali a comunidade é discriminada até pela própria localidade.

Dar um emprego para uma pessoa que morava na beira da estrada é uma coisa, dar um emprego para uma pessoa que tem um endereço certo, numa região central, dentro da cidade, eu acho que é outra coisa. Até o status vamos dizer assim da comunidade melhorou e isso deve ter facilitado, presumo, não sei, mas deve ter facilitado, também, o acesso ao trabalho.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E agora?

Eu acho que só pode ter havido, eu acho assim oh, é, pelas conseqüências do eu vejo o desenvolvimento. Só pode ter... eu só acredito que só possa ter havido esse progresso com aquela comunidade porque de alguma forma os valores de solidariedade se sobrepuseram aos egoísmos. Mas claro que egoísmo deve ter havido e deve haver. Os seres humanos, nós temos essa dualidade, não temos só os instintos e os impulsos pró-solidariedade. Nós temos, também, os impulsos individualistas e egoístas, mas prevaleceu, eu diria, sem dúvida nenhuma, que só pode uma comunidade crescer e também digo isso olhando como espectador, só pode crescer e atingir os objetivos que atingiu se conseguiu fazer prevalecer os valores da solidariedade.

24. Como convivem essas pessoas com as diferenças religiosas, sexuais, políticas no seio da comunidade?

Eu tenho muito pouco contato sobre esse aspecto. Eu não saberia te dizer, porque é um aspecto que eu muito pouco convivo, nesse, sobre esse enfoque, não é. Eu disse, como advogado eu sempre fui para as reuniões para ouvir e para aprender coma comunidade e depois muito mais para orientá-los naquela direção, juridicamente falando. Não lembro de ter visto, assim, e presenciado atritos dessa natureza, mas presumo que deve ter havido como qualquer outra comunidade há atritos dessa natureza. Não sei ali dizer especificamente como isso se desenvolveu. Como é que a coisa evoluiu.

25. Quais seriam os principais objetivos e atividades desenvolvidas na comunidade ao longo desses sete anos?

Acho que o objetivo fundamental nesse tipo de caso viu, o fundamental era reerguer aquela comunidade no sentido de trazê-los a uma situação de cidadania, assim né, no sentido amplo, né. As pessoas agora vivem numa condição mais digna, mais humana, mas também são pessoas que agora, então, também, passam por uma nova etapa de poderem até reivindicar mais, de poderem se organizar, de poderem perceber que organizados tem força para atingir os objetivos, os sonhos que são de cada um, não é.

Eu acho que isso, esse objetivo que é o fundamental, que era retirá-los da situação de miséria absoluta, mesmo de pobreza, mas de maior dignidade, eu acho que esse é objetivo, eu diria, até com folga. Agora, é claro, eu acho que não para aí, né. Quando a gente consegue atingir uma determinada etapa e gente quer andar mais adiante. Mas eu diria que é um sucesso já. Aqueles que pretendiam colaborar e ajudar na organização daquela comunidade que estava completamente abandonada, hoje tem uma condição de dignidade muito maior diante daquela situação só pode ser motivo de orgulho mesmo e satisfação.

26. Quais os principais resultados obtidos tendo em vista o que se pretendia?

Eu presumo que conhecendo um pouco essas coisas de gente que sonha e depois quer colocar em prática, há uma grande distância entre o que se sonha e o que se conseguiu realizar. E há uma tendência da gente depois como sonhador, lamentar que os sonhos não foram atingidos, não é, mas vezes a realidade surpreende mais do que os sonhos da gente. Eu acredito muito nisso hoje, mas eu compreendo que muitas pessoas, não mas que nós sonhamos com mais do que isso e agora... por exemplo, deve ser uma questão agora colocada, também presumo, até também eu não sei, assim especificamente não tive contato pra dizer, mas presumo que daqui há pouco tem a briga agora pra o que vai construir a casa de material primeiro, o outro que não vai construir, e o medo de que não construam pra mim, ou eu vou ficar fora agora. A minha casa é de madeira a outra é melhor do que a minha. Claro que essas coisas devem aparecer agora e devem ser um fator de preocupação e de desagregação até do núcleo, de disputas. É mais que humano, não é. A gente percebe que em qualquer lugar é assim. Eu imagino que o desafio agora é lidar muito com essas coisas do egoísmo, não é. Nós conseguimos juntos atingir o objetivo de conseguir verba pra conseguir as moradias de alvenaria, mas agora vamos conseguir fazer a divisão dessa conquista de uma forma

equilibrada, de uma forma justa? É um outro momento, não é. Eu repito, eu já tinha isso, eu acho que... são problemas, são criados porque se evoluiu, porque se cresceu, porque se avançou, porque se conseguiu ultrapassar outros limites, se não estaríamos discutindo ainda como é que iríamos sair da beira da estrada. Não é essa a discussão agora. E é claro que novos problemas aparecem, novos desafios aparecem, mas nós não podemos nos esquecer de onde partimos. Não podemos esquecer da situação que se tinha antes. Para que se possa fazer uma avaliação séria, nós temos que pegar todas as etapas. E aí o momento de todas as etapas, eu não tenho a menor dúvida de dizer que foi um sucesso o projeto e que nós vamos avaliar aí em termos de objetivos atingidos eu acho que pode ter até pretendido muito mais, mas o que se conseguiu foi superbem.

27. De que atividades tu participastes e quanto tempo tu permanestes no projeto?

É como eu disse, a minha atividade sempre foi, primeiro, talvez uns dois anos eu tenha ido mais frequentemente em sábados à tarde em reuniões da comunidade, depois disso eu comecei a atividade de advogado na área previdenciária, eu comecei muito mais aí atendendo até mesmo no meu escritório pessoas que vinham da comunidade pra poder auxiliá-los assim com questões objetivas, como advogado aí, não é. A minha participação deixou de ser tanto, lá, presencial e muito mais assim de, vamos dizer assim, auxiliar, extra núcleo da comunidade. Porque essa é uma atividade que eu não deixei de fazer até hoje, nunca me desvinculei nesse sentido e até participei, recentemente, exatamente da reunião da comunidade com a prefeitura municipal a respeito de como seria, então, o repasse desses recursos para a construção das casas. Então eu sempre me coloquei a disposição e atendo a comunidade no meu próprio escritório agora, diferentemente do eu fazia inicialmente que é, eu ia até a comunidade e lá prestava o serviço de orientação. Como eu já fiquei conhecido e a professora Jara já me apresentou aquela comunidade, bom, agora as pessoas já vão até o meu escritório e eu distribuí cartões e tal, o pessoal vai até o meu escritório, que até pra mim fica mais fácil de me organizar na agenda. Então o meu contato por agora é muito mais assim, profissional, individualizado, ou coletivamente às vezes, mas mais individualizado do que presencial do que eu fazia inicialmente.

28. Mudou em alguma coisa o teu ponto de vista político?

Muito, mudou muito. Eu, no sentido assim, sob o ponto de vista político eu passei a perceber com maior clareza na coletividade, na cidade como um todo, nós temos que eleger prioridades e eu acho que nós temos que ter clareza que antes de se ter estradas pavimentadas, antes de se ter prédios bonitos, pintados, nós temos que cuidar das pessoas que vivem na comunidade em situação de miséria absoluta como era o caso daquela comunidade do São Gonçalo. Eu tenho clareza pra mim hoje que como assim um pai de família na sua casa. Se tem um filho que não tem sapato pra colocar nos pés, eu não posso pensar em comprar uma bicicleta nova pro outro filho, não é. Tenho que conseguir o mínimo necessário pra que todos tenham uma condição mínima. Eu tenho que estar atento pra isso. Eu não posso pensar em trocar de carro se eu não tenho as condições mínimas da minha família supridas. E se nós pensamos em termos de cidade temos que pensar assim, olhar pra nossa comunidade com esse olhar: em nossa comunidade quem é que mais precisa? Eu preciso construir, arrumar as estradas para os automóveis passearem, circularem, muito bom também, muito bem, isso é muito interessante, mas o número de pessoas que tem automóvel é muito reduzido e o número de pessoas que se beneficiam desse investimento público é muito reduzido. Então muito antes de eu dar pavimentação acesso a moradia até as pessoas que vivem em situação de miséria. Isso ficou claro e eu vi que isso é possível, desde que se tenha uma organização da comunidade pra poder também ganhar visibilidade do poder público.

29. Mudou o teu ponto de vista em relação aos pobres?

Não, eu já tenho há muitos anos, eu já... eu, eu, a minha formação, não é, eu há muitos anos eu participo desse tipo de comunidades pobres, embora eu seja de classe média, eu sempre atuei muito, vamos dizer assim, em comunidades pobres, ou seja, primeiro até junto a igreja, a igreja católica, que eu participei quando era muito jovem e depois na adolescência e depois já na atividade política, eu sempre tive muito envolvimento com comunidades pobres. Eu tinha a percepção de que a realidade das pessoas que vivem em situação de pobreza não é diferente, enquanto seres humanos, das outras pessoas.

Existem pessoas admiravelmente sérias, corretas, descentes e existem outras que não são, assim como existem no seio da classe média, da classe alta, da mesma forma, caráter de boas pessoas e más pessoas, existem bons e maus caracteres em qualquer dessas comunidades

vamos dizer assim. Claro que a situação do pobre é agravada pela falta de suprimento das questões básicas mínimas que atrapalha muito as pessoas, complica, agrava muito. Se eu tenho uma pessoa de classe média, ou média alta que entra em depressão, eu tenho acesso a um psiquiatra, eu tenho acesso a. até ao conhecimento de que é uma questão psiquiátrica, até sei dizer qual é a questão que eu tenho que enfrentar. Se é uma pessoa pobre muitas vezes isso é visto na comunidade como uma fraqueza qualquer, uma outra doença, não se enfrenta o problema de base. Eu vejo, por exemplo, as questões materiais mínimas, elas agravam em muito os problemas das pessoas. É muito mais fácil, eu diria, uma pessoa pobre se enredar na vida porque é pobre, porque não teve acesso aos, a informação, porque acaba tendo filho quando não queria ter, acaba doente sem saber, agrava a situação. Mas não é que a questão da pobreza, em si, seja um diferencial, assim, das pessoas, fundamental. Eu não diria isso. Tem algo de fundamental nas pessoas que eu diria até que é inato. Tem coisas são inexplicadas pra mim. Tem coisas que vem com as pessoas e que constatasse. Tem coisas que tem uma dignidade impressionante e vivem em condições absurdas, e tem pessoas que são completamente mau caracteres vivem em condições excelentes. Não é por aí, não, não, essa visão eu não tenho há muito tempo. Claro que foi confirmada com essa proximidade a essa comunidade pobre, não é, confirmou, pra mim, mais uma vez isso tudo que eu estou dizendo. A condição de pobreza ela não, vamos dizer assim, consegue aplacar, ao contrário, se torna ainda mais admirável como que pessoas nessa condição ainda conseguem ter uma dignidade humana impressionante e, conseguem reagir diante dessas circunstâncias. Prova a força do ser humano, na verdade diante da diversidade total conseguem reagir.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade?

Mudou, neste sentido mudou. Mudou até o meu foco em certo sentido. Eu percebi que eu poderia ser muito mais útil, pensando em questões de direito social, por exemplo, pensando em questões que são muito mais, assim, necessárias para as pessoas do que aquelas que eu teoricamente, enquanto estudante, e depois até como profissional vinha trabalhando. Eu tinha afirmado, já, em outro momento, que grande parte da minha convivência com essa comunidade me levou a estudar e a aprender e depois a advogar na área de direito previdenciário. Eu verifiquei justamente isso, que é uma extremamente

necessária pras pessoas que vivem nesta condição de miserabilidade, de pobreza extrema, muito mais útil é o direito previdenciário do que o direito civil, por exemplo, em geral. Então é muito interessante, porque eu sempre fui estudante atento e sempre gostei e me tornei professor de direito civil. É claro, até hoje, de teoria eu gosto muito e na pratica até advogo nesta área também, mas é um direito muito mais voltado pra quem tem a propriedade, pra quem tem condições mínimas. Aqueles que não têm condições mínimas precisam muito mais do direito previdenciário.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Ah, isto tudo está inserido. Na verdade isto tudo está muito vinculado. A Universidade Católica possibilitando, estimulando o projeto do ecomunitarismo que capitaneado pela professora Jara, eu acho que demonstrou também que a Universidade pode sim fazer projetos de inserção na comunidade de uma forma menos acadêmica, não é, no sentido clássico assim, não é. Pode sim estar presente na comunidade e interferir, como interferiu efetivamente aí, neste caso, como instituição colaboradora. Instituição que de uma forma ou de outra também estimulou e possibilitou até mesmo que a professora Jara desenvolvesse este trabalho. Eu acho que sim, eu acho que a Universidade aí mostrou que tem condições de cumprir um papel pra além daquele papel que é natural de preparação acadêmica, também fazer com que a comunidade menos, é,... a mais desprotegida também possa sentir a presença da Universidade.

32. O que você acha que mais mudou em você? Eu que acho que me, me, vamos dizer assim..., não é que tenha mudado isso em mim, porque isso na verdade, isso eu vou dizer pessoalmente isso já existia em mim, não é, mas fixou em mim, não é, mais do que mudar, fixou em mim a visão esta, não é, de que na verdade, na nossa comunidade, e no nosso dia, e a minha vida, se eu for pensar individualmente, como um indivíduo de classe média, eu vivo num outro mundo na verdade; o meu mundo é outro. Eu vivo vinculado, eu posso estar vinculado na internet, conversando com os meus amigos na Itália, eu posso estar assistindo a minha TV à cabo e vendo programação dos outros, enfim eu acesso as Universidades, eu sou professor, eu tenho acesso a informação, eu tenho acesso a bens materiais, a tranquilidade... O meu mundo não é todo mundo. Eu faço parte de uma elite da minha cidade que é uma parte muito pequena da população na verdade e, o que ficou fixado em

mim a partir da convivência neste projeto é de que amanhã ou depois, e até mesmo na minha profissão e até mesmo enquanto comunicador social, eu também participo de programas de rádio, participo de programas de na televisão, que eu tenho o dever de sempre de quando fizer uma análise assim do todo, não esquecer que a maioria das pessoas da nossa cidade não vivem no mundo que eu vivo, não esquecer que na verdade, na hora que eu for fazer uma análise daquilo que é importante pra minha cidade não posso deixar de levar em consideração que é isso que eu presenciei; que grande parte da população de Pelotas vive numa situação de abandono, vive numa situação de grande precariedade; e que pessoas como eu que tem acesso aos meios de comunicação, que tem acesso a informação, que tem acesso a uma série de coisas, não é, de bens materiais e imateriais, não pode abandoná-los. Eu fiquei muito mais comprometido num certo sentido. Não é que isso seja novidade pra mim, eu já sentia isso, mas, isso se solidificou em mim. Eu fiquei muito frustrado, muito marcado pra mim e eu me pego sempre fazendo isso e acho bom que muitas vezes, no meu ambiente, onde as pessoas não tem essa experiência e que na hora de fazer uma análise da situação que nós vivemos, na hora de fazer uma reflexão sobre a cidade que nós queremos, eu percebo que muitas vezes eu consigo trazer pra discussão, pra reflexão, elementos de realidade que muitas vezes não são percebidos por pessoas da classe média, da classe bem estande da nossa cidade. Isso eu acho que é uma contribuição que eu posso dar e que tem a ver exatamente por ter participado do projeto, por ter assim, convivido com pessoas que vivem uma realidade completamente diferente da minha, e que me ajudaram muito a perceber que a minha realidade é uma realidade de poucos, de privilegiados da minha cidade, e eu tenho o dever de quando pensar na cidade como um todo não abandoná-los, não deixá-los esquecidos. Então eu tenho isso muito presente pra mim. E eu acho que isso foi uma mudança, uma mudança nesse sentido, não é, uma fixação em mim desses elementos que foram muito importantes.

Entrevista com a Sra. Geneci da Silva Freitas (D. Cica)

Líder da Comunidade de Catadores de papel

1. O que é ecomunitarismo para a Senhora?

Para mim é um trabalho, uma melhoria, não é. Melhorou as moradias, os terrenos, casas.

2. O que é EA para a senhora?

Ah, pra mim é a limpeza, manter tudo limpo.

3. A senhora tem idéia do que seja educação ecomunitarista ?

Educação pra mim é as crianças mantendo nas escola. Serem educadas pelos pais, pra mim é isso aí. Pra mim isso seria educação ecomunitarista.

4. No seu entendimento, a senhora saberia me dizer que tipo de educação social busca essa EA?

Desconheço.

5. A senhora sabe o que seria essa ordem socioambiental ecomunitarista?

Desconheço.

6. A senhora já ouviu falar das três normas da ética que fundamentam o ecomunitarismo?

Não.

7. Como era a Comunidade São Gonçalo no tempo do Trevo e como é agora na Ceval?

Ah! Aqui é bem melhor! Lá no Trevo era enchentes, acidentes, sujeira. Isso foi há sete anos atrás. Eu morei lá vinte e dois anos. Disparando das enchentes, voltando, indo e voltando.

8. Como era a saúde no tempo do Trevo e como é agora na Ceval?

Lá as crianças vivam doentes e aqui não. A saúde é melhor aqui. Porque aqui tem menos sujeira, não tem contato com águas podres que vinham das enchentes. Ratos, lá tinha à revelia. Os ratos andavam desfilando nos pátios.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no tempo do Trevo, e agora na Ceval?

As crianças estudavam no Dr. Simões Lopez, alguns. E aqui eles continuam no mesmo colégio.

10. No tempo do Trevo como era o relacionamento entre os integrantes da família?

Na minha continua sempre na paz, não é, e continua aqui. Na vida dos outros eu também não posso te dizer nada, não é.

11. Havia água luz e esgoto no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

Os que podiam colocar colocavam luz. A maioria, todos botaram luz. Água também era uma bica comunitária, e todo mundo puxou mangueiras pros seus pátios. Esgoto não havia. Aqui não temos esgoto ainda, mas temos água e luz. Agora vai sair os esgotos aqui.

12. Em 98, no Trevo, houve problemas com drogas? E agora na Ceval? De que forma a comunidade trabalha para combater este problema?

Tinha. E aqui na Ceval ainda tem, mas sempre tem um que denuncia. Existe um movimento da comunidade em defesa de própria. Esse rapaz que morava lá no canal até te preso de novo, que vendia. Ele ia pra lá, vendia um pouco e ia embora, denunciavam e ele ia embora. Aí ele teve aqui também, agora depois ele foi preso, tiraram o terreno dele, a gente até nem fez questã de dá pra outro e ele foi embora. Houve uma melhoria.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Ah, isso aí eu não entendo porque é que fazem. Porque tem em tudo que é lugar agora, não é. Há pouco tempo aqui pegaram, na rua 05 aí, um traficante que nem eu sabia que ele morava aí, que vende dentro da comunidade. Nem eu sabia que ele vendia. Mas também já foi embora.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade antes do projeto? E agora?

De bicicleta, a pé, até hoje é assim. Ônibus não tem. A linha mais próxima da minha casa da uns três quilômetros, mais ou menos isso aí.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo e como são agora na Ceval?

Barracos, e como continuam aqui, não é, os barraquinhos até sair essas casas. As casas de alvenaria já estão em andamento.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?

Ela vem aqui, fala pra mim que ela vai formar um trabalho, uma limpeza aqui, um mutirão de limpeza. Aí eu saio junto todo o pessoal e vamos pegar na limpeza.

Lá no Trevo a gente fazia mutirão também e limpava.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Foi a Jara. Olha, é que a gente não teve nada assim... de bom o que nos apareceu foi a Jara. Que era todo mundo..., atirados, todos por si e Deus por todos. Aí a Jara apareceu lá, ninguém se interessava em limpar uma valeta, e a Jara apareceu lá e incentivou todo o pessoal, todos gostavam. Chegava os sábados: a Jara vem! Vamu limpa e aí pegava todo o mundo.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Pra isso aí começamos aqui na Ceval. No Trevo a gente fazia reuniões assim pra mutirão, pra educação das crianças, reunir as mães pra fazer alguma coisa, mas reuniões assim, pra ganhar terrenos, isso foi aqui. Na minha barraca ainda. Essas reuniões foi a partir do projeto da Jara que começou.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?

Não, não tinha nada assim oh. Se eu quisesse melhorar eu ia fazer por mim, o vinho ia fazer por ele. Não tinha ninguém pra dar um apoio e dizer: vamos se juntar todo mundo, vamos fazer uma reunião, vamos dar um apoio e vamos melhorar.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Na minha opinião a gente está esperando fazer, ... ajeitarem as ruas, os esgotos e essas casas. Aí vai melhorar mesmo! E melhorou porque lá a gente morava de posseiros, né. Aqui a gente já tem os terrenos no nosso nome, já é nosso. Já semo dono do terreno. Já tem dois anos do documento de propriedade.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Ah, o nosso sonho é a gente ter uma escolinha pras crianças, a creche que eles prometeram, a associação que vai sair.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

A solidariedade é mais organizada, é que apareceu gentes doutros lugares. No tempo do Trevo existiam entre os pescadores e aqueles dali daria na razão de setenta e poucas famílias e hoje aqui tem noventa e poucas. Umhas quatrocentas e poucas pessoas.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Essas diferenças são respeitadas dentro da comunidade.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

É, é essas brincadeiras que vem professores vem aí, vem brincar com as crianças, inducar alguns, né. E o que a gente queria é que continuasse também é essa escolinha que a Jara ... e parou né, e as crianças já estão cobrando que não vem professora que não vem isso... Teve, acho que uns vinte dias de aula pra eles, aulinha pra os pequenininhos e agora eles estão cobrando. Os professores eram alunos da Jara da Católica.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

A gente veio pra cá, a gente veio lutar por uns terrenos, e aconteceu que caiu as casas também. Porque a gente brigou pelas terras e não por casas, a gente queria os lotes e não casas, mas como surgiu as casas já foi um passo maior, né.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

São sete anos de luta junto com a Jara. A Jara foi a pessoa mais importante que apareceu, a Jara. O que mais me tocou foi as reuniões que ela juntava todas, que fez as pessoas entender muitas coisas. Tem gente que vivia brigando e ela... não é assim, vamos conversar. Vamos conversar e ela trazia aquelas idéias e a gente todo mundo reunido e muitos pais que batiam e espancavam os filhos e isso tudo foi acabando. No tempo do Trevo havia esse problema de relacionamento. É que terminou aquilo assim, os pais qualquer coisinha não conversavam com os filhos já vamu espancar. As relações melhoraram entre todas as pessoas. Crianças pequenas de oito, dez anos andavam roubando! Não é assim, vamos conversar. A Jara pegava eles dava brincadeiras, dava aulinha de capoeira. Quer dizer que as crianças pararam com aquilo ali. Mudou bastante.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Continua o mesmo. A gente vai muito assim: A gente tá com pobrema assim, oh. Não sabe o que vai decidir, liga pra Jara. Jara vem aqui, o quê que a gente devo fazer e ela faz assim, assim... Porque lá a gente vivia perdido, não sabia pra que lado ia pegar e a Jara... aquilo eu acho que mandaram do céu.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Dá nossa melhorou, mas dos outros a gente não sabe, né.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Ah, mudou bastante! Antes eu não me preocupava com nós, eu me preocupava só com os meus, só com a minha família. E aí com esse trabalho da Jara eu tinha que me preocupar com as outras famílias. Nas primeiras reunião da Jara, lá, fui escolhida a primeira líder, não aceitei. Eu não vou tá me incomodando. Daí votaram todos em mim e eu não quis. Aí fizemos nova votação e fizemos as primeiras lideranças. Depois aquelas não deu certo, me botaram de novo e eu não quis. Aí eu entrei não querendo, nem sabia que eu tava! A Jara me botou sem votação sem nada. Claro, a gente já fomos, já viemos pra cá e eu tive que assumir. Fui eleita três vezes, na primeira fui votada todo mundo votou em mim. Isso foi lá em 98. A Jara chegou lá escolhendo as lideranças, que entre os pescadores ficou a Gracinda. Fui votada e não quis aceitar, mas depois na segunda fui de novo e também não quis. E entrei pelum acausu, fui colocada sem saber. Aí tive que assumir. É cansativo, é cansativo! É cobrança toda hora, toda hora. Tudo é cobrado de mim. As outras lideranças não chegou a durar seis mês.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

É, porque fazem uns trabalho junto com a Jara e dão bastante apoio, né. É porque a Jara bastante se incomodou por causa nossa aqui, né, então a gente tinha a Universidade como um monstro. Ela foi lá onde a gente estava nas enchentes, dava uma fugida, deixava os alunos e dizia; ai, vou me incomodar, vou me incomodar. Então todo mundo achava, bom, o quê que é isso aí, né. Mas, não, a gente já viu que é outra... A gente sente mais próxima agora. A gente também teve uma reunião lá com o Reitor e a gente viu que não era aquele monstro que a gente tava pensando. Ele falou pra nós que podendo nos ajudar ele ia nos ajudar. Isso foi o ano passado. Aqui tem três anos já e nesses três anos houve uma conquista das maior.

32. O que você acha que mais mudou em você?

Tudo. Ah, melhorou a moradia, claro, não to num conforto, essa casa é pequena, né, ainda, por enquanto. Porque lá eu tinha oito peças de casa, aqui eu tenho três. Dentro de mim de ver a comunidade feliz. Eles tando feliz, pra mim eu também to. É um futuro que também a gente deixa pros filhos, casa, um lugar bom pra eles morar, não tem perigo. Tu pode largar eles aí a vontade e todo mundo se conhece. Eu ganhei, mas eu também perdi. Ganhei muito mas também perdi muito. Perdi o meu filho com vinte e cinco anos. Perdi o meu pai primeiro e no dia das mães mataram o meu filho. Quer dizer que eu faço essa luta, mas também... Quer dizer que eu gosto de ver a comunidade feliz, né. É como eu digo pra eles: eu ganhei muito, mas também perdi muito, né. E às vezes eles querem desistir e eu digo: "não, vão à luta!" Vontade tive de ir embora quando perdi ele, né, queria até ir embora. Mas depois fica pensando, eu falo, ah vamu embora e eles dizem: eu vou di trás, eu não vou ficar aqui. Então tem de ficar aqui.

BASTIDORES

O que a senhora acha que daria pra se fazer assim de imediato? Olha, já estava bom essa escolinha que eles já tinham feito pros pequeninhos, porque os outros tu coloca na escola uns de manhã, outros de tarde, e as mães quê querem ajudar nas paredes? Onde vão deixar essas crianças? Já o nosso causo aqui. Eu tenho aquele anjinho que tava lá, que subi comigo lá. Ele ficava na escolinha de tarde pra gente trabalhar, da uma e meia as cinco e meia da tarde. É um horário bom, mas pra mim trabalhar a gurria tem que ficar, pra gurria trabalhar eu tenho que ficar cuidando ele. Muitas aí tem quatro cinco pequeninho.

(...) e a Jara chegou lá e é claro, ela não podia aparecer, ela não ia arriscar o serviço dela também né. Mas a gente já tinha combinado. Nós andamos procurando aí por uns lugar terreno, aí eu digo: Jara vamos que eu vou te mostrar um lugar. Eu gostei daqui. Eu digo, Jara, qualquer coisa a gente vai invadir. Eu mandei chamar ela, ela chegou com esse advogado lá... e eu disse: olha! A gente vai invadir aquilo lá! Tu tem casa, tu não ta dentro d'água! De noite a coitadinha andava aqui nessas escuridão. Isso aqui era tudo escuro e ela andava aqui de noite. Arriscava, a meia noite a Jara andava aí.

E já era alto o terreno como é agora?

Não, isso aqui era só caco de vidro quando a gente chegou aqui. Era tudo deserto quando aqui. Mas era uma área boa, depois a prefeitura... era muros, era um monte de coisas!

Precisava tu vê como era isso aqui. E fomos a luta e disseram pra nós que a gente não ia ganhar e a Jara indo pra frente e vamo que vai e vamu ganha e vamu ganha e ela junto muito amigo dela. Porque teve uma gente que ta aqui nos fundo que fizeram uma invasão num lugar, só que eles não tiveram o mesmo apoio que nós tivemos. Eu peguei e ainda disse pra ela assim: Quem tem Jara tem tudo! Eu digo: Nós temu! E a mulher veio aí e pediu pra nós colocar eles aqui, que tiraram eles e aí o Alan trouxe pra cá. E olha, muita gente não acreditava porque isso aqui era área particular, da Ceval. O seu Paulo foi processado. Tá sendo ainda.

Essa ação está também na mão do Marcus?

É ta com um advogado, pareça que ele é que ta cuidando do caso. É foi difícil, e hoje se tem uma comunidade organizada. É que ainda o povo não entende muito as coisas. Eles acham que, vamos supor essas fundação aqui. O meu marido tá deusde o início. Aí o fulano ali. Eu vou pega só quando saí na minha casa, então não é o certo. Isso é um mutirão! Às vezes as mulhier tão tudo trabalhando e os omi tão sentado tomando mate. Acho que não, vou pegar na minha. Quer dizer então que o meu marido vai pegar na dele, e ele não pode pegar nessa aqui. Aqui começou num mutirão mulher e omi, agora, quando chegou lá no fundo ninguém quer pegar. Esse daqui não ir pra lá e tem que ta brigando com a firma essa e com a prefeitura daqui.

Qual é a firma que está fazendo isso?

É uma firma particular. Tu vê que essas casas já eram pra ter paredes alevantadas. Faz dois meses que já fizeram as fundação e é quinze dias pra secar. E o pessoal desacorçoa. Agora tão lá no CEFET cortando ferro pra segunda vão começar levantar as paredes.

E não fizeram nenhuma reunião, Dona Cica, pra tentar melhorar o mutirão?

Já, já...!

É assim oh. Tu não qué ajuda, tem duas casa aqui, essa minha guria que vai morar aí do lado não tá ajudando, vamu pulá a casa dela. Vamu faze outra, porque senão o pessoal não vai...

Entrevista com o Sr. Paulo Silva

Técnico em Eletrônica pela ETP – Escola
Técnica de Pelotas
Membro da liderança da Comunidade São
Gonçalo

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Agora tu conseguiu me apertar. O que é ecomunitarismo? É uma integração de comunidades, com o ecossistema.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

É uma coisa quase que precária aqui. Principalmente nessa comunidade aqui em que ninguém respeita meio ambiente. Ninguém respeita meio ambiente. Aqui joga-se qualquer coisa no meio ambiente para poluir mais ainda do que já está poluído. Inclusive estou indo hoje a Porto Alegre pra conferência do meio ambiente a realizar-se no salão de eventos do parque da Harmonia. A EA para nós, aqui, seria uma reeducação da comunidade, como deveriam tratar o meio ambiente, como deveriam cuidar dos dejetos que jogam.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

É procurar adaptar o pessoal nesse sistema de EA, porque praticamente todo mundo é leigo nisso aí. A grande maioria é leiga. E outra coisa, teria que ter alguém que se interessasse em fazer um estudo com o pessoal sobre o meio ambiente, porque não adianta dizer: eu sou ambientalista se eu não cuido do meio ambiente. Se eu mesmo vou poluir o meio ambiente como é que eu vou me considerar um ambientalista.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Esse sistema que a Jara tava fazendo aí. Ela procura uma educação ambientalista, mas muito precária, muito precária. Ela é daquelas pessoas que... Ela fala muito e age pouco, porque não adianta nada tu querer dar uma educação ambiental pras pessoas tentando socioeconomicamente as pessoas, ajudando com mantimentos, não. Não se ajuda. Tem que ensinar a pescar e não dar o peixe.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Essa aí eu vou ficar te devendo.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

Noventa e nove ponto nove melhor, aqui, do que lá. Lá as pessoas vivam marginalizadas. Viviam praticamente a margem da sociedade. Hoje aqui, não. Hoje aqui o pessoal se sente cidadãos, foi resgatada a cidadania, o que não se tinha lá embaixo. Lá todo mundo vivia a margem da sociedade. Era a miserabilidade total. Aqui o pessoal já se conscientizou que não são o que pensavam que eram, são cidadãos, agem como tal enquanto que lá vivi-se jogado. Lá eles se achavam pequenos, eram pequenos não tinham... Qualquer pessoa chegava e dizia é assim; seguia aquilo ali. Agora, não. Agora cada um tem a sua opinião.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

A saúde continua precária igual, porque a gente depende desse posto médico aqui do Simões Lopes que o atendimento médico é precaríssimo. Aqui pela infra-estrutura já melhorou, porque lá tu não tinhas a infra-estrutura que tens aqui, água, luz, a canalização de esgoto que começa segunda feira.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Agora tem uma escolinha das crianças aqui. Escola sempre teve, Simões Lopes, Nossa Senhora Aparecida, mas era aquilo né, um dia iam, dois três não iam a escola, agora não, agora as crianças estão freqüentando a escola constantemente.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Acho que relacionamento familiar é o mesmo. Cada um é cada um, cada um age dentro da família conforme acha que deve agir, procurando fazer na orientação dos filhos o

melhor possível. Entre vizinhos melhorou muito, e depois com a orientação da Jara e mais a equipe de acadêmicos, que orientaram muito se não... Foi um trabalho excepcional. Eu acompanhei ao logo de sete anos esse projeto. Tinha aula de capoeira pras crianças, tinha as aulas ali na balança velha na beira da faixa, de relações sociais co'os acadêmicos, conselhos pras famílias... Foi o que ajudou muito.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Lá na baixada, lá no canal, não. É, no Trevo não tinha. Tinha luz, A água era precária, porque era uma bica que a gente puxava água do posto pra todo mundo. A água lá era precária, mas não tinha esgoto, não tinha nada. Aqui também, esgoto a gente ainda não tem, mas é outro ambiente, é outro ambiente. *Tem previsão de esgoto seu Paulo?* Tem. Acho que a partir de fevereiro já começa a fazer a canalização do esgoto aqui. E isso é verba já aprovada do convenio prefeitura e a caixa e o SANEP já está com o projeto pronto, já aprovado, tudo.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Droga sempre existiu, mas, não incomodavam, não. Na comunidade era raro. Lá era raríssimo; era um dois que usavam drogas, mas não incomodavam, não. Agora aqui, acho que continua a mesma coisa, são raras exceções. A comunidade não faz nada pra combater esse problema.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Olha, isso aí é falta de orientação. Eu acho que teria que ser um, como é que eu vou te explicar? Um estudo entendesse, que fumam maconha, um outro troço é conversar com eles, eu acho que resolveria noventa por cento.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

O transporte coletivo aqui é bem mais fácil, tem duas linhas de ônibus, uma ali, outra aqui na ponta da Av. Brasil. Lá teria que caminhar do Trevo até o Simões Lopes pra pegar um ônibus, talvez três quilômetros.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Praticamente essas mesmas que estão aqui. Com exceção dessas agora que estão fazendo, mas as casas de lá pra cá são as mesmas. Todas chalés.

Lá se morava na beira d'água praticamente, hoje aqui se mora muito longe da água.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?

Sempre abraça junto. Até limpezas aqui, tanto aqui como lá no Trevo a Jara juntava a gente, ia junto; o trabalho era de mutirão.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Tiveram vários trabalhos que marcaram. Vários. Acho que o projeto em si já marcou muito.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Isso começou a acontecer era aqui com as reuniões pra fundação da associação, outros projetos que não foram viabilizados, mas que se discutiu aqui em comunidade. Já foi aqui, lá não havia isso ainda. A organização só de três anos pra cá.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?

Antes não tinha liderança. Depois do ecomunitarismo é que a Jara botou os líderes e aí tudo passava pela mão deles. Se não me falha a memória primeiro foi a Patrícia, depois a Cheli, depois a Cica, eu e depois retornou a Cica de novo.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

As fontes de renda continuam sendo as mesmas, porque todo mundo é catadores de papelão, então a atividade continua sendo a mesma. Cada um cuida do seu negócio.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Melhorou muito, de lá pra cá melhorou muito. As enchentes, as cheias, acabou. Aqui não tem mais aquela preocupação de quando começava a chover levantar tudo que era moveis pra salvar. Transporte, infra-estrutura...

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

O sonho de todos é ver isso aqui como um bairro estruturado. E já está sendo concretizado. Acho que até junho do ano que vem já estará concretizado.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Prefiro deixar sem comentários, tá. Mas melhorou, é muito mais harmônica, mais confraternização. As relações todas melhoraram.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Ninguém comenta um do outro, fica cada um na sua. Eu não me meto na vida do vizinho, ninguém se mete na minha e assim vai se levando para ter um bom relacionamento. As pessoas respeitam as suas diferenças.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Falta muita coisa. Tem muita coisa para ser realizada. Principalmente quem vivia lá na beira de um canal, hoje eu quero ver isso com calçamento, talvez com uma capa de asfalto nas ruas.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Noventa e novo por cento. A Ceval, que é uma realidade, os títulos de propriedade dos lotes, água, luz, telefone, o esgoto sendo implantado a partir da semana que vem. Ao mesmo foi o que eu o secretário me afirmou, aqui dentro.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Eu fui líder da comunidade um ano e depois voltei a ser líder novamente aqui. Continuo ainda. Bom político não pode fugir a regra.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Se mantém a mesma coisa.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação *(aos pobres)* as comunidades carentes?

Em relação às comunidades carentes é como eu já te expliquei na primeira pergunta. Eu não gosto de, esse negócio de assistencialismo... Eu acho que a pessoa tem que ir buscar o que precisa. Ir à luta e buscar. Deve haver um auto-organização. Hoje se tem uma comunidade totalmente organizada que não se teve antes. É com orientação, orientação que os acadêmicos da Jara trouxeram incutindo na cabeça das pessoas e eles foram se auto-organizando. Tudo foi feito de forma consensual e hoje ainda se mantém. E hoje com a associação, melhor ainda.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade *(sociedade)*?

Não, não mudou nada. Se tiver que lutar pela comunidade eu estou sempre lutando.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Não. A Universidade auxiliou muito nesse projeto. A visão que as comunidades carentes têm da Universidade é que é um sonho distante, que jamais o pobre pode chegar a uma faculdade o que eu acho que é bem possível, basta ter força de vontade.

32. O que você acha que mais mudou em você?

Pra mim não mudou nada, porque eu continuo sendo o que eu era. O que eu sou hoje é o que eu era quando fui para a comunidade. Eu não sou emotivo, eu trabalho em vários movimentos sociais como MTD, MST, agora na comunidade aqui. Eu já vivo de movimentos sociais.

Entrevista com o Sr. João Lázaro Ferreira da Silva

Atual líder da Comunidade (Ceval)

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Não, não tenho muita idéia do que é. Mas é coisa de ecologia, de comunidade em geral.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Cuidado com o meio ambiente, com a água e a árvore e etc.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Não tenho idéia.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Busca preservar o meio ambiente as reserva de, naturais, acredito que seja isso.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Não.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

No tempo do Trevo era muito ruim. Tivemos grandes melhorias. Lá era muito sofrido. Aquele trânsito de caminhões, arriscando, enchentes a toda hora era muito ruim mesmo. Aqui ta mais sossegado. Bem melhor. Era ruim devido ao lixo, muito lixo, mosquito, o lodo que tinha ali também, aquele canal e a faixa. Lá era muito ruim mesmo.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

Por enquanto não tivemos grandes melhoras, mas já está um pouco melhor do era lá.

A infra-estrutura colaborou para a melhoria da saúde na Ceval, concorda Lázaro.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Não. Tinha a do bairro Simões Lopes e aqui continua na mesma escola.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Acho que está havendo melhora sim. Tá melhorando essa parte aí. As pessoas se comunicam mais, vão trabalhando juntas, construindo as casas e vão se ajeitando, não é.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não. Tinha luz e água era uma bica pra todos. Agora aqui já tem, desde o ano passado já tem água e luz e acredito que o esgoto em breve.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Dessa parte aí eu não sei assim. A Cica talvez saiba alguma coisa. Eu tive trabalhando muito tempo pra fora na granja, né.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Desconheço.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

Não! Ônibus era difícil, tinha que ir lá dentro do Simões Lopes, ou até mesmo lá no Guanabara. Mais ou menos dois quilômetros.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Era precária, era muito ruim mesmo. Quase tudo com parede de papelão. Agora aqui todo mundo procurou fazer um chalezinho, uma coisinha melhor, mas o que se espera mesmo é essas casas de alvenaria. É o que se está esperando.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?

Sempre ajuda. Eu por exemplo, inventei de fazer uma festa junina no ano passado. Ela colaborou bastante, trazendo fantasias, coisas pras crianças, fizemos várias brincadeiras. Dia da criança ela faz também bastante coisa aqui.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Acho que fazer os cursos pras pessoas, que ela conseguia. Cursos pra fazer sacolas, artesanato em geral. Os cursos realizados durante esses sete anos.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Não. Isso começou aqui. Porque até então, lá no Trevo era cada um por si. Afora aqui teve que se organizar para conseguir a principio a terra, depois abrir ruas, demarcar lotes e aí tiveram que se organizar. O projeto foi fundamental para isso aí.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? As decisões eram tomadas eu acho que era cada um por si, né. Não tinha organização, né, cada um decidia por si e resolvia o... Era individual. Hoje já, é mais como a associação aqui, né, entre todos, a gente decide e traz pra associação e define como... É por votação, na maioria dos casos.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Eu mesmo trabalhava com borracharia. Eu era borracheiro, mas a maioria do pessoal era nessa mesma área de reciclagem, coleta de material reciclável. A organização é como já havia dito a idéia do associativismo, de um CNPJ para todos.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

A mudança pra cá melhorou o negócio de cada um, porque fica mais próximo do centro pra quem trabalha nesse negócio de catador de papelão. Ficou bem melhor, não é.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Daqui por diante é o esgoto, mais adiante uma creche, né, que nós já temos o espaço, área institucional, pra gurizada não ter que se deslocar, né, que o colégio fica a quase dois quilômetros daqui até o Simões Lopes e a criança tem que ir de a pé ainda, né. A idéia é conseguir esse tipo de coisa agora. Daqui pra

frente, já que temos as casas, né, em andamento, tem a promessa do esgoto, temos água e luz, a idéia é conseguirmos essa praça e essa creche pras crianças.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Só que nessa parte de, não digo que não fosse de se dividir o que se tem, não é, mas num caso de doença que algum precisasse do outro, uma ajuda assim, nesse tipo de coisa, até que nessa parte todos se ajudavam. Mas eram muito de ajuda mutua de passar mantimentos de um pro outro já era cada um por si. Aqui já melhorou.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Não, acho que cada um se respeita. Respeita a religião do outro.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

A moradia. É o que resta agora é a parte de regularização dos lotes que está correndo.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Foi o que eu disse.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Não larguei mais, porque atrás desses políticos quase que vinte e quatro horas por dia. Eu não to desde o início porque eu tive que sair pra trabalhar fora, mas desde que eu vim pra cá, quando eu vim de lá eles já estavam instalados aqui, mas desde aí eu não paro de andar atrás desses políticos aí. Estou a quatro anos de volta.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Mudou, mudou sim. Alguma coisa que eu pensava, porque político pra mim era tudo uma coisa só, e apareceu alguns que se destacaram um pouco melhor aqui pra nós. Eu acho que melhorou um pouco.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Mudou, mudou. É que tem muita gente que se acomoda, né. Não foi o nosso caso aqui, não é, a gente foi a luta pra conseguir o que se... E tem muita gente que se acomoda. Fica esperando que o político venha trazer em casa, e isso aí nunca vai acontecer. Tem mais carência quem não luta pra conseguir seus objetivos.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Mudou. Porque aqui eu tive que assumir uma posição mais... lá eu era mais neutro, porque devido a Cica com problema de saúde e o pessoal não tomava uma atitude de correr atrás de político. De conseguir o que a gente precisava, que era muita enrolação nessas casas e aí eu tive que botar a cara pra bater e eu acho que aí é que houve a mudança.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Mudou também. Pra mim, era uma instituição pra ensinar os seus alunos, pra mim era só ensino mesmo, e agora já vejo que eles entram em campo e fazem. "Lázaro acredita numa Universidade que se insere na comunidade, confirma."

32. O que você acha que mais mudou em você?

Pelo menos eu tenho mais uma perspectiva de vida. Acho que daqui é só um passo, pelo menos já tenho onde morar, tenho casa, agora daqui pra frente é trabalhar e manter só. A gente sabe hoje que tem que ter mais cuidado com as coisas.

Associação

Coitada ainda nem foi instalada, porque não se consegue tempo pra se parar, mas acredito que o nosso objetivo é fazer a nossa associação pra se consiga o resto que é esgoto, essa creche, que é somente através da associação mesmo da gente se organizar e lá um poder de representando a comunidade conseguir essa escola essa creche. Ter maior representatividade na sociedade. Porque aí a gente tem acesso à imprensa aos órgãos públicos e conseguir aí tudo que a comunidade solicitar e pedir.

Já se pensou em formar uma cooperativa, só que já teve idéias de fazer uma cooperativa, só que os custos eram muito altos, então se pensou em associativismo. Seria várias empresas somente com um CNPJ, que sairia mais em conta pra todos. É parecido com cooperativismo, só que com o custo final é bem mais em conta. Idéia da Secretaria da Habitação da prefeitura do governo anterior.

Entrevista com a Sra. Gracinda Santos Feijó

Líder da Comunidade de Pescadores

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Eu acho que não me lembro mais, que é o projeto, né, que a professora Jara, com nós lá, que eu sei que ele tem um significado que agora eu não me lembro.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Bom, EA pra mim... eu acredito que EA seja, não é só tu cuidar o verde, tu reciclar o lixo. Acho que a EA é tu saber de tudo um pouco, né. Por causa que a pessoa acha que a EA é só cuidar dos animais, dos verdes, eu acredito que não, eu acho que a pessoa tem que aprender também a, como é que eu vou te explicar? É, ah, como é que eu vou te explicar o que é EA? Eu to aprendendo agora. Eu não posso te explicar muito também. Mas eu acho que principalmente transmitir pras crianças, não é, o quê que é trabalhar com o meio ambiente, essas coisa assim, por causa que a EA tu tens que aprender a lidar tanto com as pessoas como com as coisas também. É explicar, como é que eu vou te dizer? É... agora não me vem as palavras. Como é que eu vou te explicar?

Pode ser com as tuas próprias palavras. EA pra mim, eu comecei a aprender isso com a professora Jara. É a gente aprender a lidar com os animais, com os verdes, com as crianças. Ensinar eles o que é o meio ambiente pra nós, cuidar da nossa água, até mesmo o nosso ar que hoje em dia anda tão poluído, não é. Eu acho que em geral é nesse meio assim. Eu acredito que seja isso.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Educação ecomunitarista? Bom a educação ecomunitarista, como é que eu vou te dizer? Eu acredito que tu saber a lidar com as pessoas, a viver assim... como é que eu vou te dizer? A conviver todos juntos, em harmonia sem atritos, aprender a conviver com os outros que isso aí, lá na comunidade era pouco que tinha, né. Então eu acredito que seja isso. Ter um pouco mais de paciência com as pessoas, um pouco mais de carinho com os outros também, né. Isso tudo vai conduzir a uma vida bem melhor a todos. Para uma comunidade melhor.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Essa ação social acho que vem ser ligado a mesma pergunta anterior, por causa que ação social no causo é fazer a união das pessoas. Eu acredito que tenha uma ação social já, por causa que... no caso, se eles eram todos desunidos e aprenderam a viver unidos, já é uma ação social, estão aprendendo a viver juntos. Tem mais harmonia, tem mais paz. Lá era um lugar onde tinha muitas brigas, muitas desavenças, as vezes até entre o casal mesmo; se batiam e tudo. Eu acho que isso aí já é uma ação social, né.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Não, essa eu vou ficar te devendo.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Foi muito conversado, mas agora me deu um branco.

7. Como era a comunidade São Gonçalo antes do projeto ecomunitarista e como ela é agora?

Como eu já explicava, não é, ela era uma comunidade separada. Ela tinha as antigas balanças do Trevo era os papeleiro, da antiga balança da ponte era os pescadores. Então a gente não tinha uma convivência, não se conversava, não se tinha amizade, por causa que era nós pescadores a gente era muito contra o jeito de vida deles. Que a gente achava errado aquilo ali, por causa que tinha muito traficante ali dentro, tinha muita droga rolando, a gente sentia aquilo, a gente tinha medo dos nossos filhos se envolver com aquilo. Dava muito tiroteio ali, muita briga de faca, então a gente não se misturava. Aí depois que a professora Jara foi pra lá e tudo, ela começou a juntar o pessoal, começou a fazer o pessoal entender e fazer denúncias, até eu mesma coloquei um guarda na casa lá e denunciei um traficante. Tive a minha casa tiroteada por causa disso. Quer dizer, depois que ela foi pra lá ela começou a conscientizar o povo, aí aos poucos eles começaram a entender que eles estavam errados naquilo ali. Muitos traficantes já foram presos, outros já morreram, até, com a policia, teve gente que morreu. Quer dizer que aos pouquinhos foi terminando e hoje é uma comunidade bem melhor. Tá certo a comunidade do Trevo tá na Ceval, mas assim mesmo, até onde eu saiba eles já estão bem mais calmos também, mais tranquilo e tudo. Os pescadores estão no mesmo local, mas sempre foi uma comunidade calma. A mesma coisa que

está hoje, mas assim mesmo criou mais um vínculo de amizade entre a comunidade de pescadores e papeleiros. Quer dizer que a maior mudança que houve foi esta.

O que levou vocês a permanecer na ponte? Por causa que a gente tem muito barco. Se a gente ir pra Ceval, na Ceval não tem onde deixar os barcos. Na época a gente fez um acordo, a gente conversou com a Jara e tudo, a gente conversou com o prefeito Marroni por causa que a gente não tinha como ir pra Ceval e os nossos barcos ia deixar aonde? No São Gonçalo? Quando chegasse lá nem o barco existia mais. Iam roubar. Então a gente fez um acordo com ele da gente continuar ali. Que ali a gente esta perto da água, a gente está com os botes no fundo da água, a gente tá cuidando. Então pra nós ali é o essencial.

Quando a Jara chegou lá ela fez um trabalho e juntou os dois lados. Ela juntou o pessoal na brincadeira que ela fez foi que ela conseguiu juntar o pessoal, né. E dali ela começou a fazer trabalhos nos dois lados da comunidade. Como ela dizia vamos, juntar o norte com o sul e começou a unir o pessoal. Mas sempre tinha um que, eles achavam que nós era cheio. Aí um dia conversando com a outra líder que tinha ela disse? Não é que eles sejam cheios, é o jeito da gente que é assim. Por causa que nós tava sempre cuidando, cada vez que tinha reunião lá na casa, elas chegavam lá na casa e diziam tu é cheia, tá tudo sempre bem arrumado, bem limpo. Não é, eu fui criada neste ritmo eu disse pra ela. Não é porque eu sou pobre que eu tenho que ser relaxada. Aí ela ficou de mau comigo, que eu tinha chamado ela de relaxada. Eu disse: eu não chamei ninguém de relaxada, eu só tô te explicando. Aí a Jara conseguiu acalmar. Aí a Jara conseguiu conscientizar eles, fizeram ela ficar consciente de que não era porque eles ficavam ali, trabalhavam com o lixo que eles tinham que deixar aquele lixeiro na volta da casa. Aí conseguiram trazer o quartel, mobilizar boa parte da comunidade pelotense pra ir lá ajudar e tudo. Fazer um mutirão de limpeza e tudo. Nós fomos lá pro Trevo e ajudemos a limpar e tiremo caminhões e caminhões de lixo. Aí conseguiram dar uma boa limpada naquilo lá. Quer dizer que antes do projeto era praticamente a imundice e depois que o projeto entrou aí foi melhorando bastante, não é.

8. Como era a saúde antes do projeto e como é agora, sete anos depois?

É, no caso, a nossa parte lá, é praticamente a mesma coisa, né, dos pescadores lá, por causa que a gente sempre tomou muito cuidado com esse negócio de saúde, principalmente com as crianças, né. Agora, eu me lembro bem que na parte do Trevo ali era precário, por causa que eu

me lembro que a Jara levou uns estudantes de medicina aqui da Universidade pra ver quem é que tava doente e quem é que não tava, não é. Aí eu andava com as guria de casa em casa. E elas chegavam nas casa e tinha uma senhora cheia de feridas no corpo, né. E pra mim, que eu conheço, aquilo é escabiose, não é, a sarna que eles chamam. E a guria perguntou pra ela se tinha alguém doente na casa, e ela disse que não tinha ninguém doente na casa. E aluna foi lá e disse pra professora Jara que a tia tinha dito que ninguém tava doente. Aí a Jara voltou e disse pra ela o que é isso aqui? E falou: Ah, isso aí é uma ferida, né, a senhora falou. Aí eu fiquei olhando, pra mim aquilo ali pode não ser doença, mas saúde também não é. Aí a Jara explicou pra ela que aquilo ali era um tipo de doença e se não tratasse amanhã depois ficaria pior, né. Aí aluna da Jara ficou meio assim, aí depois levaram os remédios tudo. Aí hoje eles sabem que se sair uma ferida eles vão no postinho e vão procurar um médico, mas antes não, antes era natural aquilo ali pra eles. Tinha bastante mortalidade infantil. Ali nos lados dos papeleiros, ali tinha muita morte de criança. E do lado dos pescadores eu não lembro de nenhuma criança que tenha falecido até hoje ali. Criança não, mas ali nos papeleiros tinha bastante. Várias crianças faleceram ali.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto? E agora?

Não, a única escola que sempre teve foi do Simões Lopes, a Nossa Senhora Aparecida, o Balbino Mascaranhas e o próprio colégio Dr. Augusto Simões Lopes. Aí depois que a Jara colocou a escolinha pras crianças, né, e reforço escolar pros grandes. No Trevo ali a maioria não estudava, não ia a aula. Uma que naquela época não era exigido que não tivesse frequência na aula, então eles preferiam colocar as crianças pra trabalhar do que ir à escola. Eu achava muito errado isso aí, né. Os pescadores sempre estudaram. A minha filha mesmo já está quase formada. Só que ela não está aqui, está em Bagé. Ela agora foi embora pra lá. Tem uma sobrinha que está fazendo o segundo grau. A minha filha está tirando ecologia.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Daí era muito crítico lá. Era uma situação que eu mesmo muitas vezes me dei mal de me mete. Por causa que eles tinham mania, os homens do

lado de lá, eles tinham mania assim, eles bebiam ou se drogavam e batiam nas esposas. Espancavam os filhos. Se drogavam dentro de casa. Aí dava muita confusão por causa disso. Aí tinha um lá sempre dizia isso, ah chama a Gracinda. Aí eu ia lá e me metia. Eu era fundunça lá no meio, né, então aconteceu muito isso lá. Eu sempre dizia pra elas, pra elas não ficarem quietas, não é. Porque onde a mulher mostrar medo pro homem ele sempre vai querer fazer a mesma coisa. Aí depois que a Jara Foi pra lá, que começou a mostrar pra elas que elas tinham que ter autoridade sobre elas mesmas, que aí é que terminou um pouco disso aí. Acredito que não tenha mais agora lá na Ceval, mas antes tinha bastante. E na comunidade dos pescadores isso aí nunca houve, era uma comunidade bem mais calma mesmo.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não, a luz a gente conseguiu, puxar rede pra lá, pro lado dos pescadores; o Trevo tinha algumas casas com luz. A luz com os pescadores lá nós paguemo a nossa rede, pra puxarem. Naquela época não tinha poste, não tinha rede, então a gente pagou, se juntou todos e pagou. Na água ela vinha do Trevo pra nós, mas de 96, 97, por aí, no Trevo, eles cortaram o nosso cano. Aí nós ficamos sem água. Aí como nos pescadores ali, tem o clube Santa Bárbara, tem muito capitalista ali, pescadores de late, amador. Então eles sendo capitalista, eles compraram todo o encanamento e, no caso, os pescadores fizeram a escavação por dentro do banhado e puxemo uma rede de água. Então a nossa água vem do clube Santa Bárbara, que é da rede deles, não é, a gente não paga a água, mas temos água. Esgoto nunca teve. A luz nós mesmo paguemo a rede.

12. Em 1998, como foram combatidas as drogas? E hoje, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Não, ela não chegava a ser combatida antes do projeto. Tinha muito tráfico lá dentro. Ela foi combatida depois de um bom tempo de projeto. Aí é que ela foi combatida, por causa que aí é que o pessoal acordou e começou a denunciar. Eu tive a minha casa tirotiada por causa disto.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Olha, eu acredito que isso aí acho que é liberdade demais que se dá pra filho. É a liberdade, como é que eu vou te dizer, soltam demais. Quer dizer, ficam tempo demais na rua, não tem aquela orientação dentro de casa. Porque se a gente orientar bem os filhos dentro de casa, não deixa ele anda com más

companhias, eles não vão ter porque procurar droga nas ruas. Se eles tiverem dentro de casa carinho de pai e mãe, atenção de pai e mãe, se tiver uma boa educação dentro de casa, eu acho que eles não vão procurar. Eu acho que um pouco culpados é os pais. Eu penso assim pelo menos. Esse é o meu pensamento.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade antes do projeto? E agora?

De bicicleta, a pé, até hoje é assim. Ônibus não tem. A linha mais próxima da minha casa da uns três quilômetros, mais ou menos isso aí.

15. Como eram as casas antes do projeto? E agora?

A dos pescadores continua as mesmas, que era praticamente todas de material, né. A dos papeleiros, ali, a maioria era barraco. Até a Jara conseguiu umas verbas que veio, se não me lembro foi UNICEF. Veio uma verba, ela fez uma compra de tábua e eu acho que o resto foi doado. Aí eles conseguiram dar uma reformada nos chalés. E agora por causa da Ceval que eu saiba, que eu vi no jornal ta ficando muito bonita as casa ali. Ta ficando muito boa as casa de lá. Nos pescadores nem uma residência lá tem fossa, poço negro, essas coisas. Nenhuma.

Onde são lançados os dejetos? Tudo no canal Santa Bárbara, nos fundos. O encanamento vai direto no canal, até o das garagens dos clubes.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje?

Não, nem sempre foi assim. Ali primeiro fizeram a liderança, né. No lado dos pescadores, desde 98 que eu fiquei com a liderança. O pessoal não quis trocar depois. Os papeleiros trocaram várias vezes de liderança. Mas ali já tinha um grande problema, por causa que a gente conseguia as coisas, que eu sempre ia pra rua, fui nas rádios, pedia as coisas pra montar uma escolinha, montar uma cozinha comunitária e tudo. Aí o meu marido ía lá com os amigos dele, fazia, levantava tijolo, parede, janela. No outro dia ia lá tava tudo quebrado. A própria comunidade ia lá e quebrava tudo, roubava, as cadeiras, as mesinhas que a gente conseguiu pras criança, eles foram lá e quebraram tudo... Aí eu já ia lá chorando pra Jara: "Jara, quebraram tudo de novo". Aí teve uma hora que a gente cansou. Eu não faço mais, porque não adianta, eu tô fazendo, fazendo, fazendo e tão sempre quebrando. A gente conseguiu pia e tudo. A gente foi lá e roubaram a pia, roubaram as janelas que gente tinha acabado de colocar. A gente deixava de trabalhar pra ir lá colocar pra

levar, né. Aí a gente desistiu disso aí. Qué dize que a gente tinha pouca ajuda da comunidade nesse ponto. Eles não queriam a Jara lá. Eles iam lá riscavam as paredes que não queriam a Jara lá. No caso pra mim, né, eram os próprios traficantes lá de dentro né, que sabiam que ela tando ali era uma ameaça pra eles. Com isto aí a gente custou muito. Era medo de perder o reinado, como perderam de fato. Teve que aparecer a professora Jara pra acordar o povo. Em parte a comunidade via fazerem as coisas e não faziam nada. Aí um dia eu cuidei, aí o meu marido foi lá e colocou as janelas lá... Aí eu não deixei nada lá dentro, levei tudo pra minha casa e o meu marido fez as paredes de novo, botou as janelas ele e uns amigos dele lá e eu peguei a bicicleta e saí. Eu disse; eu vou cuidar e vou pegar. Aí quando eu vinha perto do posto fortaleza, lá eu cuidava, né. Então eu vi quando dois estavam arrancando a janela. Aí quando estavam arrancando as janelas eu liguei pra Jara e chamei a outra líder, né, que ela tava olhando da casa dela e viu. Se tu tá vendo, tá pertinho, porquê que tu não fez alguma coisa?. Aí ela ficou meio assim..., mas era mulher de um deles também, não adiantava nada. Aí eu falei pra Jara, tirei a janela do cara, o cara disse que ia me dar um tiro. Então eu chamo a polícia. A janela é daqui tu vai levar a janela, eu tenho prova. Até era um dos caras que traficava pro outro, não é. Aí o meu marido achou a demora, veio atrás de mim, nós tiremo a janela e levemo lá pra casa a janela, e aos pouquinhos foram perdendo essa mania, perdendo esse jeito. Acho também que com tempo eles foram acostumando com a Jara ali, a Jara deu muita força também, até um deles trabalhou agora a pouco na casa da Jara. É uma pessoa que gente vê que ele mudou também, né. Aos poucos as pessoas foram mudando, foram se conscientizando. *Fala um pouco do primeiro contato, quando vocês viram a Jara pela primeira vez.*

Comigo foi muito bem. No início me dei muito bem com eles, que no início era o Renato Brito, né, o Ivan Vaz, a Marta, era uma turma grande, né.

Eles foram aceitos de imediato? Da nossa parte foi um aceite imediato, o pessoal aceitou eles muito bem e tudo. Agora, do outro lado teve um receio. Pelo próprio trafego eu acho, né. Falavam mau da Jara. Dizia que a Jara tava usando eles pra arrumar coisa pra ela. Teve uma lá que uma vez dei-lhe uma tunda nela por causa disso. Por causa que ía denunciar a Jara na rádio, que ia falar mal da Jara pra ela ficar mal com a Católica. E eu me invoquei e caguei ela de pau. Fiquei braba com ela. Mas no começo eles foram meios rebeldes com a Jara sim. Eu lembro que tinha um lá, me parece até que ele

faleceu, se eu não me engano, que ele uma vez queria até dar um tiro na Jara. E a Jara dizia pra ele: "Tu quer atirar tu atira"! E eu dizia pra Jara: "Jara, não é bem assim as coisas, tu não pode também te expor ao perigo, por causa que tu tens família, tens que te lembrar que tens os teus filhos, tens a tua família a tua casa, agora como é que tu vai te expor"?. Eles são louco, eles chegam e atiram. Aí foi, foi, e depois eles aceitaram bem a Jara. Hoje eu não sei como é na Ceval, mas eles aceitaram bem a Jara.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Eu acredito que o que realmente marcou a comunidade foi a vitória que ela teve em conseguir as casas pro pessoal ali, né. É uma coisa que vai ficar marcada pro resto da vida, porque depois de tantos anos aquele povo mora ali e ela chegou ali e conseguiu tirar pessoal dali e colocar num lugar melhor, eu acho que é uma coisa que vai ficar marcada pro resto da vida. Tem gente ali que mora a praticamente quarenta ano ali, que tá na Ceval agora. E a comunidade dos pescadores mais ou menos o mesmo tempo.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembleias e discutir os problemas da comunidade?

Foi mais ou menos em 99. É, em 98 ela chegou lá e tudo, e em 99 nós começamos a nos reunir. Por causa do próprio projeto eles começaram a se reunir, a conversar e tudo... Quer dizer, o projeto uniu eles. No caso o projeto da professora Jara, né, nunca sem ela. Foi o projeto ecomunitarismo que uniu o pessoal. Eles aprenderam com o projeto a se reunir, a sentar, conversar, ser civilizado. Que só sabiam na ponta da bala, na faca, como eles diziam, não é. Eles pararam com aquela bobagem de tem que ser brigando, gritando... A bala, lá, roncava dia e noite. Teve várias mortes em função disso.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? As decisões antes lá era como eu te falei, não é (referindo-se ao pessoal do Trevo, atual Ceval). Lá os pescadores, lá não, a gente já tinha um pouco mais de diálogo. A gente já conseguia antes do projeto da Jara a gente já tinha entrado em discussão com alguns problemas que a gente tinha e tudo né. E geralmente era eu que corria. Eu tinha vários problemas com esse negócio de IBAMA, PATRAN, né. Então a gente trabalha quase com os mesmos trabalhos, né, quase, que é a parte de santa fé e a pesca. Então eu tive pessoas multadas por causa da palha, eu tive pessoas multadas com o negócio de ratão, então aí a gente aprendeu a se virar sozinho. A gente não tinha ninguém né. Então quando pegaram

um pessoal com a palha, pegaram um amigo nosso e pegaram o meu cunhado eu procurei ajuda de outras pessoas. Naquela época eu não conhecia a Jara. Aí eu procurei outros órgãos e tudo, mandei carta pra Brasília pro presidente do IBAMA de lá, pro ministro, na época era o Marcus Marcolin, que era aqui de Porto Alegre e tudo e pedi ajuda pra ele e a gente conseguiu até mesmo tirar as multas, né. A gente entrou com a defesa, que não tinha condição de pagar, e eu tinha uma amizade boa com a Cecília Hipólito aqui do PT, e me orientaram bastante... Então a gente corria e conseguia resolver tudo. Agora, ali no Trevo, ali não, ali no Trevo antes eles não tinham um diálogo, nada, né. Lá não, lá nós já conseguia resolver os nossos problema. Claro, depois a Jara foi pra li ficou mais fácil. Ela nos orientou mais, ensinou mais as coisas que devia e não devia e pra nós ficou mais fácil depois que a Jara foi pra lá.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Não, só tem cada um por si, né. Antes do projeto e até mesmo agora, por causa que nós lá, era assim: na época do prefeito Marroni, a gente conseguiu uma cooperativa de pescadores, mas lá na represa. Então a gente tá tentando colocar lá um quiosque pra fazer um tipo de um intermédio, não é. Que a gente deposita no quiosque o caminhão vem e carrega e leva pra cooperativa. O caminhão é da cooperativa que fica na Z3, que é a Lagoa Viva.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

O que melhorou foi o que eu disse, não é, praticamente melhorou 100% esse negócio de união, essas coisa assim, isso aí melhorou bastante. As pessoas aprenderam a viver melhor, porque viviam sempre em atrito, piorar não piorou nada, melhorou quase tudo. De pior não tem nada. A única que piorou agora foi que terminou o projeto, a Jara foi embora e o que tem pra fazer ainda, eu diria que o que tem que fazer lá que eu já entrei com o pedido no SANEP, é uma rede água pros pescadores, que eu já pedi, eles estiveram lá cavaram, mas nunca mais voltaram. Eu acho que seria isso aí, a rede de água pra nós lá que a gente ta precisando. E uma rede telefônica, que a gente já cansou de pedir e nunca conseguiu nada. Seriam duas coisas essenciais pra nós, lá. O transporte é uma coisa que a gente sabe que não tem como botar pra nós, né. As crianças vão pra escola de bicicleta ou a pé. Dá na base de três quilômetros até o Simões Lopes e continuam estudando com

o pessoal da Ceval, são tudo colega, jogam bola junto e tudo. Antes era tudo separado, agora sai o pessoal da ponte e vai lá na Ceval jogar bola. Hoje até se visitam.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Da comunidade até nem sei. O meu sonho, até temos conversado muito eu e o meu marido, é vender tudo e ir embora pra fora. Arrumar uma chácara e ir embora. Agora, o sonho da comunidade, eu tenho gente do meu pessoal, ali que tá tentando arrumar terreno na Ceval, isso eu sei. Tem três famílias lá que querem ir pra Ceval, que não são da pesca. O meu pessoal ali, da pesca, o sonho deles ali é conseguir material de pesca pra trabalhar na lagoa. No caso o nosso sonho seria esse.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Do nosso lado ali sempre existiu. Todos ali sempre ajudou uns aos outros, nunca teve esse tipo de coisa. E lá, do pessoal do Trevo, não tinha. Ali já era mais difícil. É claro, tinha as exceção, né, tinha famílias que tinha. O pessoal da Cica também foi muito bom também. O pessoal da Cica, nunca tive esse tipo de problema. Com a família dela ali, não. Tinha outras famílias boas que foram embora. Mas a gente vê que era muito pouca a solidariedade ali. Hoje os pescadores continua a mesma coisa. Muitas vezes pediram socorro pra nós, o pessoal do Trevo. Em várias ocasiões até. Coisas de briga, coisa assim, não é.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

A gente respeita muito sobre isso, né. Religiosa ali, praticamente não tem nem assunto, por causa que a minha família é de origem católica e a família do meu marido também. Quer dizer, a maior parte ali é Stein, então a maioria ali é católico. Eu tenho ali três umbandistas, mas não é dentro da comunidade, eles saem pra fora, pra ir pra religião deles, mas também não se discute esse negócio de religião, né, então, quer dizer, que cada um tem a sua, e não se discute isso. A política ali a maior parte é PT, então não se discute isso também, todo mundo é petista, não tem problema nenhum. Sexualidade ali a gente teve um grave problema numa época lá, até a Jara sabe, um estupro que deu com uma menina, até eu nem sei se foi estupro, a Jara chama de estupro, eu não diria estupro, por causa que eu acho que quando a mãe sabe não é estupro, não é, a guria aceitava. Na época eu me revoltei muito com isso, a guria era uma criança. Foi o

único problema que nós tivemos lá foi esse. Até, ela no caso, pra mim já sabia o tava fazendo, com doze anos já sabe. Eu tenho uma filha de treze anos. E ele um homem de cinquenta anos não respeitou aquela criança e ela como mãe aceitou aquele homem dentro da casa dela pra fazer aquilo ali. Eu me indignei com aquilo ali, na época. Aí a Jara até se meteu, que eu dei uma tunda na mulher, não era pra ter dado. Ela não cobrava, só por sem-vergonhice mesmo. Aí eu me indignei com aquilo, dei-lhe uma tunda nela, ficou todo mundo de mau. Eles foram embora de lá. O único problema que tivemos lá também foi esse. "Aí parou".

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Eu acho que foi a mudança pra Ceval mesmo. Esse projeto de dar uma vida digna pro pessoal, o principal deles. Graças a Deus foi conseguido. O pessoal se conscientizar, ficarem conscientes de tudo e uma coisa que eu acho muito importante também que a Jara conseguiu, que ali no Trevo eles tinham uma coisa assim, eles tinham uma mania que eles tinham que sempre ganhar. Eles viam uma sacola de rancho eles saíam matando todo mundo pela frente. Eu achava horrível aquilo ali, saíam se quebrando se empurrando, brigavam, pra pegar uma sacola de comida muitas vez e a Jara conseguiu dominar eles com aquilo ali. Lá na ponte eu nunca tive esse problema, porque quando iam lá fazer doação, porque era muito difícil ir pra lado de lá; até hoje. Bom, hoje mesmo não vai ninguém. Depois que a Jara foi pra lá, que ia algum carro lá pra entregar alguma sacola, alguma coisa, o meu pessoal dali, eles nunca saíram correndo pra pegar uma sacola. Eles ficavam nas casas esperando. Já no Trevo, já não, eles iam em cima da faixa correndo. Então eu dizia pra Jara, aquilo ali é horrível aquilo ali, parece que é um bando de animal. E a Jara um pouco tirou aquilo deles, quer dizer, a Jara não, o projeto, né. Ela conseguiu dominar um pouco deles disso aí, por causa que aquilo ali eles brigavam, batiam uns nos outros, beliscavam, mordiam, era horrível. Então aquilo ali, acabou aquilo ali.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

A pretensão era tirar o pessoal dali. Em parte ela conseguiu tirar cinquenta por cento, porque ela queria tirar todos, mas os pescadores ficaram como ela diz. Pra nós é melhor ali, então eu acredito que se conseguiu o 100% que ela queria, porque o pessoal que realmente precisava sair saiu, ta em lugar melhor. Porque é fim de avenida, eles têm água, eles tem luz, eles

tem telefone, eles vão ter telefone, vão poder dar uma melhor pros filhos deles. Agora, pra nós ali, é o essencial, eu sei que não é uma vida digna que a gente tem ali, porque eu não morei toda a vida ali. Eu, faz quinze anos que eu tô ali, eu já morei ali nomeio do Simões Lopes, eu sei o que é morar num bairro, então eu acredito que pra nós ali, tivesse esgoto ali, tivesse tudo direitinho, pra nós tava essencial. Mas pra nós sair dali fica difícil, por causa dos nossos barcos. Mas eu acho que o objetivo ali era tirar o pessoal pra... Além de ter uma entrada de cidade, de ficar melhor na entrada da cidade, o pessoal vai ta bem colocado nos terrenos lá, vão ter uma casas dignas. Se fosse depender deles não teriam condições de fazer, né, pela despesa e tudo de material e acho que o objetivo era esse, e foi conseguido. Eu acredito isso.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Eu permaneci todo tempo, desde que começou até terminar. Particpei de todas as atividades, até mesmo da invasão da Ceval, junto com eles, né. A gente apoiou eles nisso aí. Mesmo dizendo desde o início a gente não ia pra lá, que a gente ia brigar, mas não ia, a gente apoiou junto, a gente foi pra lá, calçou o pé junto na época. Então quer dizer que eu participei sempre do projeto, Desde que ele chegou até ele sair.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Não. Eu sempre fui PT. Meu ponto político não mudou em nada. A minha visão política sofreu sim, por causa que a imagem política que a gente, né, na política nunca se preocupou com nós, mesmo sendo esse partido ou aquele, não interessa. Eles nunca se preocuparam com o pessoal ali. Eles só se lembravam de ir lá na época de eleição, pedir voto e tudo. Então é uma coisa que a gente tem que considerar, né. Só se preocuparam depois que a Jara foi lá botou o projeto lá, que a Jara convidou todos eles pra ir lá, porque era época de eleição, foi em 2000. Nessa época a Jara fez o convite pra todos irem lá, não foi ninguém, só o Marroni. Foi o único que apareceu, não é. Na época lá foi o Marroni e o Mário Filho. A gente sentou, conversou com ele e tudo. Até foi dentro da minha casa mesmo, a gente conversou bastante com ele, qual era a pretensão que a gente tinha, né. Porque no caso a Jara só serviu de intermediária, né. Aí a gente falou pra ele o quê que era; que a gente queria um lugar descente pra morar, pra criar os filhos e tudo e daí ele deu cinco lugar pra gente escolher. Só que os cinco que a gente visitou, nenhum lugar deu. Foi quando o pessoal na volta resolveu invadir a Ceval. Aí no mesmo dia a gente foi pra lá e foi com tudo lá pra dentro e

fiqueмо lá até eles resolverem a da a Ceval. Depois de bastante negociação. Quer dizer, que antes disso política, nem pensar.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Mudou por causa que agora eu sei que a comunidade carente ela tem como ela crescer, lutar por uma coisa melhor, e antes eu achei que uma comunidade carente era aquilo ali e ficaria naquilo ali. E agora a gente sabe que não. A gente sabe que tem condições de mudar.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Mudou por causa que eu antes, eu era..., como é que eu vou te explicar? Eu trabalhava ali pra nós, era só por nós que eu lutava e tudo, e agora não, agora eu sei chegar a qualquer hora num público, saber me expressar, eu sei brigar pelo que eu quero, pelo que a minha comunidade precisa, eu sei com quem eu tenho que falar, onde eu tenho que ir, como conversar. Antigamente eu tinha um pouco de vergonha, um pouco de respeito de chegar neles, né. Então quer dizer que mudou bastante sim.

E tu atribui a que essa tua mudança? Eu atribuo isso ao projeto ecomunitarista. *Tu poderias me dizer de que forma ele contribuiu para essa tua mudança?* Bom, ele contribuiu por causa que através dele eu comecei a ir a reuniões de prefeituras, de todos os órgãos públicos, eu viajei, eu aprendi através do projeto a me expressar. Até mesmo a me cuidar melhor. Antes eu não tinha tempo, era só trabalhar com peixe, cuidar dos meus filhos. E depois do projeto não, com o negócio da liderança eu aprendi que tinha que me cuidar melhor por causa das reunião que eu tinha que enfrentar, que eu não podia aparecer mau, então nesse ponto de vista foi que eu aprendi tudo.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Mudou. Por causa que eu sempre achei que a Universidade era só pra pessoa que era estabilizada na vida, pessoa que pudesse pagar. Hoje eu sei, que não é assim, eu já dei várias palestras na Universidade, aprendi a conhecer as pessoas; claro a gente sabe que assim como tem pessoas que aceitam uma favelada dentro da Universidade, como a gente diz, e tem aqueles que também não aceitam. Mas eu sempre achei que eles todos não aceitavam. Hoje eu vejo que não, que assim como tem os que não aceitam, tem os que aceitam também, e eu posso dizer que eu fui bem recebida dentro da Universidade, por todos, tanto pelos alunos como pelos professores. Pela Reitoria eu fui muito bem

aceita, muito bem tratada, e aí eu tinha outra visão dela.

Que visão era essa? Eu tinha uma visão assim que..., eu ia chega lá, que eles iam torce a cara pra nós, que a gente era pobre, era de beira de canal, era a visão que eu tinha da Universidade era essa. Iam nos menosprezar pela situação financeira que gente tinha. Hoje essa visão é o contrário. Eu achei que a Universidade era só pra filho de rico, né, agora a gente sabe que não é, por causa que eu aprendi e conheci que tem muito ali gente pobre que trabalham pra poder pagar a Universidade. Às vezes até atrasam a mensalidade, não é. Eu conheci bastante pessoas ali dentro assim, então quer dizer; não é só aquele que pode e que tem condições financeiras de estar ali dentro. Tem os que não tem também, mas só que estão se esforçando pra poder manter aquilo ali, pra ser alguém amanhã depois

32. O que você acha que mais mudou em você? O que mudou em mim é que hoje eu não sou tão envergonhada, hoje eu sou mais desinibida. Eu era bastante inibida na época, eu tinha bastante vergonha de conversar, de chegar nas pessoas e conversar, né. Hoje não, hoje de tanta entrevista que eu já dei, de tanta reunião que eu já fui eu já aprendi um pouco mais. Eu acho que a principal coisa que mudou em mim eu acho que foi isso.

Entrevista com Paulo Oppa

Arquiteto pela Universidade Federal de Pelotas
Ex-Secretário Municipal de Habitação – Gestão
2000/2004

Atual Vereador da Câmara de Pelotas pelo PT

Sempre militei na área da habitação popular como uma prioridade, e sempre acreditei que um dia um governo sério se preocuparia com essa questão da moradia. Então, quando o Marroni ganhou as eleições eu gestiono junto ao Marroni a criação de uma secretaria de habitação que acabou sendo criada, não é, mesmo o município tendo muito poucos recursos, mas a possibilidade de uma organização, de uma inteligência local que buscasse recursos federais, estaduais para resolver os problemas da moradia que acabou acontecendo. O programa PAR, o programa PSH; e nesse ínterim, também foi um período de muitas cheias na cidade de Pelotas, que agora está se revertendo em secas, não é, e no primeiro ano nós enfrentamos um período de muitas cheias naquela região ali, eu ainda era diretor do Departamento de Organização Popular, a secretaria foi criada no segundo ano, em 2002, e comecei a partir desse governo a ter contato com essa população.

O Marroni, prefeito, tinha ido até o DU pedir, e nos dito era prioridade nossa buscarmos um local para reassentarmos aquelas famílias ali, que era um símbolo da exclusão social da nossa cidade e, então, que nós tínhamos que reverter. Era simbólico para uma administração popular, não é, buscar a melhoria daquela comunidade. E assim como eu estou te dizendo, ele me disse. E eu, muito bem. Veio a primeira enchente, não é, e a gente começou os processos de negociação, não é, e aí foi que eu comecei a compreender melhor o problema, não é, quando cheguei próximo as pessoas ofertando, que o município tinha áreas próximas à Sanga Funda e como era uma população que criava porco, não é, a gente de repente transformá-los em uma produção agrícola, com alguma criação, porque a área é extensa, que a prefeitura tem lá. Ofertamos uma série de áreas da prefeitura e nenhuma delas foi aceita. E eu compreendi, porque na verdade eram noventa e oito famílias que a gente tinha contabilizado quando chegamos no governo, das quais quinze eram pescadores, não é, e setenta, setenta e cinco eram catadores de lixo no centro da cidade. Por isso essa relação, por estar naquela região ali. Porque a busca do local de moradia estava relacionado com a sobrevivência, porque não adiantava dar uma casa pra eles com todas as condições num local onde eles não pudessem sobreviver, auferir renda. Portanto, o fator determinante para

localização deles era ligado à possibilidade de auferir renda. Portanto essa distância do centro da cidade pra eles era fundamental, assim como os pescadores em relação ao canal, não é. Compreendido isso, não é, nós começamos a buscar alternativas.

Quando deu aquela grande enchente, eles acabaram tendo que sair e ocupando uma área. E eu tinha trabalhado na Ceval, tinha sido trabalhador da Ceval também por coincidência. Conhecia aquela propriedade e busquei, não é, o proprietário que tinha passado pra Bungue Alimentos, não é, e através de corretores de imóveis que eu conhecia e acabou me chegando um representante da Bungue me chegando a mim, não é, um mês depois que eu comecei a buscar, não é, e começamos a negociar aquela área. Eles fizeram uma oferta, não é. Nesse meio tempo aconteceu a enchente. Eu me lembro que o prefeito me chamou num sábado a tarde: “ô Paulo, vem cá que eu quero te mostrar uma situação. Temos que resolver isso aqui”, diz ele. Primeiro ano, eu sei que a dificuldade é grande... E eu: Prefeito, eu tenho uma alternativa. É, e aonde é que tu vais levá-los, porque o povo não quer ir para a Sanga Funda, diz ele. É, e com razão. Vamos ali pra onde está aquela chaminé. O quê que é aquilo ali? É a área da Ceval. Vamos agilizar. É alto o troço, protegido pelo dique e próximo ao centro. Aí começou a minha relação com aquela comunidade que acabou ocupando parte da propriedade da Ceval que eu também não sabia quando começou, porque quando o processo de negociação eu não sabia que eles já tinham ocupado parte da área da Ceval. Quando eu me dou conta nós estávamos negociando parte da área que eles mesmos já tinham ocupado. Coincidiu, né. E coincidiu também que a Bungue queria se desfazer do patrimônio, coincidiu que o Guanabara também queria uma área lá no prolongamento da Osório com a D. Joaquim, que estava prevista a abertura que atravessava uma área que era de propriedade do Guanabara, não é. A prefeitura também não tinha interesse em abrir aquela área, então vendeu aquela rua pro Guanabara e em troca o Guanabara pagou parcelas da área pra Bungue. Houve uma troca que foi feito que atendeu os interesses do Guanabara. E daquilo que a gente não tinha dinheiro, com muito pouco dinheiro a gente conseguiu fazer essa negociação. O que mostra o seguinte, que a população sabia pra onde queria ir, né. O que mostra que é possível; às vezes a gente acha que é impossível; a gente fica lá dentro do poder público, dentro da sala: pô, não tem solução pro problema, não tem dinheiro, e às vezes, né, conversando com um e com outro tu consegue, e com a própria comunidade, achar um lugar ideal pra eles, não

foi importante até pra manter a própria área, porque eles ocuparam inicialmente, mas que não deixaram ninguém de fora. Porque sempre que há ocupação de terra urbana, há deslocamento, a periferia conversa com a periferia. Tu podes ter certeza disso. O que acontece aqui na periferia aqui dos Navegantes a periferia lá do Pestano fica sabendo. Há uma comunicação entre eles, e eles sabem quando há uma ocupação urbana. Então, sempre que há uma ocupação urbana acontece uma corrida do ouro. Então corre gente da periferia pra ocupar. Ocupar pra quê? Pra vender, pra negociar, então é difícil tu manter, ocupar e manter com as pessoas que realmente necessitam, aquela coisa toda e essa população conseguiu. Não foi a prefeitura, eles que conseguiram manter a área pra eles. E isso foi fruto das organização. Então, pra negociar, pra manter a área, pra manter eles unidos, e pra manter eles mobilizados, que muitas vezes a gente se utilizou da mobilização deles pra pressionar. Eu era só secretário da habitação, mas nós tivemos problemas d'água e eles se organizavam lá no SANEP, iam na CEEE e peticionavam e a mim mesmo eles pressionam, porque eu sou secretário, mas tenho mil pautas pela frente. É que coincide o trabalho da Jara com um governo que quer participação popular. Apesar de tudo isso a população tinha esperança, estava querendo lutar, estava lutando e tinha esperança.

Cooperativa

Eu sou um cara experiente na área de habitação, sou arquiteto da área da construção civil, trabalho há muito tempo nisso e tenho experiência com as cooperativas habitacionais uruguaias, que é bem diferente das cooperativas que a gente tem no Brasil. Tanto as de serviço, quanto as de habitação. Porque cooperativa é uma relação horizontal, não é uma relação em que um é dono e o resto... né. E as cooperativas que se instalaram no Brasil a maioria são verticais. A maioria das cooperativa que se estabeleceu no Brasil é uma forma de burlar a lei, a legislação e bota as pessoas a trabalhar pra elas sem carteira assinada, rebaixar salários sem os direitos sociais. E isso que aconteceu por conta da globalização, por conta do produto chinês que entrou com mão de obra escrava... Então, quando eu falo de cooperativa eu falo de um outro tipo de formação, de educação, de relação horizontal, de autogestão. Como é que uma cooperativa vai trabalhar onde um ou enriquecem? Eu não reconheço isso como cooperativa. Cooperativa de limpeza urbana, isso aí não é cooperativa.

As cooperativas que eu conheço são ligadas a FUCVAM (Federación Uruguaya de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda

Mutua) e é desse movimento político que eu participo, é aí que eu tenho raízes. Sediada em Montevideu e conhece a comunidade porque esteve presente na comunidade, não é. Então essa é uma cooperativa que se organiza a partir da vontade das pessoas que espontaneamente se juntam pra resolver os seus problemas, que passam por um processo de educação muito grande. Porque fundar uma cooperativa é uma coisa muito fácil, vai ali junta vinte pessoas e pronto. Mas não é isso, cooperativa é pra eles lá e pra mim uma opção de vida, de viver de forma coletiva, de resolver os seus problemas de forma coletiva, de uma relação de participação. E quando eu digo participação é efetiva participação. Lá nas cooperativas do Uruguai é obrigatória a participação, não é, se a pessoa não pode ir, bom vai a mãe, vai o filho, mas todos participam. Há uma relação efetivamente horizontal entre todos. Todos têm o mesmo poder de voto, todos definem o que tem que se definir. Lá por exemplo, eles compram áreas no Uruguai, se juntam pra comprar áreas, pra conseguir dinheiro junto ao Banco da República Oriental Uruguia. Então é uma organização espontânea, livre das pessoas que passa por um processo de educação longo, porque cooperativa é mudança de comportamento, mudança cultural e isso tu não faz de uma hora para outra, não é. Então eles têm um longo processo de informação e de educação, onde muita gente entra pra dentro da cooperativa e acaba saindo. Porque na verdade tu tens que optar. Tu vais entrar pra dentro de uma organização, tu tens compromisso com aquela organização de dar a tua contribuição, de participar dela, de discutir, de dar a tua contribuição financeira... Na verdade ela tem uma direção, um presidente, ela tem tesoureiro, ele tem secretario, ela tem um corpo dirigente, mas não um corpo pra dizer aos cooperados o que tem que fazer, mas um corpo pra executar a decisão dos cooperativados. Lá eles construíram mais de dezoito mil casas a partir desse sistema e também eles vão agregando serviços. Trabalho e renda, saúde, eles tem postos de saúde dentro das cooperativas habitacionais, a produção de alguma coisa pra própria cooperativa, compras coletivas. Dependendo de cada grupo e necessidades eles vão agregando outras coisas, mas a partir do tema moradia. O projeto é eles que contratam. Existe o Instituto Técnico no Uruguai, que faz os projetos pra eles. E tem lei no Uruguai que é obrigado a financiar cooperativa. Tu monta uma cooperativa e aí o nosso grupo é de vinte e cinco; onde é que nós vamos morar? Vamos ver onde é que vamos morar, contrata-se os técnicos, não pagam nada porque vão lá e desenvolvem os projetos que eles querem, das moradias deles... Não é essa

coisa de cima pra baixo aqui, que nem eles estão fazendo na Ceval, embora seja bom aquela coisa toda, mas não é fruto do processo da discussão e acúmulo daquela população. É muito melhor, mas ainda não é o ideal. Então, o que é que acontece? Funciona desta forma, o instituto técnico vai lá e faz os projetos. Quando sai dinheiro, isso vai pro banco da republica oriental do Uruguai. Quando sai o dinheiro o instituto técnico recebe a sua parte por ter feito os seus projetos, acompanha, eles participam de mutirão; se não me engano quinze horas por semana cada família tem que participar, tem contratado o mestre da obra que ajuda a tocar a obra com reuniões semanais. O cooperativismo não é uma coisa simples, é uma coisa complexa e de decisão após um amplo conhecimento e educação é que as pessoas podem efetivamente tomar uma decisão que vão formar uma cooperativa naqueles moldes. Efetiva participação, relação horizontal, com uma direção pra cumprir o que todos os cooperados determinem e não o contrário que a gente tem nas organizações que acabam numa meia dúzia, pra não falar três ou quatro, acabam se apropriando da estrutura e dizendo para o grupo o quê que tem que ser feito, não é. Então, realmente exige muito trabalho, muita educação e nós na discussão com a comunidade ali, hoje comunidade Ceval, antiga comunidade São Gonçalo; nós explicamos pra eles que tinha uma outra forma de nós nos organizarmos que era através do associativismo, não é.

Uma associação comunitária com tantas outras que existem em Pelotas e pelo Brasil, afora que é mais simples e que não exige tanto das pessoas e que também num primeiro momento pode cumprir um papel de defender os interesses deles, de organizá-los, de dar legitimidade pra aquilo que estão à frente daquele grupo, não é, e de formalmente, constituindo um CNPJ. Eles, várias vezes tiveram participando, aliás, nós quando estávamos de secretários na verdade todas as nossas atividades nós convidávamos um movimento popular para nos acompanhar. Então quando nós estivemos no fórum social mundial, alguns deles estiveram presentes, no segundo fórum social em Porto Alegre. Quando nós estivemos visitando cooperativas habitacionais lá em Nova Hartz, eles estiveram presentes. Tem um conjunto de casas sendo construído lá, e orientado pela FUCVAM. Quando a FUCVAM vinha a Pelotas com seus dirigentes que viajam pela América Latina toda, não é. (A FUCVAM – Federación Uruguay de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda Mutua é sediada em Montevideo) Quando ela vinha a Pelotas, até mesmo porque a gente tinha um convênio, a prefeitura assinou um convênio com

a FUCVAM, não é, para que a FUCVAM viesse aqui e aportasse seu conhecimento. No Brasil não se conhece ajuda mútua, se conhece muito mutirão. Se conhece muito pouco desse mundo da ajuda mútua. A diferença é que no mundo da ajuda mútua todos têm que dar a sua contribuição. Isso é estabelecida lá no contrato social entre eles, qual é o que cada um tem que contribuir para a organização. Participação obrigatoriamente, não é. IMPOSSÍVEL participar de uma cooperativa se tu não participa. Segundo há a obrigação da família trabalhar, dependendo da cooperativa, quinze, dezesseis até vinte horas por semana pra cooperativa. Terceiro, tem a cota parte, não é, que são obrigações que são estabelecidas pelos cooperativados, além de toda a relação que existe dentro da FUCVAM estabelecida lá no contrato social, não é. Então quando nós fizemos este contrato com a FUCVAM, até tivemos aqui em Pelotas alguns contratemplos, não é. Por que contratar alguém de Montevideo pra falar sobre cooperativismo se tem tanta gente aqui? Só que essa experiência é uma experiência diferenciada. Pra mim, a experiência número na América Latina. Pude constatar isso quando estive em Tegucigalpa, em Honduras, quando houve um encontro latino americano. Então esse convênio que a gente fez com a FUCVAM, trazia aqui os dirigentes da FUCVAM a cada quarenta e cinco dias. E também levava dirigentes aqui de Pelotas lá pras cooperativas, porque uma coisa é tu fala e outra coisa é tu vê as pessoas construindo as suas casas estabelecendo as suas relações de moradia. Então eles sempre estiveram presentes durante esse movimento da secretaria, quando a FUCVAM não vinha aqui alguém ia lá. Eles participavam das reuniões, nós promovíamos cursos. Fazia essa interação do movimento popular do Brasil, aqui de Pelotas, não é, e o de Montevideo. Possivelmente alguns deles lá devam ter diploma de participação de curso e cooperativismo habitacional. Vinha aqui em Pelotas o Ravier Vidal que era secretário, da informação, teve Gustavo Gonzáles, conhecido como Che Guevara da atualidade, hoje está sediado em Honduras, tem várias publicações da FUCVAM. E eles fazem uma experiência prática de vida. São engenheiros que também pegam no carrinho de mão, também, carregam os tijolos, que praticam essa relação de solidariedade.

Mas, então voltando à comunidade da Ceval, eu disse a eles que era mais prático num primeiro momento nós montarmos uma associação comunitária que com o tempo possa virar uma cooperativa. Porque como eu te disse a eles vamos nos educar, vamos nos preparar pra isto, porque o dia que montar a cooperativa todos

tem que estar conscientes das suas obrigações, porque na verdade a gente sempre fala dos direitos. Eu tenho direito a habitação, tenho direito a..., mas nós também temos deveres. Não existe sociedade só de direitos. (*Comentar a segunda norma da ética*)

A esquerda fala muito dos direitos e a direita fala muito dos deveres.

Na verdade, essa sociedade da ajuda mútua estabelece os direitos e os deveres, porque se não as pessoas acham que só tem direitos. O que é um equívoco! Tem que ter a contribuição de todos. Isto é estabelecido no CNPJ, como se deliberam as questões. Pra quê que se funda a associação, quais são os seus objetivos e como é que se delibera e que quorum deve ter. Registrado em cartório, essa coisa toda, que com o tempo poder se transformar numa cooperativa. Como eu disse, não é, no Uruguai eles levam quatro cinco anos num processo de educação, depois eles constroem em dezoito meses, porque o mais difícil não é construir a moradia. O mais difícil é mudar comportamento. É educação. Isso é que é difícil! É nós tirar das pessoas a questão do individualismo, é tirar das pessoas essa coisa que se pensa só nela, não é. Tirar essa coisa mercadológica e colocar outros valores, da solidariedade, da igualdade. Por isso é que é importante que todos participem, todos. Não é porque o cara é presidente da cooperativa que não vai dar a contribuição dele. Ele vai dar sim, igual aos outros. E aí é que tu vais na prática, desenvolver na prática, desenvolver realmente a igualdade. Ser igual a todos e ter algumas tarefas que tu tens que cumprir. Alguns são delegados pra exercer a executiva, exercer a direção, que inclusive na cooperativa ela tem que ser renovável. No máximo um terço da direção pode ser mantido, até porque eles também compreendem o seguinte: não adiante mudar tudo de uma hora pra outra. Há a preservação de um terço que é pra dar continuidade. Quem está na direção tem uma certa vivência, mas tu tens que oportunizar a renovação.

Temos que aprender a conviver nas diferenças. E como no trabalho lá uns vão rebocar, uns vão chapiscar, outros vão sentar tijolos, uns vão ter habilidades, mais pra uma coisa outros vão ter habilidades pra outras, outros vão ser segurança da obra, outros vão pintar. Então isso tem que ser compreendido, e compreendido o que cada um tem de valor pra agregar a organização. Porque não são todos iguais. Ah eu trabalho mais e o fulano trabalha menos! Então essas coisas as pessoas tem que perceber. Talvez trabalhe menos, mas talvez trabalhe com mais qualidade, não é. Talvez o trabalho dele seja mais qualificado, talvez ele não tenha tanta

força quanto outro tenha. Então tu tens que perceber as diferenças, não é, e ter um mínimo de compreensão. A FUCVAM foi fundada em 1970. Os parlamentares do Uruguai foram buscar essa experiência na experiência sueca, certo. Tem referência no centro cooperativo sueco, tem referência nos belgas. Quando eu estive na América Central, eu estive com eles. Estive com o centro de cooperativas sueco, estive com os belgas, que são quem deu sustentação inicial pra começar o sistema cooperativo, que começou no Uruguai a partir do movimento sindical. Eu tenho no Gustavo Gonzáles (uruguaio de Montevideú), como havia te falado antes, como o Che Guevara da atualidade. Da luta não armada, mas da luta da mudança de comportamento, da mudança de valores da sociedade. Hoje ele é contratado pelo centro cooperativo sueco, pra ti entender, ele é mais ou menos comparando com o futebol ao nosso Ronaldinho. Esse cara é o cara que está contratado pelo centro de cooperativas sueco para fomentar cooperativas na América Central. Inclusive eles estão montando uma cooperativa habitacional que está em andamento. Porque lá o movimento ele funciona, não é, lá no Uruguai. Porque há um respeito muito grande pela diferença. Porque quando nós estamos num movimento nós estamos num movimento. Não estamos com um bóton do PT ou do PC do B. Não há confusão partidária. Um movimento cooperativista ele é apartidário, não é. Ele não pode ter vinculação partidária ideológica, nenhum tipo de discriminação ideológica, ele é aberto, livre. Só que os conceitos que ele trás são os conceitos da liberdade, da democracia. Conceitos que a esquerda trabalham. Então 95% deles são da "frente ampla." É uma esquerda que conseguiu se construir enquanto esquerda, as lideranças da FUCVAM não concorrem a nada. Há um pacto entre eles. Nós somos um movimento social. Se algum dia algum de nós tem que se afastar do movimento tem que deixar passar bastante tempo pra depois concorrer. Quem está na liderança de qualquer uma das cooperativas do movimento não pode concorrer. A mudança na comunidade Ceval ainda vai depender muito deles, por que nós queiramos mudar. Por isso que a mudança é cultural. A gente faz a propaganda, dos princípios, não é, mas a gente não vai obrigar ninguém a participar, então nós temos é que despertar a importância disto, ajudar eles a lutar coletivamente e experimentar. Luta, quando a gente experimenta lutar coletivamente a gente experimenta uma energia que passa pra todo mundo e que todo mundo experimenta. Tô lutando, e a gente às vezes conquista alguma coisa e essa conquista às vezes nos anima. E nota que coletivamente a gente pode chegar lá,

individualmente a gente nunca vai chegar. Quem experimenta a luta coletiva com certeza nunca mais vai se esquecer disso. *Na medida em que jamais será o mesmo.*

Tem gente que pergunta: Tu vais para câmara pra lutar pelos outros? Eu digo: Não, eu vou para a câmara pra lutar junto com os outros. Não adianta eu lutar por ti. Tu tens quê querer. Para uma organização funcionar tem que haver um clima de confiança mútua. Se tu errar eu não vou achar que errou pra prejudicar me prejudicar ou prejudicar a organização. Existem recursos no governo federal pra eles trabalharem, como no MMA. E isso é uma coisa que eu posso ajudar, e a Universidade pode ajudar também através da formatação do projeto.

Questões de cunho técnico referentes ao do ecomunitarismo

1. Tu sabes o que é ecomunitarismo?

Olha, o que eu sei do eco-comunitarismo é o que eu acompanho do trabalho da Jara, que busca a organizar a comunidade e despertar pra questões ecológicas ambientais. Integrar a comunidade a esses conceitos, não é.

2. Tu sabes o que Educação Ambiental?

EA pra mim é trazer consciência para a população com relação a água ao solo ao ar; a consciência de que todos como diz o Eduardo Galeano como dia naquele livro dele, "De pernas pro ar", onde um índio dizia que todos são filhos da natureza, então quando a gente agride a natureza estás agredindo a gente mesmo. Então é o despertar desses conceitos, conceito da natureza, da necessidade da preservação do meio ambiente que preservar o meio ambiente é preservar as pessoas e construir a sustentabilidade do planeta, não é. Eu inclusive participei de alguns debates sobre isso aí. Acho interessantíssimo e do momento, não é, a preocupação com o ambiente é algo que está presente na mídia nacional, internacional e que hoje é lei nas escolas. Eu fui numa escola, Padre Anchieta, aqui no Areal, e fiquei sensibilizado com crianças da quinta série discutindo meio ambiente. Acho que está se dando uma educação que eu não tive oportunidade na minha época, e sei que terão conseqüências positivas para o planeta todo esse processo de educação.

3. O que é educação ecomunitarista pra ti?

É como eu bestava te dizendo antes, não é. Primeiro, comunitário vem de comunidade, então, comunidade é as pessoas perceberem que são vizinhas umas das outras, conjuntos e que precisam se organizar para enfrentar seus

problemas comuns. Juntando, como eu tinha dito antes, a questão do ecomunitarismo com a questão do meio ambiente. Porque nós também não podemos ver o meio ambiente como uma coisa separada das pessoas. As pessoas fazem parte do meio ambiente. Portanto, a qualidade de vida delas e acesso aos serviços e com consciência do que elas acessam, o canal do São Gonçalo, o canal do Santa Bárbara, pra mim é isso, não é, é essa questão ambiental com essa questão da comunidade, da consciência.

4. Que tipo de ação social busca a EA Ecomunitarista?

Ela busca uma educação que, por exemplo, que é bem simples, que é até aproveitamento dos resíduos sólidos, papel papelão, não é. Então ela busca a reutilização, que é um dos erres, um dos três erres que é reciclar, reutilizar e despertar a consciência porque disso, não é. Porque tem uma máxima da química que nada se cria tudo se transforma. Então você desperta isso na comunidade, se busca projeto social desses conceitos e a partir daí auferir renda da reciclagem.

5. O que é a ordem socioambiental ecomunitarista?

Isso aí eu não saberia te dizer.

6. Tu tens conhecimento das três normas fundamentais da ética ecomunitarista?

Não. Não tenho conhecimento.

Questões de cunho pessoal

7. Esse trabalho de alguma forma mudou o teu ponto de vista político?

Com certeza. Ele veio reafirmar alguns conceitos nossos de que é de que as pessoas devem definir o seu futuro. Mas ela me mostrou que populações bastante pobres, como essa que a gente esta falando, bastante empobrecida e de exclusão social, que é possível a organização, que é possível um mínimo de relacionamento, um mínimo de ética e que é possível despertar conceitos em relação ao meio ambiente que eu, nas experiências que eu vivo por aí, isso é muito difícil. Porque as pessoas tem que pensar o quê que eu vou comer hoje, se eu vou ter alguma coisa pra comer, será que eu vou conseguir sobreviver. Ainda ficar pensando em comunidade, ficar pensando em meio ambiente é algo que eu realmente não acreditava. Ao chegar numa comunidade tão pobre como aquela, e aí é que tá o trabalho do ecomunitarismo, o trabalho da Jara, que estavam preparados. Minimamente preparados, mínimas condições pra conseguir pelo menos vislumbrar pra onde eles deveriam ir. Coisa que nós da administração não sabíamos. E com

certeza os meus conceitos em relação a essas comunidades mudaram de que é possível sim, mas é possível a partir de processo de educação como o que foi feito lá.

8. Mudou o teu ponto de vista em relação às comunidades carentes (pobres)?

Na verdade eu te diria o seguinte: o pessoal quanto mais pobre, menos ético, mais vendido no processo eleitoral, menos confiável. Uma população de quê quem passou por último e deu o último saco de arroz e deu o último sacolão leva, não é. Eu te diria o seguinte: que é possível, mesmo com essa população..., mas é claro, num processo de médio prazo, longo, vários anos, mas mostra que ainda o ser humano diante daquela situação que eles viviam ainda são seres humanos, ainda são sensíveis, que é possível resgatar sim. Coisa que toda a minha leitura, todas as minhas relações davam conta do contrário, ou que as experiências da América Latina não dão conta dessa possibilidade. Tanto é que quando eu FUCVAM eu falo em uma população de dois três salários mínimos pra cima, pra baixo a gente acredita que as pessoas estão tentando sobreviver. Isto me mostrou que é possível. Com muito aporte de educação é possível sim.

9. Mudou a visão que tu tinhas do teu papel na sociedade?

Olha o meu papel na sociedade. Não, eu acho que ele consolidou, me deu mais consciência do que ele é. Até hoje tenho uma relação muito respeitosa com aquela comunidade, porque também não a utilizo como massa de manobra, tenho uma relação respeitosa com eles, ética com eles, não é. E com certeza me deu a consciência maior ainda de que o compromisso é com os excluídos da sociedade, que alias é uma mudança que o partido dos trabalhadores também tá chegando nesse povão. Não faz muito tempo o meu partido deu muito em cima da classe média, com os intelectuais e chagava pouco lá na ponta, não é. Porque um pouco da vitória do Lula se deu por ele ter conseguido chegar mais na ponta, no povão mesmo, não é. Mas pra chegar lá, o PT teve que fazer muitas mediações, que estão aí pra gente discutir, questionar em relação a isso aí.

10. Mudou a tua visão em relação à Universidade?

Em relação à Universidade, eu fiquei mais crítico. Porque se por um lado a gente vê o trabalho, o trabalho da Jara, ela é uma guerreira, que foi muito mais por ela ter acreditar por um ideal, do que por iniciativa da Universidade. Aquilo não é um projeto de iniciativa da Universidade. Eu não vi a Universidade por trás

daquele projeto, eu vi a Jara, enquanto seu compromisso social, enquanto acreditação naquilo ali que conseguiu mobilizar parte da Universidade a se inserir naquele projeto ali. A Universidade ainda é elitista, excludente, não é, é ainda dos setores médios da sociedade que faz muito discurso, critica... Eu estou falando tanto da Universidade Católica quanto da Universidade Federal. Ainda a Universidade é algo totalmente a parte. E quando eu acho que é um dos grandes problemas nossos aqui; porque nós temos a prefeitura que é uma máquina de fazer política, de programas de inclusão social, mas nós temos as Universidades, e que são aqueles que produzem, que investigam e que fazem ciência, e que muitas vezes acabam criticando o próprio poder público municipal aqueles que deveriam discutir também, não só fazendo críticas aos governos em geral mas também apontando soluções. Eu te pergunto, por exemplo, qual é solução do lixo em Pelotas? A Universidade Católica discute isso? A Universidade Federal discute isso? Não discute. É um dos grandes dilemas o que fazer com o lixo? Com quase cento e setenta toneladas de lixo por dia. O que fazer com isso? Então não há discussão. Então pra mim a Universidade está distante da sociedade, ainda é de uma elite e que não tem compromisso social, embora todo o discurso. Admito que existem trabalhos pontuais em várias áreas, mas a Universidade não está voltada pra isso, a Universidade Católica e a Universidade Federal. A Universidade brasileira de forma geral está desconectada. Por quê? Eu sou o saber, eu discuto..., tá bem, a Universidade é o lugar da dúvida, do questionamento, tá ótimo, entendeu? Só que ela tem que estar inserida lá na comunidade sabendo o que está acontecendo e propondo isso, propondo realmente a transformação. E eu não vejo a Universidade fazendo isso. Nem a Católica nem a Federal. Eu vou dizer uma coisa aqui pra ti. Eu também não acreditava. Sabe o que é que chegava de informação aqui pra mim do governo? A Jara era uma pessoa, uma pessoa que acredita naquela gente, só louca pra acreditar naquela gente, não tem crédito. Então me chegou informação de tudo que é tipo. Só que eu não sou um cara preconceituoso. E fui lá ver quem era essa Jara, o que é que ela tava fazendo e aprendi a respeitá-la, assim como ela respeitou o meu trabalho. Pra mim foi algo de muito valor ter recebido aquela lembrança. Depois de, um sem ser mais secretário, sem ser secretário ainda, eu acho que estavam ali as pessoas que valorizaram o meu trabalho.

11. O que tu achas que mais mudou em ti?

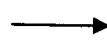
É muito difícil, a gente nunca é mais do que a gente era antes, não é. Tem um ditado que diz que tu não vai ser hoje o que tu já foi ontem, não é. Tu tá sempre acumulando, sempre mudando. E eu aprendi com aquela comunidade lá, de acreditar no ser humano. Essa coisa de igualdade de solidariedade, isso firma mais na gente os conceitos que gente tem. Conceitos bonitos que a gente pode falar sobre eles, discutir sobre eles. Uma coisa que emana das pessoas que é legal, que qualquer barraco que tu entras tu sentes a energia que emana das pessoas. Por mais sofridas que seja as pessoas, tu sentes a energia que do amor da esperança, da solidariedade. Tu firmas estes conceitos. Então firmaram em mim esses conceitos de igualdade. Ela foi muito feliz no que ela disse no encerramento: "Eu tava lá lutando e fui achando parceiros, fui achando os meus anjos". E a gente ajudou a consolidar.

MAPAS E FOTOS

VISTA AÉREA DO TREVO, CEVAL E LOCAL DAS ANTIGAS MORADIAS



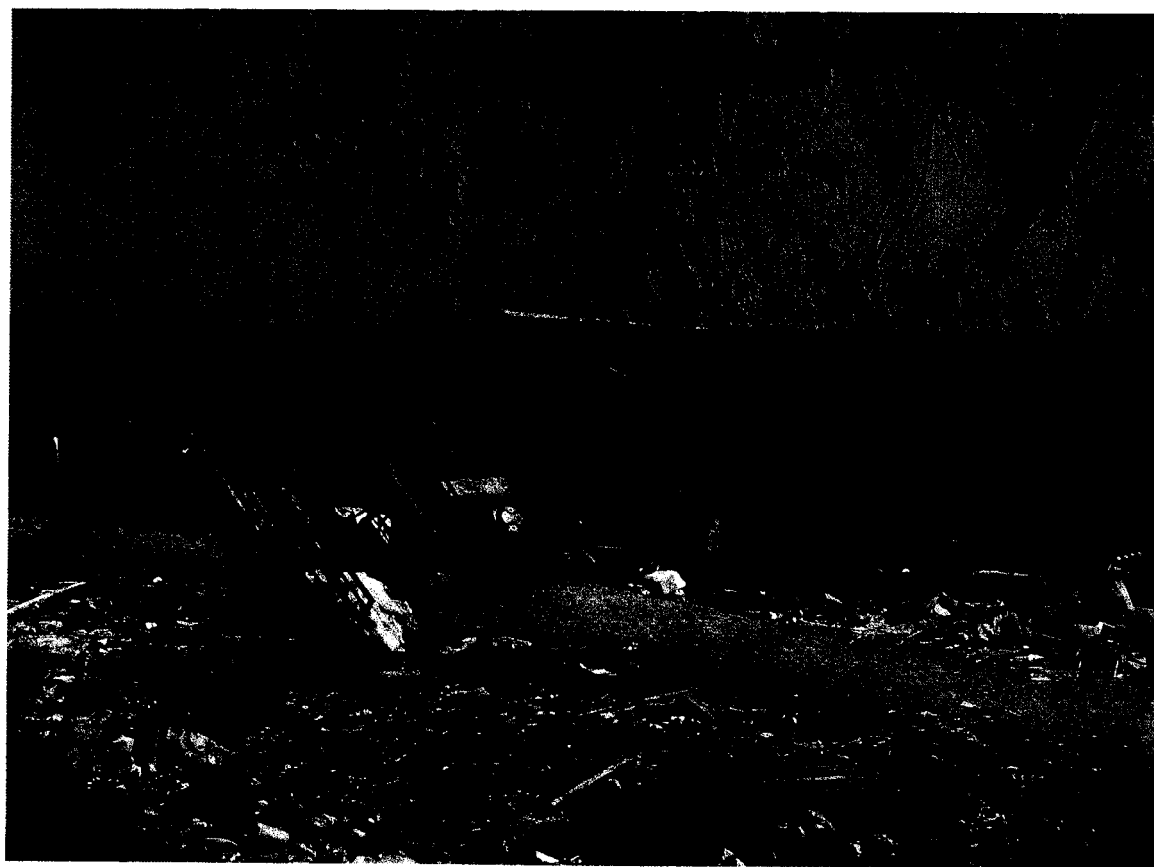
CEVAL



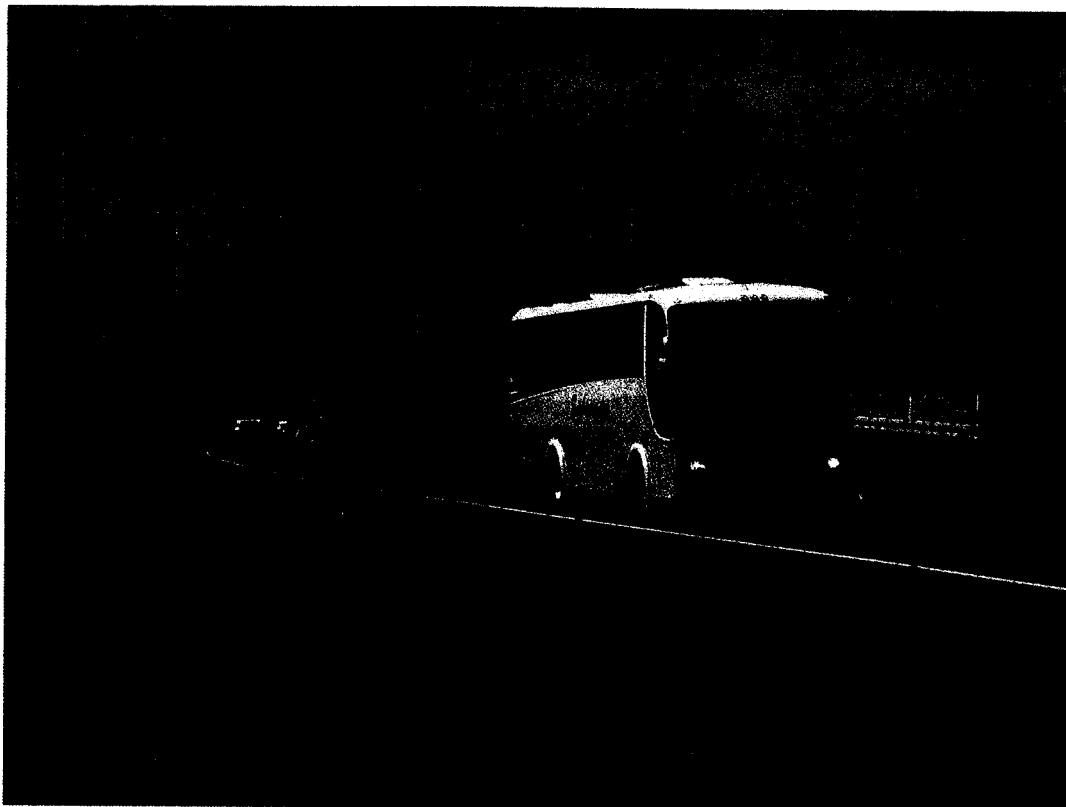
ANTIGAS
MORADIAS



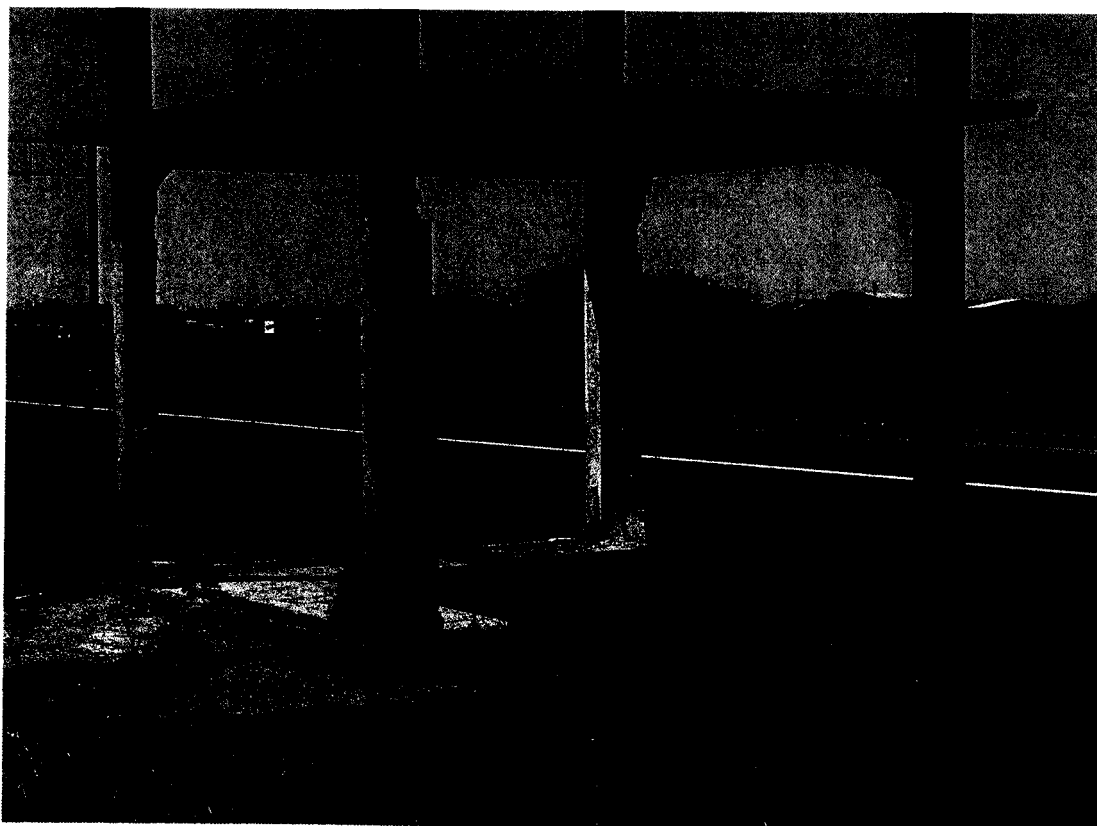
Brito, com microscópio, mostrando microorganismos à criança da comunidade



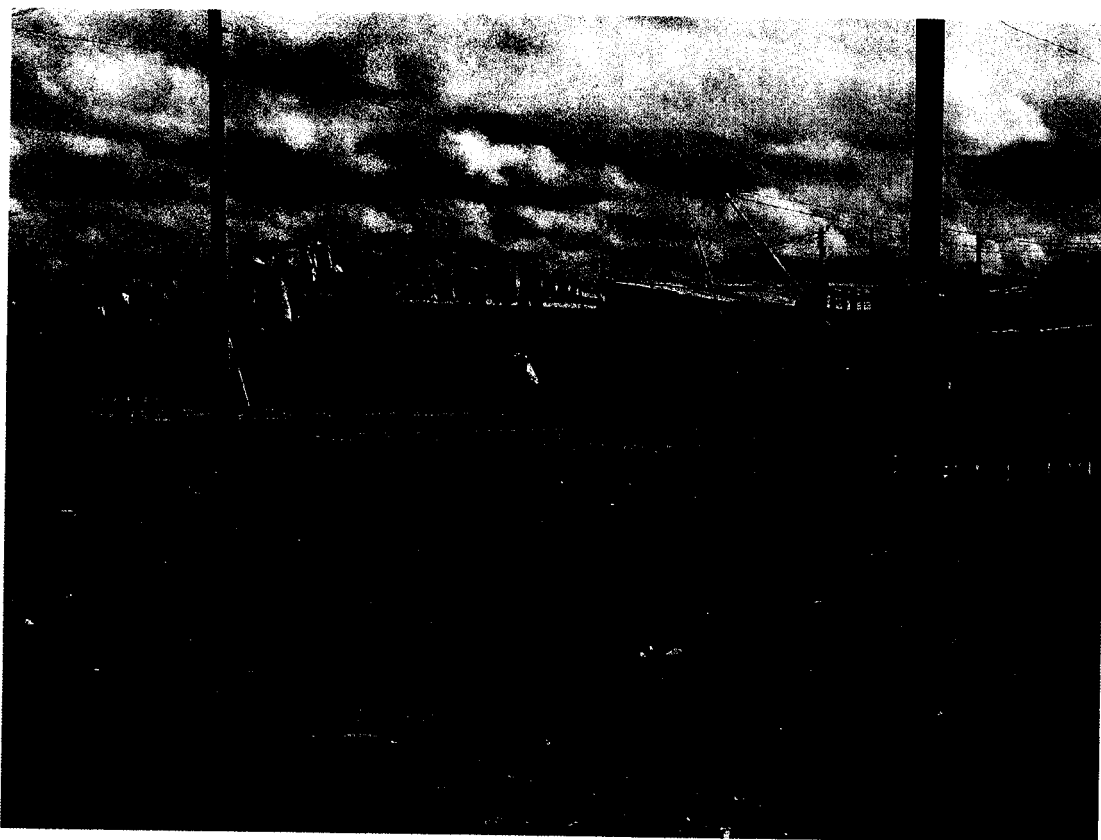
Antigo local, às margens do Canal Santa Bárbara



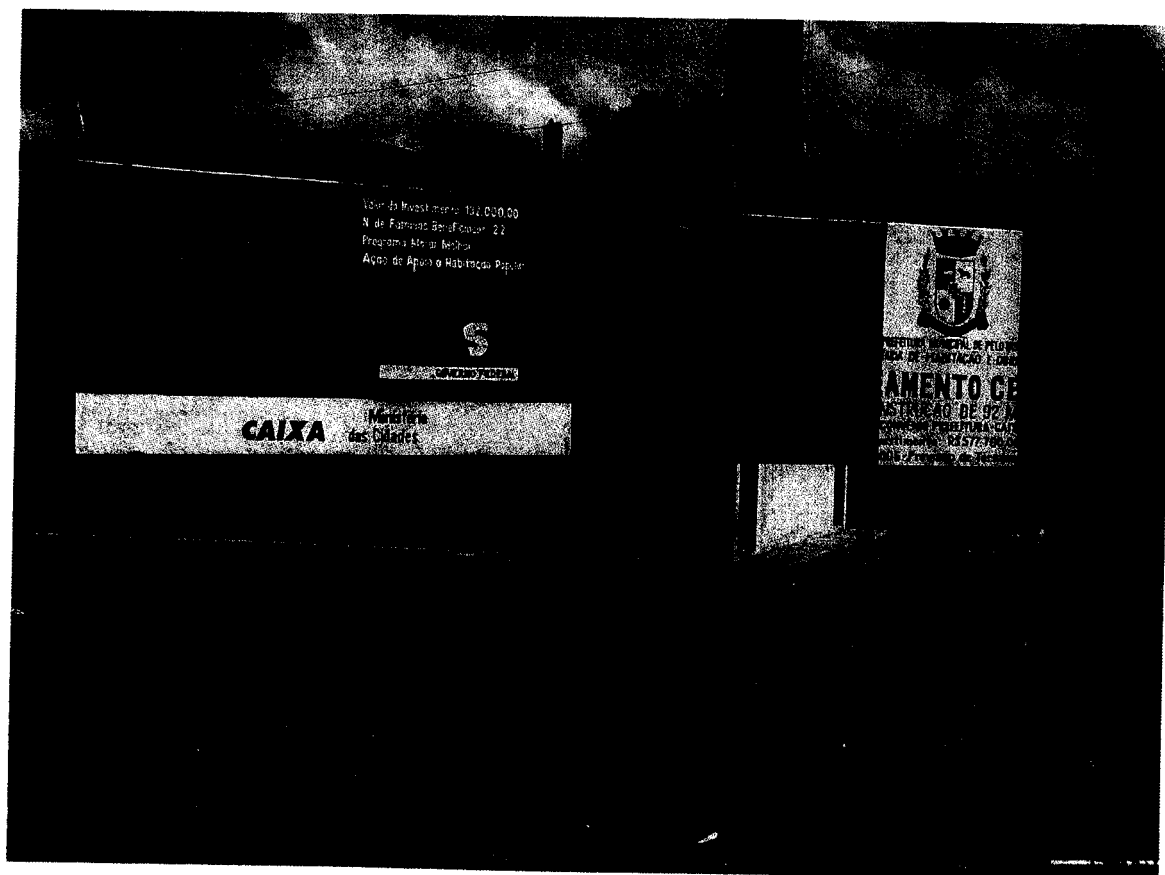
Antiga balança do Trevo onde funcionou a primeira escola



Ruína das balanças



Vista das primeiras bases de concreto



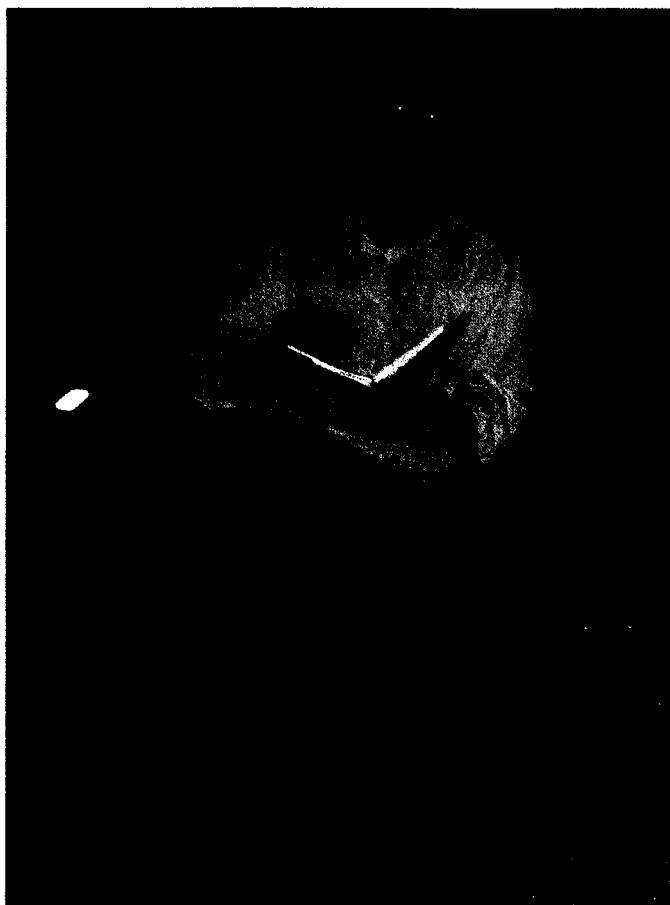
A realidade das moradias hoje



O que para a comunidade é passado



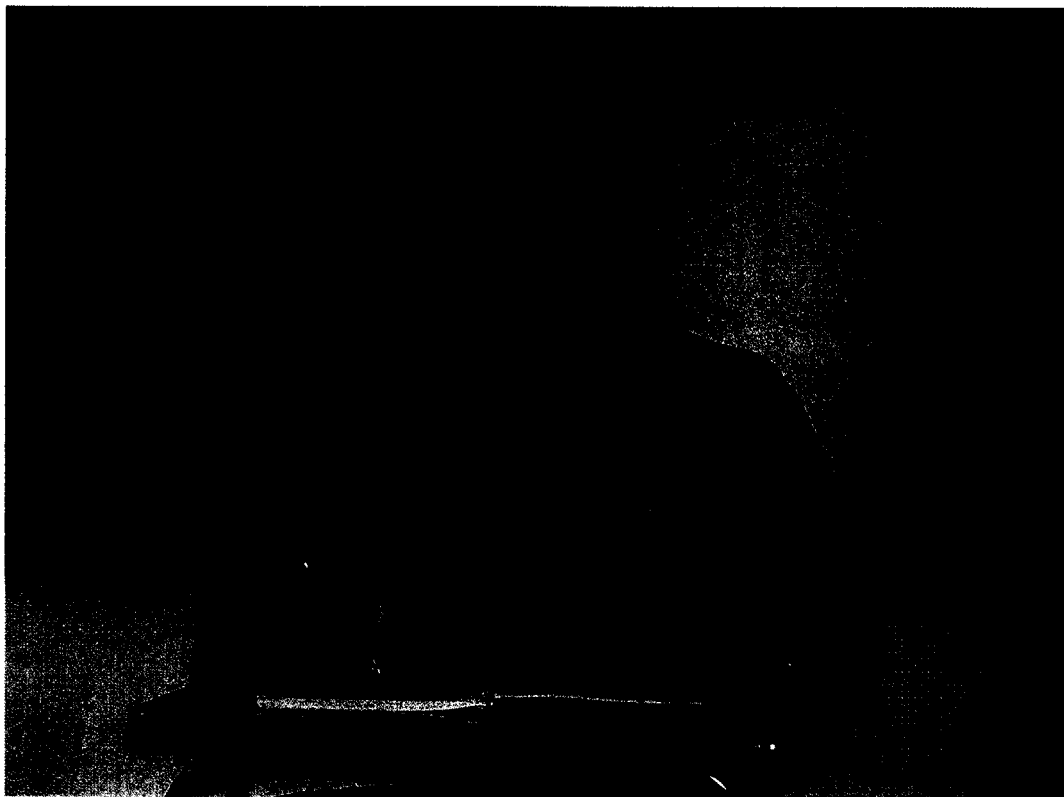
A realidade presente se concretizando na Ceval



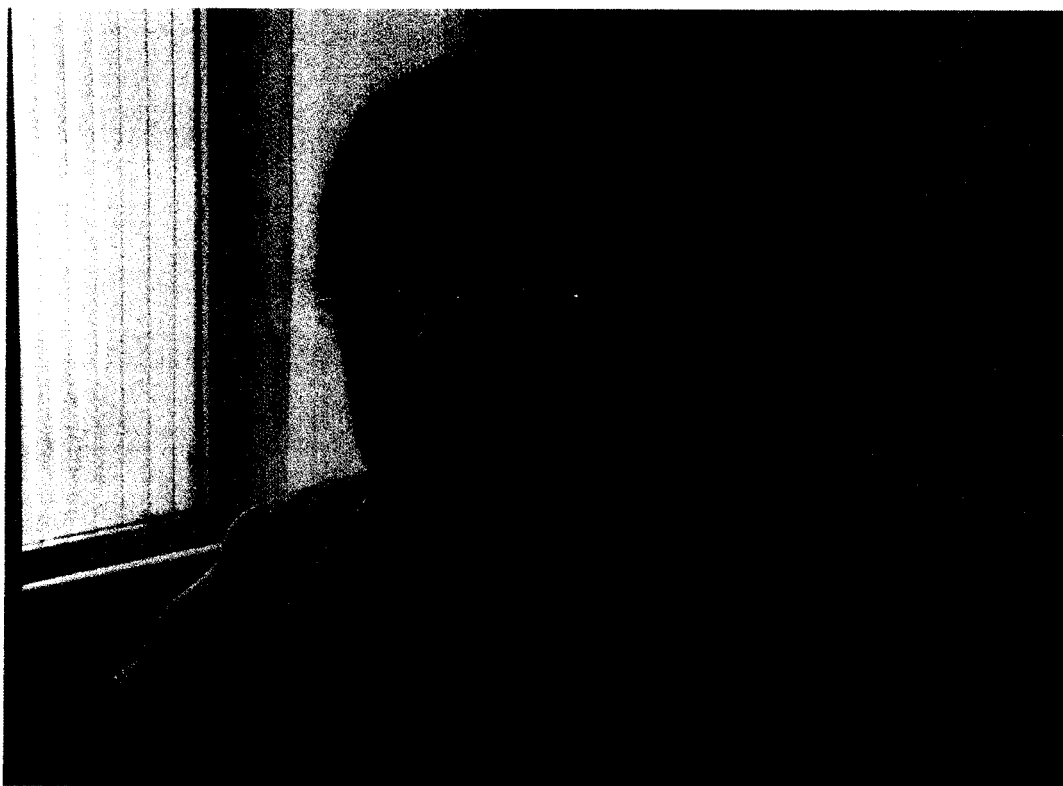
Prof. Marcus S. da Cunha



Profa. Neuza C. Silva



Prof. Renato Brito



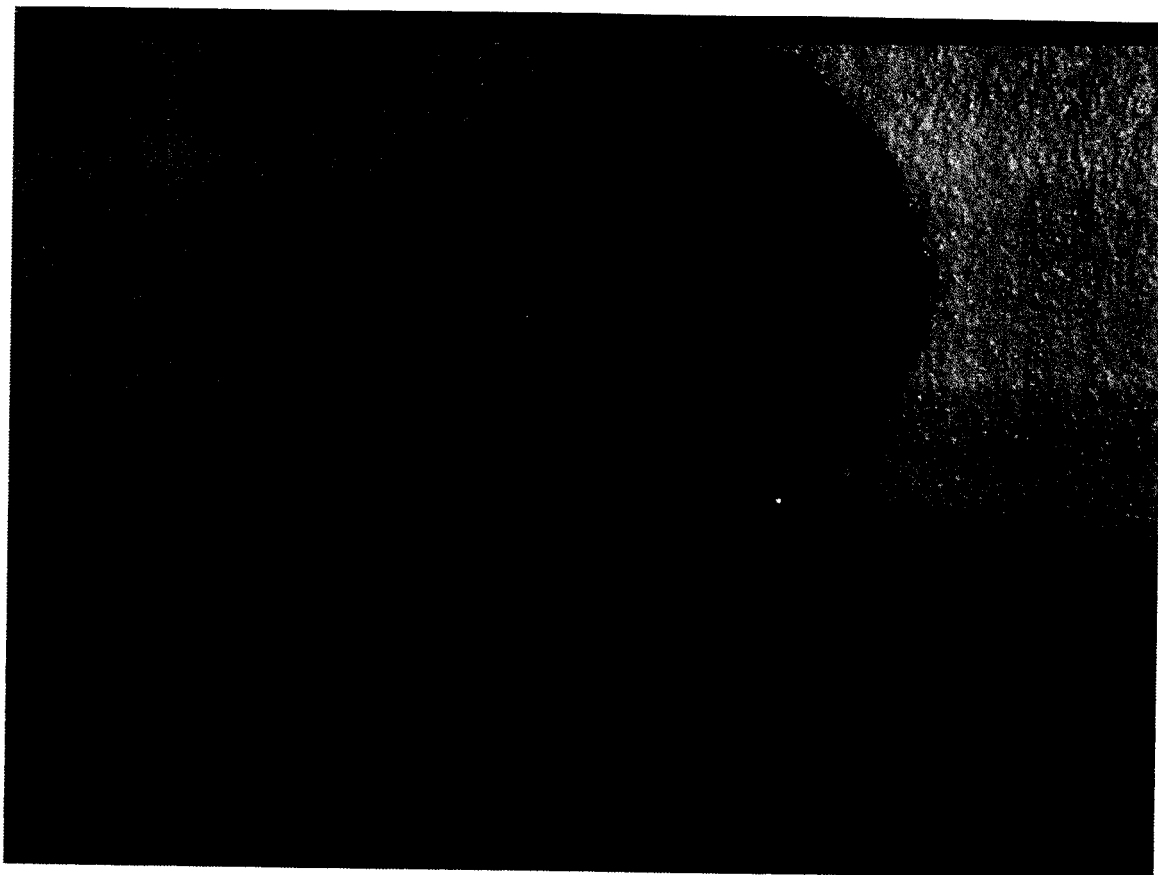
Vereador Arquiteto. Paulo Oppa



Líderes: Sr. Paulo Silva, Sra. Geneci Freitas e Sr. João Lázaro Ferreira



O que ficou para trás

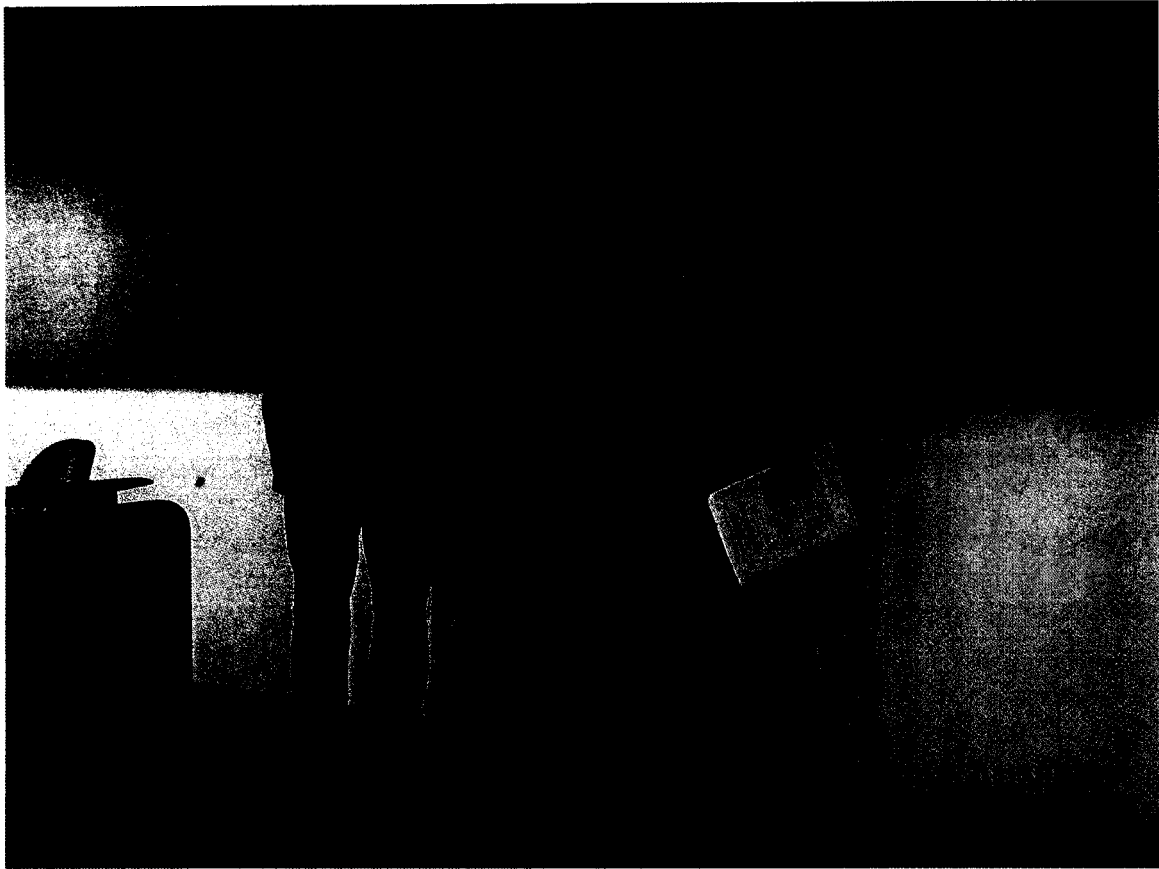


Professora Jara Fontoura da Silveira



Líder comunitária Sra. Gracinda Feijó

BANCA EXAMINADORA



Dr. Gomercindo Ghiggi, Dr. Humberto Calloni e Dr. Sirio Velasco (Orientador)